



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PPG
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS COM ÊNFASE EM
CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES
ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE-PPGREC**

ALLINNE SILVA SANTOS

Mulheres e Literatura no Ciberespaço

**Uma Ciranda de Mulheres em Profundanças 2: Feminismos, Escritas
de Si e Etnicidade**

**Jequié - Bahia
2020**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PPG
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS COM ÊNFASE EM
CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES
ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE-PPGREC**

Mulheres e Literatura no Ciberespaço

Uma Ciranda de Mulheres em Profundanças 2:Feminismos, Escritas de Si e Etnicidade.

ALLINNE SILVA SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC/UESB, como requisito para obtenção do título de Mestra em Relações Étnicas e Contemporaneidade, com foco em Etnias, Gênero e Diversidade Sexual.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Maria de Abreu
Barbosa

**Jequié - Bahia
2020**

S237m Santos, Allinne Silva.

Mulheres e literatura no ciberespaço. Uma ciranda de mulheres em Profundanças 2: feminismos, escritas de si e etnicidade / Allinne Silva Santos.- Jequié, 2020.
109f.

(Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, sob orientação da Profa. Dra. Adriana Maria de Abreu Barbosa)

1.Literatura 2.Ciberespaço 3.Mulheres 4.Interseccionalidade 5.ACD I. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II.

CDD – 809.89287

Rafaella Cância Portela de Sousa - CRB 5/1710. Bibliotecária – UESB - Jequié

ALLINNE SILVA SANTOS

**MULHERES E LITERATURA NO CIBERESPAÇO
UMA CIRANDA DE MULHERES EM PROFUNDANÇAS 2:
FEMINISMOS, ESCRITAS DE SI E ETNICIDADE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação, em Nível de Mestrado Acadêmico, em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *Campus* de Jequié.

Linha de Pesquisa 2: **Etnias, Gênero e Diversidade Sexual**

Aprovado em: 31 de março de 2020.


BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Adriana Maria de Abreu Barbosa – UESB
Presidenta da Banca/Orientadora



Profa. Dra. Lilian Almeida Oliveira – UNEB
Examinadora Externa



Profa. Dra. Ana Cláudia Lemos Pacheco – UNEB
Examinadora Interna

**Jequié- Bahia
2020**

Gravata colorida

Quando eu tiver bastante pão
para meus filhos
para minha amada
pros meus amigos
e pros meus vizinhos
quando eu tiver
livros para ler
então eu comprarei
uma gravata colorida
larga
bonita
e darei um laço perfeito
e ficarei
mostrando
a minha gravata
colorida a todos os que
gostam de gente
engravatada...

Solano Trindade (*O poeta do povo*, p. 89)

“Não tenho como achar que estar livre da intolerância é direito de apenas um grupo específico. E não tenho como escolher em que frente vou lutar contra essas forças discriminatórias, independentemente de que lado elas estejam vindo para me derrubar. E quando elas aparecerem para me derrubar, não irá demorar a que apareçam para derrubar você.”

Audre Lorde (*Irmã Outsider*, 2019, p.236)

“todas as revoluções
que eu desejo
começam por mim”

Ryane Leão
(*Jamais peço desculpas por me derramar*, 2019)

À todas as mulheres e pessoas CIS e TRANS escritoras, poetas e teóricas que tive a oportunidade de conhecer nessa jornada, às que já partiram e as que aqui estão e ainda resistem. Reexistindo.

Agradecimentos

Agradeço à FAPESB pelo incentivo e investimento na produção científica da Bahia, por todo apoio financeiro sem o qual eu não teria realizado esta pesquisa, sequer começado.

Ao PPGREC nas pessoas de Cidália Maria do Carmo, Jacson Bomfim, Izequiel Mendes dos Santos, Robson Roberto Silva e ao professor Dr.º Natalino Perovano, pessoas fundamentais para o funcionamento não somente do espaço físico, mas do programa, por serem profissionais dignos/as, respeitosos/as, cada um e uma me auxiliaram, me acolheram e me respeitaram enquanto ser humana, enquanto professora, profissional e pesquisadora.

À UESB, nas pessoas de um determinado número de profissionais por ainda estarem nesse espaço e insistir numa educação superior de qualidade e acessibilidade, trabalhando no ensino, pesquisa e extensão. Professoras e professoras que marcaram a minha vida de diversas maneiras que não há necessidade de mensurar.

À minha orientadora Adriana Barbosa, pelo seu nome, seu apoio, sua parceria, seu ombro sóror de confortos, suas orientações e iluminações em audios de WhatsApp de menos de um minuto, nos cafês pelo mundo etc. Sobretudo a compreensão e o respeito de ver numa jovem um potencial que nem mesmo ela acreditava. Uma mulher brilhante e fantástica, seu legado é a transformação das vidas que você toca. Uma Insurgente atemporal.

Agradeço a minha mãe, Adelina Chaves, uma mulher simples que teve uma vida sofrível, mesmo sem compreender a depressão e o transtorno do pânico, desde quando esses males vieram fazer parte da dança da minha vida, me deu apoio para enfrentar os momentos difíceis. À minha irmã, Nayane Silva pelos afetos e coragem. A Noah Silva por existir e eu ser o seu Romeu.

À Angélica Freitas, pela profissional de saúde mental e emocional mais humanizada, competente, um dos seres humanos mais intrigantes, fascinantes e consoladores que eu já tive a oportunidade de conhecer e reconhecer. Sem você para me ajudar no processo de autoconhecimento, me ajudando não somente a ver, mas a enxergar que todas as respostas estavam e estão em mim, e perguntas também, não teria sido suportável como foi essa caminhada.

As minhas amizadas amores, a melhor parte da vida, que me alimentam, me crescem, me florescem, me ensinam cada ser à sua maneira, com suas belezas, nuances, inteligências, sensibilidades, fizeram e fazem a minha vida possível, com amor: Naionara Maia, Alisson Argolo, Balaio Bonfim, Carlos Vinicius Almeida Leal, Tiago Pereira Santos, Renata Sobreira e Antonio Moraes Ferreira (In memoriam) e sempre na minha existência

À Aidil Araújo, uma mulher que abraça com sua presença, ilumina com sua sabedoria, encanta com sua poética. À Ana Mendes, mulher necessária, sua poesia pulsante e presença neste mundo é urgente. À Daniela Galdino, mulher, poeta, inúmera, que adentrou a minha vida e transformou todas as estradas. Queria oferecer o melhor trabalho, infelizmente sinto e confesso que fiz o que me foi possível diante da dor, distante da minha excelência e da excelência da escrita de vocês. Agradeço.

RESUMO

A Literatura produzida por escritoras brasileiras na atualidade tem ganhado força e expressividade nas redes sociais ou Ciberespaço. A apropriação literária pelas mulheres escritoras desse lugar que se configura de poder pela sua influência e alcance tem funcionado como instrumento para divulgação de seus escritos literários, seus trabalhos poéticos e performáticos no espaço do virtual e suas comunidades. Procurando traçar a importância que o Ciberespaço tem significado para as mulheres escritoras em suas diversidades, por oportunizar que seus trabalhos poéticos tenham o direito a voz e vez, foi o caminho que essa pesquisa percorreu a partir do conhecimento da Antologia Literária e Fotográfica *Profundações 2*, livro publicado virtualmente, organizado pela escritora Daniela Galdino. Fez-se mister compreender a discussão que o projeto semiótico do livro virtual suscita: a importância das mulheres em produzir literatura e a urgência de que essa literatura seja acessível. Para compreender tais processos, passaremos noções de identidade, feminismos, escritas de si por meio de suas narrativas. Para tanto, escolhemos duas escritoras por suas representatividades étnicas e de gênero, sendo elas: a escritora negra cachoeirense Aidil Araújo; e a poeta lésbica potiguar, Ana Mendes, a fim de adentrar e conhecer a ciranda de mulheres que a escritora Daniela Galdino propôs com essa reunião interseccional de mulheres, pessoas Trans e não binárias. Analisar o quanto a poética dessas mulheres afeta, transforma, subverte socialmente às ordens, leis e estereótipos, e o quanto resiste aos movimentos contrários à invisibilidade das mulheres na literatura. Utilizando como metodologia de pesquisa a Etnografia Virtual e metodologia de análise do corpus a Análise Crítica do Discurso, por uma perspectiva interdisciplinar, almejando a transdisciplinaridade, nos apoiamos nas diversas áreas do conhecimento, tais como: Os estudos da Crítica e Teoria Feminista, dos estudos Interseccionais, da Antropologia, da Filosofia, da Psicanálise, da Tecnologia da Informação, das Ciências Sociais, dentre outras, com o intuito de compreender e identificar os discursos produzidos em *Profundações 2* e suas tecnologias narrativas.

Palavras chave: Literatura, Ciberespaço, Mulheres, Interseccionalidade e ACD.

ABSTRACT

The literature produced by Brazilian writers today has gained strength and expressiveness in social networks or Cyberspace. The literary appropriation by women writers of this place that is configured by power by its influence and scope has functioned as an instrument for dissemination of their literary writings, their poetic and performative works in the space of the virtual and their communities. Trying to trace the importance that Cyberspace has meant for women writers in their diversity, by providing opportunities for their poetic works to have the right to voice and turn, was the path that this research went from the knowledge of the Literary and Photographic Anthology *Profundanças 2*, a book published virtually, organized by the writer Daniela Galdino. It was necessary to understand the discussion that the semiotic project of the virtual book raises: the importance of women in producing literature and the urgency of this literature being accessible. To understand such processes we will go through notions of identity, feminisms, written of themselves through their narratives. To this end, we chose two writers for their ethnic and gender representations, including: the black cachoeirense writer Aidil Araújo; and the lesbian poet, Ana Mendes, in order to enter and know the circle of women that the writer Daniela Galdino proposed with this intersectional meeting of women, Trans people and non-binary people. Analyze how much the poetics of these women affects, transforms, socially subverts to orders, laws and stereotypes, and how much resists movements contrary to the invisibility of women in literature. Using virtual ethnography and the methodology of corpus analysis as a research methodology, critical discourse analysis, from an interdisciplinary perspective, aiming at transdisciplinarity, we support ourselves in the various areas of knowledge, such as: The studies of Feminist Criticism and Theory, intersectional studies, anthropology, philosophy, psychoanalysis, information technology, social sciences, among others, in order to understand and identify the discourses produced in *Profundanças 2* and its narrative technologies.

Keywords: Literature, Cyberspace, Women, Intersectionality and ACD.

RESUMEN

La literatura producida por escritoras brasileñas hoy en día ha ganado fuerza y expresividad en las redes sociales o en el ciberespacio. La apropiación literaria por parte de mujeres escritoras de este lugar, que se configura como poder por su influencia y alcance, ha funcionado como un instrumento para la difusión de sus escritos literarios, sus obras poéticas y de performance en el espacio de lo virtual y sus comunidades. Tratando de rastrear la importancia que el ciberespacio ha significado para las escritoras en sus diversidades, al permitir que sus obras poéticas tengan derecho a expresarse y girar, fue el camino que tomó esta investigación desde el conocimiento de la Antología literaria y fotográfica Profundaças 2, libro publicado virtualmente, organizado por la escritora Daniela Galdino. Era necesario comprender la discusión que plantea el proyecto semiótico del libro virtual: la importancia de las mujeres en la producción de literatura y la urgencia de que esta literatura sea accesible. Para comprender estos procesos, revisaremos nociones de identidad, feminismos, escritos sobre sí mismos a través de sus narraciones. Para este fin, elegimos dos escritoras por su representatividad étnica y de género, a saber: el escritor negro de Cachoeireense, Aidil Araújo; y la poeta lesbiana de Rio Grande do Norte, Ana Mendes, para ingresar y conocer el círculo de mujeres que la escritora Daniela Galdino propuso con esta reunión interseccional de mujeres, personas transy personas non binarias. Analice hasta qué punto la poética de estas mujeres afecta, transforma, subvierte socialmente los órdenes, las leyes y los estereotipos, y cuánto resisten los movimientos contra la invisibilidad de las mujeres en la literatura. Utilizando la etnografía virtual y la metodología de análisis de corpus como análisis crítico del discurso, desde una perspectiva interdisciplinaria, con el objetivo de transdisciplinaria, confiamos en varias áreas de conocimiento, tales como: Estudios críticos y teoría feminista, estudios Interseccional, Antropología, Filosofía, Psicoanálisis, Tecnología de la Información, Ciencias Sociales, entre otros, para comprender e identificar los discursos producidos em Profundaças 2 y sus tecnologías narrativas.

Palabras clave: Literatura, Ciberespacio, Mujeres, Interseccionalidad y ACD.

LISTA DE FIGURAS

1. Capa de <i>Profundações 2</i>	14
2. Daniela Galdino	42
3. Aidil Araújo	43
4. Ana Mendes	43
5. Pesquisadora Insider	56
6. Mesa de escritoras na FLIFS 2018	57
7. Ciranda de <i>Profundações 2</i> na FLIFS 2018	58

LISTA DE SIGLAS

CIS: Cisgênero é a pessoa que se reconhece como pertencendo ao gênero que foi compulsoriamente designada ao nascer devido ao sexo biológico. Ou seja, nasceu com um pênis e por conta disso, foi compulsoriamente designado como homem e se reconhece como homem; nasceu com vagina e foi compulsoriamente designada como mulher, e se reconhece como mulher.

TRANS: Transgênero é a pessoa que possui uma identidade de gênero oposta ao sexo designado biologicamente ao nascer, ou seja, a criança nasce com um pênis, é um homem ou com uma vagina é mulher. Pessoas transgênero não se identificam com seus sexos biológicos. Podendo ou não se identificar enquanto Mulher Transgênero (oposto ao sexo do nascimento), Homem Transgênero (oposto ao sexo do nascimento). Como também a Transgeneridade não binária, pessoas que são Transgênero contudo não se identificam com o binarismo homem/mulher. Não se sentindo confortável em ter que se colocar numa categoria de gênero.

SUMÁRIO

1. Início da viagem	13
2. Literatura e Ciberespaço: Invenção de Si e Etnicidade	16
2.1. Produção Literária de mulheres	20
2.2. Ciberespaço	23
2.3 Identidades e Invenção de si, o exercício de contar-se	26
2.4. Feminismos e Escritas de si	30
2.5. Etnicidade e Pertença Étnica	41
3. Metodologia: Etnografia Virtual e Análise Crítica do Discurso	51
3.1. Etnografia virtual, conceito, aplicação e experiência.....	52
3.2. Análise Crítica do Discurso como método de análise do corpus	60
4. Análise da Obra: Criadoras numa Ciranda	65
4.1. Percurso criador: Daniela Galdino, Aidil Araújo e Ana Mendes.....	66
5. Uma Ciranda de Mulheres: redes poéticas de Re-existência	87
Referência Bibliográfica	92
Anexos	96

1. Início da viagem

Odiadores não representam a totalidade do mundo. Este livro é dedicado aos seres que amam

Daniela Galdino em Espaço Visceral, 2017.

Este trabalho se configura numa viagem de busca e investigação para compreender como a Literatura produzida por mulheres na atualidade tem ganhado força e expressividade nas redes sociais, para tanto, partiremos da antologia literária e fotográfica [Profundanças 2](#), projeto organizado pela poeta e performer Daniela Galdino. Ao passo que analisaremos sua movimentação enquanto escritora que estimula outras escritoras, também analisaremos a sua produção literária dialogando com a de outras duas escritoras que também figuram em *Profundanças 2*, são elas Aidil Araújo e Ana Mendes.

A internet ou espaço virtual, ou ainda como chamaremos a partir de agora *Ciberespaço*¹, tem sido utilizado como ferramenta para tornar a produção literária, a literatura atual, pública e acessível. O ciberespaço oferece uma independência com relação à produção na medida em que as escritoras não necessitam do intermédio de uma editora para expor seus textos, antes produzem diretamente em blogs pessoais, nas redes sociais como Facebook, Instagram, em páginas voltadas para a Literatura de autoria feminina etc.

Por uma necessidade de maior conhecimento e aproximação sobre a temática *Mulheres e Literatura no Ciberespaço*, sobretudo como tem se dado essa relação no processo de produção literária de mulheres escritoras no espaço virtual e seu impacto sociocultural, é que nasceram os questionamentos que buscaremos responder: Estão se reescrevendo enquanto seres sociais? Estão se reescrevendo e modificando o ser mulher/mulheres? Estão buscando modificar a realidade em que vivem com o instrumento que lhes está ao alcance, a linguagem escrita, a literatura?

Entendendo o Ciberespaço como um lugar de poder é importante compreender como tem se dado esse empoderamento por parte das mulheres escritoras, pois o ciberespaço oferece autonomia e facilidade em vincular, agregar e disseminar textos, onde a rapidez e fluidez das informações imperam. Espaço que possibilita, também, que as escritoras sejam lidas com tal facilidade que, provavelmente, não teriam se dependesse das editoras e publicações impressas propagandeadas pela grande mídia nacional.

¹ O termo surgiu com o autor de ficção científica William Gibson, em 1984 a partir da publicação do livro "Neuromancer". Foi utilizado para designar um ambiente artificial onde trafegam dados e relações sociais de forma indiscriminada

Reside, neste fato, o imprescindível desejo de entender como esse espaço ao mesmo tempo facilita e interfere na produção literária das três escritoras escolhidas a partir da antologia fotográfica e literária *Profundanças 2*. Mulheres que se autodenominam transgressoras, buscando marcação para suas produções, dialogando com Woolf (1996) quando esta afirma que “os escritos de uma mulher são sempre femininos, não podem deixar de sê-lo; quanto melhor, mais feminino; a única dificuldade é definir o que entendemos por feminino”. Não somente com o intuito de fomentar debates sobre a representatividade das mulheres nas artes, a invisibilidade no mercado editorial brasileiro, nos processos criativos e formas de re-existência, ou seja, resistir e existir novamente, continuar existindo apesar das tentativas de silenciamento e apagamento das mulheres, dos feminismos e do ativismo é que nos lançamos numa busca pelas narrativas virtuais dessas escritoras. (GALDINO, 2017)

1. Capa de *Profundanças 2* pela ilustradora Bruna Risério



Fonte: Profundanças (2017)

Profundanças é um projeto organizado por Daniela Galdino, uma antologia literária e fotográfica reunindo diversas mulheres e pessoas escritoras, algumas nunca publicadas antes, outras com livros já publicados, seja por conta própria ou por meio de uma editora. Daniela vislumbrou na internet uma maneira de produzir os textos e difundi-los virtualmente de forma gratuita. A obra se constitui numa compilação de textos e imagens de uma diversidade de mulheres cis e trans e pessoas não binárias, disponibilizado via blog e rede social, *Profundanças 1* foi lançado em 2014, *Profundanças 2* disponibilizado no Ciberespaço em junho de 2017 e, por fim, *Profundanças 3*, publicado em setembro de 2019.

Para tanto, visitaremos a relação da Literatura com o Ciberespaço, como tem se mostrado a produção literária de mulheres focando na antologia literária *Profundações* 2. Veremos também o que é o Ciberespaço e como este tem oportunizado a visibilidade da literatura produzida por mulheres e a conexão/comunicação/relação dessas mulheres no espaço virtual. Conheceremos um pouco mais sobre o exercício de contar-se ou Invenções de si, dialogando com o conceito de *Escrevivência*, formulado por Conceição Evaristo (2016). Também veremos os feminismos, ou seja, as diversas perspectivas poéticas das mulheres presentes na antologia que configuram os feminismos a que pertencem e defendem, como o feminismo negro com Aidil Araújo, o feminismo lésbico com Ana Mendes e o feminismo Interseccional que propõem Daniela Galdino. Como bem nos diz Hollanda

Volto, portanto, um pouco à noção de lugar de fala, praticamente o eixo discursivo da luta dos feminismos da diferença. Como sendo definido e experimentado hoje, o “lugar de fala” é a busca pelo fim da mediação, de modo a garantir a autorrepresentação discursiva e a busca por protagonismos e voz por parte do sujeito historicamente discriminado pelos discursos de fala. (HOLLANDA, 2018, p. 246)

Nessa trajetória, chegaremos aos métodos que foram utilizados para obtenção dos dados da pesquisa qualitativa, a Etnografia Virtual proposta por Christine Hine, e o método de análise do corpus encontrado, ou seja, a Análise Crítica do Discurso, proposta por Van Dijk e Fairclough, subsidiando, por fim, a análise que faremos dos poemas das escritoras, e da entrevista feita por nós com a escritora Daniela Galdino, como também as entrevistas disponibilizadas via internet com as escritoras Aidil Araújo e Ana Mendes.

2. Literatura e Ciberespaço: Identidades e Invenção de Si

Por acreditar no papel da literatura como espaço de representações e lutas sociais, reconheço na literatura de autoria feminina contemporânea um espaço em que o feminino procura dizer-se.

Adriana Abreu Barbosa, 2011.

A literatura tem funcionado, ao longo dos tempos, como uma outra maneira de se contar o vivido, recontando a história e experiências, os fenômenos de ruptura ou do entrelaçamento de vidas para grupos culturais e suas etnias. Para as mulheres escritoras brasileiras contemporâneas tem se tornado terreno fértil para o refazer das suas próprias histórias, a oportunidade de ter e dar voz ao que sempre fora silenciado. Através de suas subjetividades, suas identidades (re)construídas, torna-se instrumento potente tanto de denúncia e provocação quanto de reação diante da invisibilidade de escritoras e opressões sociais ditadas pela heteronormatividade machista e patriarcal.

A antropologia reconhece o patriarcalismo como um sistema de organização social que tem a figura do patriarca como chefe da família. Sobre suas origens há pelo menos duas teorias em Engels e Lerner. Neste trabalho interessa o conceito de patriarcalismo para o feminismo como escola de pensamento. Entre eles temos em Millet (1970)

A arma psicológica mais efetiva do patriarcalismo é simplesmente sua universalidade e sua longevidade. Praticamente não existe um referente para lhe fazer contraste ou pelo qual poderia ser rejeitado. Embora o classismo esteja na mesma condição, o patriarcalismo é mais enraizado e tem tenacidade poderosíssima para se afirmar com algo natural (1970, p. 58)

Patriarcado este que ainda impera em nossa realidade, escrita e oral, sobretudo a acadêmica, o que faz com que muitas mulheres intelectuais para serem ouvidas e respeitadas nos espaços de fala ou de poder, serem publicadas pelas grandes editoras ou ganharem concursos literários tenham que demonstrar determinado conhecimento canônico, certo conhecimento erudito anacrônico, como um discurso do “não dito” para pedir passagem inicialmente ao mundo dos homens, a história produzida pelos homens, a ciência cunhada pelos homens, ainda que a nossa experiência de patriarcado seja advindo dos povos anglo, a ideia de supremacia masculina formada pelos europeus que se estendeu pelo mundo, como nos elucida Glória Anzaldúa (2019) em seu texto *La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência*, que também se configura uma

dominação de gênero, como também étnica, considerando a dominação de um povo sobre outro.

O significado moderno de “machismo”, assim como seu conceito, é na verdade, uma invenção dos anglos. Para homens como meu pai, ser “macho” significava ser forte o bastante para proteger e sustentar minha mãe e nós, ainda sendo capaz de demonstrar amor. [...] Seu “machismo” é uma adaptação à opressão, à pobreza e à baixa autoestima. É resultado da dominação masculina hierárquica. (ANZALDÚA, 2019 p. 329)

Tendo, assim, conquistado um lugar de poder as mulheres podem romper, subverter a ordem que “obedeciam” anteriormente a fim de reconstruir o mundo que adentraram, ou até mesmo destruir uma realidade cristalizada. Assemelhar-se primeiro para depois se libertar, como bem escreveu Beauvoir (2016), pontuou incansavelmente Woolf (2018) e provocativamente por Donna Haraway (1995).

Apenas aqueles que ocupam as posições de dominadores são autoidênticos, não marcados, incorpóreos, não mediados, transcendentos, renascidos. Infelizmente é possível que os subjugados desejem e até disputem essa posição de sujeito – e depois desapareçam de vista. O conhecimento do ponto de vista do não marcado é realmente fantástico, distorcido e, portanto, irracional. A única posição a partir da qual a objetividade não tem a possibilidade de ser posta em prática e honrada é a do ponto de vista do senhor, do Homem, do deus único, cujo Olho produz, apropria e ordena toda a diferença. (HARAWAY, 1995, p. 21)

Para as mulheres, fazer literatura perpassa a subversão da linguagem, não necessariamente tendo o carimbo de literatura engajada sociocultural e política, antes a necessidade de dizer-se, contar-se. Há o desejo de marcar o seu tempo, contar a história, existe o desejo de afetar a realidade com a literatura que produzem, assim como veremos nos capítulos a seguir. Um grande obstáculo a transpor é a heteronormatividade também e principalmente marcada na linguagem por meio do binarismo masculino e feminino, do domínio do significante e significado, da naturalização dos comportamentos de homens e mulheres, enfatizando que homens escrevem a partir da racionalidade e agem pelos seus instintos primitivos oportunizados pelo espaço do público, enquanto as mulheres retratam em seus escritos por meio da intuição e agem segundo seus instintos maternos, ou invés de refletir que o comportamento é uma criação social, cultural e historicamente estabelecida por discursos. Rosiska Darcy de Oliveira (2012) fala sobre como a literatura significou para as mulheres enquanto caminho a ser percorrido.

A literatura não foi para as mulheres uma simples transgressão das leis não inscritas que lhes proibiram o acesso à criação. Foi muito mais que isso, um território liberado, clandestino, pulsando ao ritmo emocional dessa clandestinidade e desse risco. Saída secreta da clausura da linguagem e de um pensamento que pensava e descrevia *in absentia*. (OLIVEIRA, 2012, Elogio a Diferença: O feminismo emergente, posição 41, edição virtual)

Com o advento da internet, as mulheres escritoras encontram espaço e eco para suas vozes nas redes, ao passo que estão buscando subverter a ordem ao escrever suas poesias, contos, romances de forma a rasurar o estabelecido, criando, assim, maneiras de dizer e contar-se, reconhecemos também que grande parte ainda tem sua escrita marcada pelos limites do fazer poético exaltado pelo cânone. A poética dessas mulheres que buscam a ruptura ganha um tom desestabilizador da linguagem, a literatura se torna ao mesmo tempo performática e transgressora, assim como assinala Márcio Saligmann-Silva no prefácio de “A aventura de conta-se”, de Margareth Rago:

Performance, mise en action: letra viva. Esta talvez seja uma escrita no feminino. Não porque escrita por uma mulher, mas por se abrir a essa onda de força estruturantes, por deixar abalar pela paixão e pela compaixão. Não se trata, no entanto, de pieguice, longe disso, e sim de correr o risco de abrir a escrita a tudo aquilo a que a prática acadêmica sempre resistiu, com seu medo das emoções, da sensibilidade e das subjetividades e mesmo das dúvidas. (RAGO, 2013, p. 14)

Em nossa história há duas grandes precursoras brasileiras dessa literatura de “letra viva”, ou como Margareth Rago (2013) retoma pensamentos de Foucault sobre “as artes da existência”, na perspectiva que entendeu por “modos de subjetivação”, ou seja, processos pelos quais se obtém a constituição de uma subjetividade. (RAGO, 2013, p. 43). O que nos interessa é saber que os modos de subjetivação podem ser entendidos, também, pelo exercício de contar-se, contar a história a partir de subjetivação dos sujeitos, em tempo, da subjetivação das sujeitas. Fenômeno que, no Brasil, antecede os estudos de Rago, ao passo que reafirma os diversos caminhos dos feminismos. Como exemplo podemos citar a escritora negra maranhense Firmina dos Reis, considerada a primeira a publicar um romance em 1959, escrevera *Úrsula* com o pseudônimo “uma maranhense”, onde retratou a escravidão de forma humanizada, fato jamais visto antes. Firmina trouxe para suas narrativas fatos que faziam parte de sua luta abolicionista e seu ativismo, também publicou contos, poesias e ensaios. Escritos poderosos e considerados atualmente como documentos históricos, os diários eram cadernos onde as mulheres podiam desabafar suas dores e experiências.

Da mesma forma podemos atribuir à escritora negra Carolina Maria de Jesus com seus diários, onde escrevia sobre seus sofrimentos, sobre a fome, a esperança de um dia ser ouvida e publicada, “a escrita de si”, “modos de subjetivação” e ainda a produção de uma “subjetivação revolucionária”. (RAGO, 2013)

A literatura funcionando como instrumento de construção de subjetividades que flertam em seu exercício de fazer-se, um ato revolucionário, pois Carolina Maria de Jesus, mulher negra e periférica, publicou *Quarto de despejo* nos anos de 1960, obtendo tamanho sucesso pelo conteúdo da publicação e a tiragem dos exemplares demonstrando o interesse do público e da mídia pela narrativa de denúncia, tão em voga nos anos 50 e 60. A obra foi traduzida para treze idiomas e foi distribuída em mais de quarenta países ao redor do mundo. (literafro - O portal da literatura Afro-Brasileira, abril de 2020).

Tendo formas interdisciplinares flertando com a transdisciplinaridade, a literatura dialoga com diversas áreas do conhecimento. A palavra que se molda, a linguagem que não é mais somente àquela poética tradicional, onde teóricos da Literatura ditam o que é ou não literatura, torna-se instrumento, uma forma de poder, e como bem observa Spivak “O poder não é uma instituição, não é uma estrutura; tampouco é certa força com a qual alguém é investido; ele é *o nome que se dá a uma complexa situação estratégica em uma sociedade específica*’ para que essa escrita possa ser lida.” (SPIVAK, 2017, p.253)

Deste modo, cada vez mais mulheres escritoras estão se apropriando deste poder que é a linguagem em suas diversas realizações, com ousadia intelectual e artística, fazendo do seu discurso poético um grito de alerta, um murmúrio pela dor e violência- física e simbólica- que viveram e vivem, um clamor pela sexualidade tão repreendida e sufocada, um apelo histórico ao apagamento de suas origens, suas existências e vivências numa sociedade extremamente desigual. Como a professora e Socióloga Patrícia Hill Collins disse em entrevista à Revista Suplemento Pernambucano de novembro de 2018, “Pela Literatura, você está num lugar e pode se conectar com outros. Nenhum cientista social pode fazer isso”. (Suplemento, novembro de 2018).

Há também o potencial organizacional dessas mulheres escritoras nas redes sociais, o Ciberespaço funcionando como agregador de escritoras, “das vozes coletivas” como escreve Heloísa Buarque de Hollanda em *Explosão Feminista* (2018). Diversos coletivos de mulheres têm surgido incentivando e divulgando a literatura de autoria feminina. Tem-se formado grupos de leitura, com páginas e divulgação nas redes, oportunizando o conhecimento e autogerenciamento das mulheres escritoras.

É exatamente esse trabalho que a escritora Daniela Galdino tem feito, tanto o poético e performático, quanto de organizadora das vozes insurgentes de forma coletiva, com as suas *cirandas e gira de mulheres*- como ela costuma chamar o movimento das mulheres escritoras juntas em eventos e espaços pelos Brasil, principalmente como aconteceu com a antologia fotográfica e literária que *Profundações 2*- agregando e unindo mulheres e pessoas em suas diversidades, corpos, sujeitos e histórias, fator principal que despertou o nosso interesse em pesquisar esse movimento de “Escrevivências”.

2.1 Produção Literária de mulheres

Sempre fomos o que os homens disseram que nós éramos. Agora somos nós que vamos dizer o que somos.

Lygia Fagundes Telles, *As Meninas*, 2009.

Pesquisar a produção literária de mulheres no ciberespaço visa observar e problematizar sobre que mulheres estão se inscrevendo ou reescrevendo nas investigações acerca de um novo paradigma identitário num determinado espaço de poder, onde essa escrita ganha visibilidade e rapidez; espaço este dotado de uma multiplicidade de informação, ao passo que se mostra com leveza, traz em si, também e sobretudo, uma grande carga emocional.

Ganha tons intimistas, trazendo e lembrando sempre da premissa do Movimento Feminista em sua segunda onda, “o pessoal é político”, levando para o espaço público as aflições antes vividas e experienciadas somente no espaço do privado, hoje já não é possível a volta das demarcações de lugar, mas vê-se uma necessidade crescente de se discutir as subjetividades e o universo do que se tem como privado na esfera do público, e com as redes sociais esses espaços estão cada vez mais imbricados.

O futuro do movimento é angustiar a sociedade, deparando-a com os problemas que, até agora, as mulheres tentaram resolver sozinhas. Transformar a neurose das mulheres em neurose social é o recurso terapêutico de que elas terão de lançar mão. (OLIVEIRA, 1983, p. 88)

É na literatura, na linguagem escrita ou falada, performada, que mulheres encontraram um meio de lutar contra as opressões, repressões a que são submetidas desde a infância, seus conflitos comportamentais e existenciais no caminho da ruptura com os conceitos aprendidos e apreendidos pelo patriarcado já assinalado anteriormente.

Por meio da escrita elas encontram o caminho da liberdade, da re-existência, da rasura do que a heteronormatividade encaixotou e estabeleceu como feminino, assim como Barbosa (2011) anuncia “O único objeto a ser percorrido e não necessariamente desvendado, é o de uma identidade feminina em crise. Não mais enigma do outro, mas também enigma para si mesma.” (BARBOSA, 2011, p. 73)

Alcançando lugares onde antes sua presença era vista com estranheza e sequer tinham voz, nesse processo vão discutindo sobre quem realmente são ou colocando-se num eterno devir, tornar-se, problematizando o binarismo e as discussões de gênero e para além do gênero, se refazendo por meio das suas vivências, reproduzidas em sua escrita. Partem do infinitamente pessoal, tornando suas aflições não somente suas, mas aflições de uma sociedade. “Há, sem dúvida, um desejo, de fazer falar uma voz silenciada pela cultura falocêntrica. Há presença de protagonistas e narradoras mulheres que criticam em cena.” (BARBOSA, 2011, p. 89 e 90).

Nessa literatura que nasce e é vinculada ao Ciberespaço, lugar reconhecido de poder, os textos ganham, em sua maioria, formato curto, conteúdo objetivo, muitas vezes elevado à categoria de imagem, texto-imagem, num ambiente que prima pelo simbólico, como é o caso da rede social Instagram, onde tudo parte de imagens. Textos-imagem publicados a partir de perfis pessoais e/ou coletivos abertos para a leitura, o que proporciona às escritoras expor seus conteúdos com liberdade.

Se colocando neste espaço as mulheres escrevem textos que vão do autoconhecimento à denúncia. Desafiando a si mesmas a irem além, a descobrir-se, a não estarem submetidas às regras e ritos socioculturais e históricos. Desta maneira colocam em prática o que já apontava Rosiska Darcy de Oliveira em teoria: “Homens e mulheres estão, agora, condenados a escrever com a vida suas autobiografias, a partir do encontro com seus próprios desejos.” (OLIVEIRA, 1983, p.14).

Pensamos que o trabalho que a escritora Daniela Galdino faz como idealizadora e organizadora do projeto de antologia literária e fotográfica *Profundanças* pode ter um caráter revolucionário, pois partindo da realidade de uma diversidade de mulheres cis e trans, como também de pessoas Trans não binária, fatores como sexo/gênero, geração/idade, etnicidade, classe social, religião, que entram no arcabouço dos estudos Interseccionais, são considerados.

Assim sendo, a poética das escritoras em *Profundanças 2* identifica-se como uma poética de narrativas rasuradas, mostrando-se como transgressoras, mulheres que estão se contando, aprofundando seus processos de autoconhecimento. Num movimento de itinerância, pelo caráter poéticos-performáticos, ao passo que leva as suas escritoras a

viajarem com suas poesias, oportunizando mesas e rodas de conversa com as mulheres e pessoas que fazem parte de *Profundações*.

Um movimento que se configura poético se torna também político, pois as escritoras estão engajadas com/em questões sociais, debates de gênero, feminismos e o espaço da/das mulher/mulheres na literatura. A poesia ganha novos tons e nuances, *Profundações 2* é composto por mulheres e pessoas que estão interligadas, embora muitas ainda nem se conheçam pessoalmente, todavia, mantêm contato umas com as outras através da rede social Facebook, inicialmente por intermédio de Daniela Galdino. Mulheres e pessoas escritoras que são ativistas, estão presentes em movimentos sociais, professoras universitárias, donas de casa, artistas, artesãs, trabalhadoras autônomas etc., todas elas dando voz e corpo a uma literatura que desconcerta, conforta e desconforta. Provoca.

De 2012 para cá, intimamente ligada às recentes manifestações feministas, uma nova poesia escrita por mulheres, lésbicas e trans ganha força inesperadas se amplifica com rapidez. É uma poesia diferente, que surpreende, que interpela, irrita, fala o que quer, fala o que sente, o que dói, e se faz ouvir em saraus, na web, nas ruas, enfim, onde sua palavra chega mais alto. [...] Podemos dizer, sem nenhuma hesitação, que essa geração foi responsável por trazer, de uma vez por todas, para a cena literária brasileira, a visibilidade da poesia feita por mulheres em busca de dicção própria e liberdade de expressão. (HOLLANDA, 2018, p. 105 e 106)

Muitas dessas mulheres e pessoas não consideravam seus textos como literários, sequer cogitavam a possibilidade de torná-los públicos seja numa publicação virtual ou impressa, mulheres que desejavam escrever, outras já o fazia, contudo acabavam por engavetar seus textos, como nos é compartilhado por Daniela em entrevista:

Algumas dessas mulheres começaram a me procurar revelando que estavam escrevendo e que estavam acentuando o desejo de escrever e por vez ou outra me mostravam um poema, um conto, uma crônica. Pediam que eu opinasse de forma despretensiosa e na maioria das vezes elas não falavam em publicar os seus textos. Elas pediam, algumas inclusive pediam que eu avaliasse se era literário, se elas estavam no caminho certo, o que fazer com essa vontade de escrever. Então, desde o primeiro momento eu sempre estimei que elas continuassem escrevendo, então o primeiro livro de *Profundações* ele tem a participação dessas mulheres. (Informação verbal)

Por realizar um trabalho atencioso e cuidadoso com outras mulheres que escrevem é que acreditamos na ação revolucionária no projeto *Profundações*, pela observação do movimento que Daniela Galdino faz, sendo ao mesmo tempo organizadora e entusiasta, também escreve e compõe a obra. Pelo estímulo que oferece a outras mulheres e pessoas

escritoras a acreditarem em sua poética, a dar voz às suas emoções, experiências, afetos, subjetividades e ideais.

Por meio da poética de Ana Mendes, mulher lésbica que coloca em sua poesia uma denúncia sobre a hipersensualização das mulheres lésbicas, destacando a venda da imagem e dos corpos das mulheres dentro de padrões de aparência e comportamento, assim como a discriminação contra as pessoas LGBTQI+; e Aidil Araújo, mulher e escritora negra que chega em *Profundanças 2* com seus contos de tal intensidade, assemelhando-se, de veras, as mulheres de Conceição Evaristo, numa atividade de *Escrevivência* e certa tradição das mulheres negras norte americanas, fato que a socióloga Patricia Hill Collins destaca em seu texto *Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição* (COLLINS, 2019).

Longe de ser uma preocupação narcisística ou trivial, o ato de colocar o eu no centro da análise é fundamental para entender uma série de outras relações. [...] A identidade não é só um objetivo, mas antes o ponto de partida no processo de autodefinição. [...] Nesse processo, a jornada das mulheres negras passa à compreensão de como nossas vidas pessoais têm sido fundamentalmente moldadas por opressões de raça, gênero, sexualidade e classe que se interseccionam. (COLLINS, 2019, p.292-294)

O entrelaçamento das histórias e escritas dessas mulheres nos servirá muito para o pensamento de Etnicidade, Identidade e Pertença Étnicas atuais, urbanas e/ou inventadas assim como as noções tradicionais desses conceitos.

2.2. Ciberespaço

Não brigo mais
com o ponto.com
afinal
há certa coerência
em guardar poemas
na nuvem

Marcia Vinci.

É inegável o poder do mundo virtual e suas redes, conexões, sua imaterialidade, possibilidades, oportunidades, sua gama de informações e seu peso influenciador neste nosso tempo. A internet é um instrumento da mais alta potencialidade, criada para fins militares, a partir da década de 90 seu crescimento acelerou-se quando se desenvolveu a web, ou seja, *World Wide Web*, onde a criação de sites e o dinamismo gráfico foi se

tornando mais atrativo. Surgiram os navegadores, provedores do acesso online, e assim os grandes seguimentos sociais.

De grandes máquinas que tomavam quase o espaço de uma sala inteira, passou a caber na mesa de um escritório, os desktops. Hoje os computadores cabem na palma da mão, está nos smartphones ou aparelhos celulares de alta tecnologia, androides. Foi a partir das décadas de 80 e 90 que se deu a popularização da internet como meio de comunicação. Uma nova era se deu na internet com o surgimento e avanço do correio eletrônico, das redes sociais, o crescimento dos chats ou salas de bate papo online e dos games. O Orkut foi o grande pioneiro das redes sociais, logo depois o Twitter que nasceu como plataforma política e nos anos seguintes o Facebook e Instagram. O mundo virtual acaba por exercer uma grande influência em como as relações entre pessoas se dão no mundo atual.

Ao pensar as relações que se estabelecem entre os sujeitos sociais e culturais nesse contexto e as transformações pelas quais estão passando deve-se compreender as bases dessas relações num novo paradigma e nova cultura que se configura no seio da sociedade contemporânea, a cultura virtual no ciberespaço. (NEVES, 2014, p. 37)

A palavra Ciberespaço surgiu com o romance de ficção científica publicado em 1984 por William Gibson, *Neuromancer*, cujo termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha de multinacionais, “palco de conflitos mundiais, funcionando como fronteira cultural e econômica” (NEVES, 2014). Daí surgiram os termos cyberpunk pelos ativistas que se concentravam nas redes, conhecidos também como hackers, e a cibercultura, ou seja, a cultura difundida pelos meios virtuais.

Já há algumas décadas o Ciberespaço tem funcionado como estratégia de comunicabilidade, meio pelo qual escritoras da atualidade se utilizam para alcançar visibilidade em diversas esferas sociais, buscando alcançar transformações sociais e atuar no universo que as circundam e para além, influenciadoras de seu tempo, buscam mudanças para todas as mulheres, por dignidade, liberdade, respeito e igualdade em suas diversidades e diferenças.

Onde essa escrita está, como ela é propagada, considera-se que a vinculação a esses espaços, também tratados como ambientes comunicativos ou ciberespaço, amplia a autoconfiança das mulheres, proporcionando-lhes maior acesso às agendas do Feminismo, cujos pressupostos são autonomia, respeito aos direitos humanos e defesa da cidadania plena das mulheres. Frente

a essa realidade, o propósito deste estudo é focar o tema do ciberespaço como via de empoderamento de gênero. [...] Em vista disso, interessa verificar se e como os ambientes sustentados por tecnologias de informação e comunicação (redes) têm sido capazes de promover maior cooperação, reciprocidade e de elevar a qualidade de informação e conhecimento, assim como, de fortalecer laços de solidariedade e confiança. (NEGRÃO, 2016)

O fazer literário se dá por meio das redes sociais, onde as escritoras podem compartilhar seus textos em suas páginas pessoais ou páginas formadas coletivamente, interagindo em tempo real com seus/suas leitores/as, trocando informações, críticas, elogios, uma nova maneira de fazer literatura, nem maior nem menor que os modelos tradicionais, diferente pela necessidade de comunicação que o nosso tempo exige. As escritoras não precisam concorrer a editais nem enviar projetos a editoras para serem lidas ou publicadas. Esse foi um dos grandes empecilhos durante a história para que mulheres não fossem publicadas e sua literatura invisibilizada, o mercado editorial e suas prioridades.

Em tempo, é exigido das escritoras que sejam também autogereciadoras de seus escritos, muitas pagam pela publicação de seus livros em pequenas editoras ou o fazem de forma artesanal e distribuem por conta própria, em feiras de livros, saraus, vendendo em suas páginas nas redes. Essa interação é estudada por Milena de Britto em seu artigo *Afetar a cena literária: políticas, afinidade, estratégias e autogestão entre autores contemporâneos*, que se encontra no Livro organizado por PEREIRA & AZEVEDO, *Palavras da Crítica contemporânea* (2017), vejamos:

Na caminhada desse modelo, a internet é o veículo que mais desconfigura a forma de entrar no meio, de sair, de permanecer. Também ali a crítica muda. Os leitores da obra podem passar a ser ou não leitores da crítica, podem eles próprios serem ou não críticos, mas, ao comentarem em postagens de seus autores preferidos, estão exercendo um lugar que nunca antes na história existiu: um lugar híbrido de leitor crítico, metacrítico, fã, admirador- ou inimigo-intelectual. (BRITTO, 2017, p. 71)

Não por coincidência que este tem sido o trabalho das escritoras Daniela Galdino com seus livros impressos, o primeiro, *Inúmera* (2011), e o atual *Espaço Visceral* (2018), este último teve seu lançamento, venda, promoção inteiramente via internet e redes sociais, sendo vendido pela própria escritora. Aidil Araújo com o seu livro *Mulheres Sagradas* (2017); e Ana Mendes com a antologia *CidaDelas* (2017, Sebo Vermelho) seus fanzines como *Bigorna*, *diário de um Cego*; *Prazer Pega Mate* e *Come e Terno*, publica-

dos e vendidos de forma independente. O autogerenciamento que fala Britto e a participação em movimentos literários que buscam dar visibilidade às mulheres.

A antologia poética e fotográfica que idealizou e se realiza estando já em sua terceira edição, *Profundanças* reúne escritoras em sua diversidade e diferença, obra exclusivamente virtual e gratuita, podendo ser lida on-line ou off-line, fazendo download para ser lida onde e quando for desejada. A escritoras realizam um grande trabalho com as palavras e com suas vivências, com os feminismos que dialogam propondo rasuras e transgressões, Re-Existência por meio dos afetos, que transformam vidas e acordam almas e corações, alimentando a realização dos sonhos de muitas mulheres e pessoas, o de escrever sua poesia, seus contos e serem lidas, vistas, terem suas vozes ganhando ecos pelos mundos, no Ciberespaço e para além dele.

Peço apenas que permaneçamos abertos, benevolentes, receptivos em relação à novidade. Que tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser a favor ou contra, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação na vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista. (LÉVY, 1999, p. 12)

2.3 Identidades e Invenção de si, o exercício de contar-se.

Assumo meu corpo como território político porque o entendo como história e não biológico. E, conseqüentemente, assumo que ele foi nomeado e construído a partir de ideologias, discursos, e ideias que justificaram a opressão, exploração, alienação e desvalorização. A partir daí reconheço meu corpo como um território com história, memória e conhecimentos, tanto ancestrais quanto próprios da minha história íntima.

(Dorotea Gómez Grijalva, Revista Suplemento Pernambucano, nº 168, fevereiro de 2020, p.6).

A identidade de cada ser é construída socialmente, o ser mulher é uma construção social (BEAUVOIR, 2014) que se modifica de acordo com a realidade da mulher em questão. Existindo várias mulheres, existem várias identidades, ou seja, cada mulher tem a formação de sua identidade ao longo da vida social e do meio em que está inserida, e o que o meio social requer dela. Entendemos a existência de estudos que atribuem fluidez a identidade (BAUMAN, 2000) sendo esta mutável e fluída, mesmo com marcas interiorizadas e vividas desde a infância em seus corpos e sentimentos, essa construção

social adquire diferentes sentidos e nuances ao longo da história, segundo o modelo de organização social vigente e das características consideradas necessárias para proporcionar funcionalidade ao Cistema².

Exatamente aqui que a *Invenção de si* para as mulheres escritoras se torna algo urgente, o que pode ser lido em seus trabalhos poéticos. O ato de contar-se constitui um processo do refazer, do reconstruir uma identidade que estará sempre fragmentada, em mutação, num eterno vir a ser, já que as mulheres questionam o que está posto para elas, resistindo e re-existindo, insistindo em novas existências diante das lutas diárias contra o mundo heteronormativo que ainda está a subjugar-nos e colocar o que é ou não para as mulheres e o que é ou não feminino.

O que se configura numa crise de identidade ou formação do sujeito pós-moderno, segundo HALL (2006), ou “descentralização do sujeito cartesiano”, devido aos acontecimentos históricos importantes que causaram grandes modificações e avanços na teoria social e nas ciências humanas. O historiador dissecou cinco grandes acontecimentos que pontuaremos sucintamente. Primeiro às tradições do pensamento marxista; segundo a descoberta do inconsciente por Sigmund Freud e os desdobramentos de sua teoria por Lacan; terceiro os estudos e trabalhos linguísticos realizados pelo linguista Ferdinand de Saussure; o quarto acontecimento forjado pelas genealogias do filósofo e historiador francês Michael Foucault; e, finalmente, o quinto acontecimento: o impacto do movimento feminista, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicista, LGBTQ+, movimento negro, movimentos civis que lutavam por representatividade e direitos sociais.

O Movimento Feminista se destaca por questionar o espaço público e privado, discussões sobre família, sexualidade, a divisão do trabalho, o trabalho doméstico etc.; introduziu os estudos de gênero, pela formação social dos sujeitos generificados, politizando o processo da subjetividade na formação do indivíduo dentre outras importantes contribuições (HALL, 2006). Sendo assim, essa mulher não existe, sendo criação de um tempo cronológico segundo às necessidades de uma sociedade determinada.

A experiência interseccional é maior do que a soma do racismo e sexismo e qualquer análise que não tome a Interseccionalidade em conta não consegue de forma correta ter em consideração as formas particulares de subordinação de muitas mulheres [...]

² Cistema escrito com C é uma crítica dos Estudos Queer sobre a cisgeneridade compulsória que o Sistema impõe, ou seja, a partir do sexo biológico toda uma realidade é de menino ou menina é concebida. Cisgênero é aquela pessoa que se identifica com o sexo biológico, em contrapartida, Transgênero é aquela pessoa que não se identifica.

Enfatiza por isso a ‘multidimensionalidade’ das experiências vividas dos sujeitos marginalizados, referindo que quem acredita que a identidade existe em camadas removíveis acaba em generalizações abusivas. [...] A teoria da interseccionalidade que agora surge como sendo dos trunfos mais importantes no feminismo contemporâneo (MCCALL, 2005) parece poder permitir expandir o pensamento acerca do gênero e dos feminismos ao reafirmar a natureza ‘multiplicativa e interseccional’ e o impacto do contexto, chamando atenção para o entrecruzar de opressões e privilégios. (NOGUEIRA, 2017, p.146)

Podemos recorrer a urgência em atentar para às subjetividades que se constituirão em elementos fundadores das identidades para as mulheres, onde as fronteiras não mais serão razões para conflitos, antes de consciência da diferença de mulheres ou grupos de mulheres diversos que podem ou não se identificar com práticas, linguagens, costumes, ideologias em comum, podendo o coletivo influenciar no campo individual e vice-versa.

Tendo em vista que para a compreensão da diversidade e diferença das mulheres é preciso atentar para seus diferentes contextos de vida. Mariana Pimentel em seu texto *A ARTE DE RESISTIR OU A RE-EXISTÊNCIA DA ARTE* observa a relevância da subjetividade nas artes e, principalmente para nós aqui, na produção literária

Como bem precisou Félix Guattari em seu livro *Cartographies schizoanalytiques*, as novas cartografias a serem traçadas no contemporâneo serão aquelas dos territórios existenciais, isto é, dos modos por meio dos quais as novas formas de exercício de poder assim como a resistência a estas configuram e re-configuram a subjetividade humana. Para além de um domínio sobre os meios de produção de objetos, o atual sistema de poder se exerce sobre os processos de produção de subjetividade. Ou mais precisamente, mais do que visar à produção de objetos materiais a serem consumidos (ter), o sistema capitalista visa, antes de tudo, traçar e vender territórios existenciais (ser). (PIMENTEL, 2012, p. 1)

Sem esquecer que somos discursos, o que significa que a construção do nosso eu e tudo que envolve a identidade é forjada dentro de uma sociedade constituída pela linguagem, uma tecnologia segundo Freud (KUNZRU, 2000). Somos seres perpassados pela tecnologia, seja informação via dados, seja pela informação do signo linguístico, significado e significante, onde a linguagem vai operar noções em diferentes contextos, históricos, sócio políticos, culturais etc., para constituir-nos.

Ao termos consciência de toda essa construção, podemos romper com o que nos foi/é imposto como adequado ou inadequado, vide o momento histórico e político em que vivemos, onde o estado tem perseguido e retirado valiosas conquistas sociais e vem atingindo as identidades desconstruídas a partir da norma, do controle do comportamento

e dos corpos. Num dado momento da entrevista, Daniela Galdino ressalta a importância da Literatura e seu trabalho com a linguagem.

Qual é a concepção de literatura que eu tenho, eu entendo literatura como produção cultural como produção social como discurso e como tal, né, sendo discurso sendo produção social produção cultural mesmo sendo governada por outras regras diferentes das regras de outros discursos, né, não temos o compromisso de explicar de argumentar a partir de uma verdade, nossos preceitos são outros quando nós escrevemos [...] Mas isso é o que eu penso e o que eu levo para minha experiência criativa. Mesmo não tendo esse compromisso com a informação com a verdade com o convencimento em torno de uma verdade, a literatura ela é discurso, ela é linguagem, nossa matéria é a palavra nosso trabalho é com a linguagem então a literatura ela se dá a partir da transformação que nós fazemos a linguagem. (Informação verbal)

No exercício de contar-se não podemos deixar de fora o conceito de *autoficção*, assim como a *Escrivência* de Conceição Evaristo. Na obra *A força da Palavra* (2012), Betty Milan reuniu uma série de entrevista com jornalistas, cineastas, escritores/as, psicanalistas, filósofos etc., para refletir, pensar sobre questões como “A sabedoria da poesia”, “A vocação do escritor”, “A crise da literatura”, “A escrita”, “A literatura e a liberdade”, e finalmente o trabalho que mais nos interessa neste momento, sua entrevista com o ensaísta e romancista Heitor Bianciotti, “A autoficção”. Na entrevista Bianciotti fala sobre sua obra auto ficcional *O que a noite conta ao dia*. Perguntado sobre no que a autoficção é diferente do romance, se é uma expressão narcisista e finalmente, o que é literatura, o romancista nos oferece a seguinte resposta.

A autoficção é um romance baseado nos atos e experiências que formaram nosso ser e constituem nossa vida. Já no romance, a gente pode, por exemplo, inventar um personagem a partir de duas ou três pessoas conhecidas e até mesmo de uma fotografia. [...] Quando a gente se aprofunda verdadeiramente na própria história, acaba tocando em pontos comuns a todos os seres humanos, que têm as mesmas angústias, padecem da mesma nostalgia do paraíso. [...] Talvez seja a arte de não chamar as coisas pelo seu nome, de utilizar a linguagem de modo evocativo e de se deixar levar pelas palavras. (MILAN, 2012, p. 168 a 174)

Como neste trabalho propomos fazer ciência feminista por meio de uma literatura produzida por mulheres no ciberespaço, nada melhor do que citarmos Donna Haraway em seu texto *Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial* (1995), onde a cientista e professora fala sobre a defesa de uma subjetividade na perspectiva e no olhar para alcançar uma objetividade histórica, é preciso valorizar o sujeito que fala de um lugar localizado, pois o hegemônico hemogênero e glo-

bal é uma herança da ciência produzida por homens brancos que por muito tempo colocou o nosso método científico e nossos temas como especiais em seus eventos, cátedras, na academia. Reivindicamos, então, mais do que uma nova epistemologia para o fazer científico, antes uma ciência que atue realmente na reflexão das nossas práticas sociais e que funcione para além dos textos acadêmicos, como também em nosso cotidiano.

As feministas têm interesse num projeto de ciência sucessora que ofereça uma explicação mais adequada, mais rica, melhor do mundo, de modo a viver bem nele, e na relação crítica, reflexiva em relação às nossas próprias e às práticas de dominação de outros e nas partes desiguais de privilégio e opressão que todas as posições contêm. Nas categorias filosóficas tradicionais, talvez a questão seja ética e política mais do que epistemológica. (HARAWAY, p. 15, 1995)

2.4. Feminismos e Escritas de Si

Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria a qualidade da luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível. É da poesia que nos valem para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado. Os horizontes mais longínquos das nossas esperanças e dos nossos medos são pavimentados pelos nossos poemas, esculpidos nas rochas que são nossas experiências diárias.

Audre Lorde, Irmã Outsider, 2019.

Não poderíamos começar este texto sem uma citação que conseguisse traduzir o que o nosso processo de pesquisa tem nos mostrado, por meio dos estudos, leituras e entrevistas, o que significa para as mulheres, em sua diversidade, a literatura, o ato de escrever, escrever poesia, prosa poética, usar a linguagem como instrumento de autoconhecimento, de sobrevivência, resistência e luta. Aqui, peço licença acadêmica para me colocar, me identificar, quem escreve, de onde e como. Assim como fez Heloisa Buarque de Hollanda em seu livro *Explosão Feminista* (2018) no capítulo em que fala sobre os feminismos e as mulheres que conheceu e escolheu intencionalmente para dialogar. Assim como fez Audre Lorde em seu texto *Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença* (2019) ou como em muitos outros escritos seus. Como também fez Spivak (2019) ou Anzaldúa (2019), mulheres escritoras, estudiosas que servem de teoria e inspiração para este trabalho.

Eu, mulher da caatinga do interior baiano, em tempo 35 anos, professora, pertencente a classe trabalhadora, nordestina, brasileira, latina contextualizando-me na história e no lugar de onde vejo o mundo, pois parto de um lugar determinado buscando compreender a diversidade de outras, como nos explica Donna Haraway (1995) em seu texto “*Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*”.

Etnicamente me reconheço enquanto afro-ameríndia, me autodefino dentro de uma identidade híbrida advinda do encontro de povos negros, etnias indígenas e possivelmente algo dos colonizadores anglo, segundo Lélia Gonzalez em *A categoria política-cultural da Amefricanidade* (GONZALEZ, 2019). Mulher cisgênero, ao passo que escrevo essas palavras situando-me dentro das categorias de análise, enquanto lia todas as mulheres que aqui estão, tive que parar em vários momentos para chorar, pois a vontade de pedir perdão à todas elas, um perdão histórico que me tornasse cúmplice de suas dores por toda opressão, violência, desigualdade vivida; etnia, idade, gênero, sexualidade em cada canto do mundo. Não porque me sinta como se tivesse causado ou sido responsável, antes na tentativa de aproximação, de dizer que reconheço as nossas diferenças históricas e tenho a consciência de que podemos andar juntas lutando de diferentes maneiras seguindo nossas diferentes necessidades.

Mulheres negras e indígenas dos mais variados grupos étnicos da América latina, América do Norte, as imigrantes, as mulheres lésbicas, bissexuais, as mulheres Trans. Eu falo do lugar de uma mulher que estuda gênero e feminismo por meio da Literatura, que busca compreensão para questões complexas nas diversas áreas do conhecimento, na psicanálise, nas ciências sociais, na antropologia, na crítica feminista, linguística, filosofia, nos estudos culturais, estudos étnicos, física quântica, biologia, direito etc., afim de construir novas epistemologias e perspectivas científicas e práticas que resultem em, de fato, transformações socioculturais que necessitamos, seja de forma micro e/ou macro. Na minha comunidade, acadêmica e não acadêmica, seja por meio do meu trabalho, fazendo pesquisa ou em sala de aula e fora dela, seja no cotidiano, na luta diária.

Heloísa Buarque de Hollanda em *Falo eu, professora, 79 anos, mulher branca e cisgênero* vê a necessidade de situar-se no texto e na história atual para falar sobre os feminismos da diferença, ela cita Grada Kilomba para falar da necessidade daqueles que sempre falaram escutar, todavia questiona se estamos mesmo ouvindo. Cita o movimento feminista negro brasileiro, a valorização e importância da interseccionalidade nas discussões e estudos, do lugar de fala, do ativismo político e

cultural das mulheres negras, ao passo que chama atenção para o feminismo indígena e seu protagonismo na luta pela demarcação de terras e a denúncia do genocídio dos povos indígenas brasileiros.

Seguindo o compromisso com a diversidade de fatores que nos tornam diferentes em nossos contextos sociais, políticos, econômicos e culturais e a conscientização dos instrumentos de poder também referentes a essas esferas, utilizamos a explicação da psicóloga Conceição Nogueira acerca do compromisso teórico com a interseccionalidade ou os estudos interseccionais neste nosso momento e contexto histórico.

É geralmente assumido que as teóricas e investigadoras que se juntam na pesquisa interseccional ou políticas interseccionais estão sendo comprometidas com a justiça social e procuram mudanças significativas nas relações de poder (Hankivsky *et al.*, 2010). “Os modelos interseccionais assumem uma conexão entre a opressão e resistência, entre ganhar conhecimento dos sistemas opressivos e comprometer-se com o ativismo social para os desafiar” (Weber e Parra-Medina, 2003, p. 188). [...] O desafio é imenso, principalmente em termos de pesquisa, se pensarmos na multiplicidade de problemas que se colocam quando se pretende ter várias configurações identitárias em ação. (NOGUEIRA, 2017, p. 152 e153)

Retomando a contribuição dos feminismos por Hollanda (2019), que traz para além dos feminismos de gênero, o Transfeminismo, figurando na chamada quarta onda do Movimento Feminista, onde as mulheres Trans estão lutando por direitos trabalhistas, pela inserção legal de suas identidades, a luta contra o binarismo impositivo. Em contrapartida fala do movimento feminista lésbico e a busca por maior visibilidade dentro da comunidade LGBTQI+ e no seu ativismo que tem uma vertente mais artística e cultural.

Assim também como o feminismo radical ou os feminismos que colocam o fator religião, seja de bases cristãs assim como os movimentos de religiões de matrizes africanas, situando os grupos de mulheres em seus contextos sociais, suas realidades culturais e econômicas. "Porém, insisto, demoramos muito para escutar as diferenças entre as mulheres e, ainda assim, continuamos escutando pouco", ressalta.

Tornou-se imprescindível e urgente darmos atenção às diferenças que por tanto tempo distanciou as mulheres em sua diversidade, é preciso dar voz, vez, escuta e reverberação. A construção histórica e ilusória da existência de uma universalização do movimento feminista, pois até entre as mulheres entendidas como brancas, as europeias, norte americanas, mesmo elas viviam o abismo sociocultural, as diferenças de

idade/geração, fatores também éticos, religiosos, diferenças experienciadas pelas trabalhadoras em escritórios diante das trabalhadoras das fábricas têxteis, seja as donas de casa, ou as que buscavam o espaço público, adentrar uma universidade, cursar o ensino superior.

A ensaísta e escritora ainda observa que Audre Lorde, “poeta, negra, lésbica, mãe de dois filhos e vivendo uma relação inter-racial” (2018, p. 245), insiste na necessidade de lutar por todas as formas de opressão. Em dois momentos diferentes tempos suas contribuições “Eu não posso me dar ao luxo de lutar por uma forma de opressão apenas. É preciso focar na necessidade de se associar múltiplas combinações e sobreposições, criando um modelo flexível de posicionamento subjetivo.” (LORDE, 2018, p. 245) Como também a sua chamada para a interseccionalidade existente e que necessita de atenção e reconhecimento.

Sem dúvida, entre nós existem diferenças bem reais de raça, idade e gênero. Mas não são elas que estão nos separando e sim nossa recusa em reconhecer essas diferenças e em examinar as distorções que resultam do fato de nomeá-las de forma incorreta e aos seus efeitos sobre o comportamento e a expectativas humana. (LORDE, 2019, p.240)

Na luta pelo reconhecimento das diferenças, dos feminismos, da interseccionalidade, fatores importantes e que perpassam a formação das identidades, é que nos situamos literariamente. Para as mulheres escrever é um ato político, uma necessidade que pode traduzir suas angústias e sentimentos, um instrumento de luta, de sobrevivência, o grito de alerta, de fúria.

A criação de novos modos de entender a praticar a política, portanto, caminhou junto com a busca de definição da própria subjetividade como feminista, mas sobretudo como mulheres, o que implicou indubitavelmente um admirável trabalho artístico, criativo e inventivo. (RAGO, 2013, p. 248)

Ato esse que pode não necessariamente assumir, de antemão, o compromisso de mudar e transformar algo social, cultural ou politicamente, contudo a linguagem que se transforma em arte política ganha contornos que possibilitam afetar vidas e proporcionar mudanças, seja na dimensão do individual como coletiva. Aqui contamos com a contribuição de Daniela Galdino em entrevista, onde perguntada sobre se sua escrita poderia funcionar como instrumento de mudança social, Galdino nos responde:

Eu quero dizer primeiro “Qual é a concepção de literatura que eu tenho”. Eu entendo literatura como produção cultural, como produção social, como discurso e, como tal, né, sendo discurso, sendo produção social, produção cultural, mesmo sendo governa-

da por outras regras diferentes das regras de outros discursos, né? Não temos o compromisso de explicar, de argumentar a partir de uma verdade, nossos preceitos são outros quando nós escrevemos. Pelo menos isso é o que eu penso e o que eu levo para minha experiência criativa, mesmo não tendo esse compromisso com a informação, com a verdade, com o convencimento em torno de uma verdade. A literatura ela é discurso, ela é linguagem, nossa matéria é a palavra, nosso trabalho é com a linguagem, então a literatura ela se dá a partir da transformação que nós fazemos à linguagem... [...] Só que nós somos seres feitos de linguagem feitos de palavras, quando nós transformamos a linguagem, nós também nos transformamos porque nós somos seres de linguagem, seres de palavras, e nem a linguagem nem as palavras... Eu tô separando, mas lógico, estou falando de algo imbricado, não é? Relacional. [...] A linguagem, ela não é acessada, transformada... é... de forma descontextualizada. Todo ato criador é situado historicamente e socialmente, então ao transformar a linguagem, aí agora vou falar da minha experiência, ao fazer o poema ou arquitetar o poema eu tenho consciência que eu estou fazendo trabalho de transformação, de provocação à linguagem. Só que eu como uma mulher, um ser feito de linguagem, ao transformar a linguagem eu me transformo. Eu me deparo com novos sentidos, aquilo que escrevo e que eu que eu releio dispara sensações em mim, e que talvez aquelas mesmas palavras usadas num discurso persuasivo, explicativo, informativo, não me provoca as mesmas sensações quando eu leio um poema, sendo... seja o que eu escrevo ou que outras mulheres escrevem. Então é nesse sentido que eu digo que nós transformamos a linguagem nos transformamos e como a linguagem ela é acessada, transformada, de forma contextualizada, né? Tudo isso se dá. A gente está historicamente e socialmente situadas e situados ao fazer essa transformação, então esse contexto, ele também pode ser provocado”. (Informação verbal)

E como falar de feminismos sem falar de gênero, de interseccionalidade sem ter a categoria gênero? Por mais que os estudos Queer e muitos estudos feministas queiram estar já para além do gênero, não podemos dar por encerrado algo que ainda não foi resolvido, existe muito ainda a ser discutido, assim como a categoria mulher/mulheres, se ainda somos educadas e cobradas socialmente por nossos sexos biológicos e presas em nossos corpos ideologicamente constituídos pelo sistema heteronormativo segundo os moldes patriarcal? Teresa de Lauretis coloca muito bem essa tensão nos estudos feministas e de gênero, segundo a teórica

O que é a razão pela qual a crítica de todos os discursos a respeito do gênero, inclusive aqueles produzidos ou promovidos pelo feminismo, continua a ser uma parte tão vital do feminismo quanto o atual esforço para criar novos espaços de discurso, re-escrever narrativas culturais e definir os termos de outra perspectiva- uma visão de “outro lugar” [...] Mas o movimento para dentro e para fora do gênero como representação ideológica, que, conforme proponho, caracteriza o sujeito do feminismo, é um movimento de vaivém entre representação do gênero (dentro do seu referencial androcêntrico) e o que essa representação exclui ou, mais exatamente, torna irrepresentável. Trata-se de um movimento entre o espaço discursivo (representado) das posições proporcionadas pelos discursos hegemônicos e o *space-off*, o outro lugar, desses discursos: esses outros espaços tanto sociais quanto

discursivos, que existem, já que as práticas feministas os (re)construíram nas margens (ou “nas entrelinhas” ou “ao revés”), dos discursos hegemônicos e nos interstícios das instituições, nas contrapartidas e em novas formas de comunidade. (LAURETIS, 2019 p.150 e 151)

Então, se a literatura se configura também uma tecnologia de gênero, por produzir mulheres e homens em suas narrativas, o que as mulheres escritoras tem feito é se reescreverem por meio de suas literaturas, recontar, refazer, num devir que não está preocupado em determinar tempo, lugar, espaço, se configurando, assim, num ato intrinsecamente político. Contudo, esse devir se desdobra numa busca incessante pelo autoconhecimento e autorreconhecimento presente em suas narrativas, nas escritas de si, ou as *Escrevivências*, termo criado pela escritora negra mineira Conceição Evaristo, como Elisangela Fialho (2016) conta-nos:

Expressa no final do prefácio, a indicar um percurso literário: “afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência’ (EVARISTO, 2011, p. 9) No âmbito do livro em questão, essa escrevivência pode ser interpretada como a escrita da vida das mulheres que a narradora encontra pelo caminho, ao andar pelo mundo colhendo histórias, conforme está em “Líbia Moira”[...] Nos dizeres de Eco, encontrar relações de construção e de sentido entre as histórias. (FIALHO, p.195 In: Org. DUARTE, CORTÊS e PEREIRA, 2016.)

Escrevivência é então o ato de escrever sobre e com as mulheres e suas histórias contadas, histórias ouvidas, vividas ou inventadas, e ainda sim a invenção seria a imaginação ligada a memórias do real. Esse é o processo que encontramos na antologia literária e fotográfica *Profundações*, onde escritorxs em suas diversidades se reúnem e por meio de sua escrita e de suas imagens, dando corpo, rosto, vida aos seus poemas e contos. Em *Profundações 2*, encontramos já na epígrafe um trecho do livro de *Contos Olhos D'água* de Conceição e Evaristo. Com uma dedicatória expressiva à pintora mexicana Frida Kahlo e à professora do departamento de Letras e Artes da UESC- Ba com vasta experiência em ensino e aprendizagem Arlete Vieira da Silva, falecida no mesmo ano em que o livro virtual *Profundações 2* foi lançado.

Por conseguinte, a todas as mulheres que vivas estão, numa chamada que emociona leitorxs, onde Galdino discorre com paixão sobre a re-existência em tempo ainda de invisibilidade, violência, dando importância ao encontro dessas mulheres e pessoas, comemorando esse evento que encanta.

Este livro é dedicado...
 à memória de sonho, devaneio e luta representada pela passagem de Frida Kahlo pela terra;
 à memória da educadora Arlete Vieira da Silva, pelo seu legado de esperança em tempos tão violentos;
 a todas as mulheres que, vivas, aliam sua existência à teimosia de construir outros mundos possíveis e assim resistem nos lugares onde se encontram/reencantam. (Org. GALDINO, 2017, p.5)

A apresentação do livro virtual se assemelha muito a um manifesto no qual a organizadora, escritora e performer do projeto *Profundanças*, Daniela Galdino, discorre acerca das motivações que levaram as escritoras e fotógrafas a se organizarem em torno de *Profundanças 2*; contos, poemas, imagem, “narrativas visuais de autorrepresentação”, contextualizando o momento do golpe de estado brasileiro ocorrido no final de 2016, no clima crescente de ódio em que a população se inseria. Um manifesto sobre resistir e reexistir por meio desse trabalho que não se constituía somente numa publicação virtual, antes um projeto contínuo de reunir mulheres, pessoas, que almejavam lutar contra todo um sistema de opressão e invisibilidade e silenciamento dxs eescritorxs³.

Neste segundo volume de *Profundanças* apresentamo-nos: dezesseis escritoras, dezenove fotógrafas. Mais do que soma, aqui importa o encontro de vozes dissidentes, pois das vivências cotidianas temos retirado a matéria da re-existência nos lugares onde estamos – e não para onde nos predestinam. Vias sinuosas, veredas interrompidas e reinventadas nos colocaram em convergência. Novamente a roda se faz e nela projetamos sussurros que se expandem até reverberar em outros corpos. Agora já estamos irmanades pelo grito. Mais do que nunca bradar se faz necessário. O nosso país está de garganta atravessada por um golpe. Um estado de exceção orquestrado ao modo jurídico-parlamentar por segmentos sociais odiadores tem violentando as nossas sensibilidades e usurpado os nossos direitos. Estamos na mira constante: nós, mulheres – ainda mais se negras, indígenas, trans, duas mulheres históricas, que deixaram contribuições significativas para outras mulheres lésbicas, pobres. Ou sucumbimos à mira, ou inventamos formas de re-existir. Odiadores não representam a totalidade do mundo. É preciso arrancar esperança aos dias e lançá-la em garrafas, balões, ruas, muros, livros. Cá estamos para dizer que a literatura é também o nosso foco de re-existência aos golpes – sejam eles nas grandes esferas ou nos circuitos íntimos. Por isso é muito significativo que *Profundanças 2* seja lançada no dia 06 de julho, data de nascimento da pintora mexicana Frida Kahlo. Escolher essa data significa dar visibilidade a uma extensa genealogia de combates

³ O x é representa aqui o não binarismo indicado pelos estudos Queer, onde não há a marcação de gênero indicada pelo “a” de feminino e mulher, ou pelo “o” masculino e homem. Embora ainda não seja unanimidade em textos teóricos sobre sexualidade, tem se utilizado o “e” nas narrativas dos movimentos sociais para indicar o não binarismo em textos, pois o “x” não é acessível para a linguagem em braille.

cotidianos que nos põem irmanades, ainda que as limitações temporais nunca nos tenham permitido um encontro direto. As indireções, sim, têm nos convergido. Os caminhos são díspares, mas as relações nós as construímos. (Org. GALDINO, 2017, p. 7)

Por meio da Literatura de três escritoras em *Profundanças 2* analisaremos as narrativas poéticas como discursos que essas mulheres produzem e suas “escritas de si” a fim de nos indicar caminhos para chegarmos às nossas questões centrais, tais como as que nos perpassam agora, examinando os fatores históricos que levaram as mulheres escritoras a produzirem no espaço virtual e o impacto sociocultural dessa Literatura e desse engajamento social nas discussões que envolvem fatores de Interseccionalidade.

Compreender como o Ciberespaço tem oportunizado o empoderamento dessas escritoras acerca de suas próprias criações e a visibilidade de suas produções literárias, como vimos neste capítulo e continuaremos no capítulo 3. *Metodologia: Etnografia Virtual e Análise Crítica do discurso*. Por fim, investigar as identidades possíveis para as Mulheres, construídas ou reconstruídas a partir da análise das obras vinculadas ao ciberespaço das escritoras Aidil Araújo, Ana Mendes e Daniela Galdino, aqui nos situamos no capítulo 4. *Análise da Obra: Criadoras numa ciranda*.

Essas mulheres têm uma relação consigo mesmas muito diferente umas das outras, embora todas registrem uma experiência de incômodo e inadaptação diante dos modelos tradicionais de feminilidade, um sentimento de estrangeiridade vivido desde cedo em suas vidas. Todas, então, tiveram de construir novos espaços subjetivos, sociais e de gênero, e o feminismo foi a grande porta de entrada para seus deslocamentos e reinvenções. Nesse sentido, suas experiências convergem, mantendo, ao mesmo tempo, suas dispersões. (RAGO, 2013, p. 36)

As vivências dessas três escritoras de *Profundanças 2*, mulheres em suas diversidades, entre si mesmas e umas com as outras, é que dão o tom das suas linguagens, ações e criação poética. Por mais que existam diferenças, há muitos pontos que as unem, pontos que se transformam em elos, em convergências, partilhas. Mais uma vez evocamos a escrita de Audre Lorde ao afirmar a necessidade das mulheres em compreender e considerar suas subjetividades, conhecendo e aceitando seus sentimentos e experiências, Lorde afirma que “o ato de os explorar com honestidade, se tornam santuários e campos férteis para as ideias mais radicais e ousadas. (Revista CULT, maio/2019, Edição 245, versão digital)

Portanto, o alimento para a construção de elementos que tornam a linguagem das mulheres escritoras uma linguagem potencialmente transformadora, pois uma mulher escrevendo, contando sua história de tal forma que toque outras pessoas, seja ela Christine de Pizan (1363-1431), que historicamente é considerada a primeira escritora profissional, com *Cidade das mulheres* no ano de 1405 em Madrid; ou Woolf questionando o motivo das mulheres não conseguirem escrever no livro *Um teto todo seu* em 1929.

Trazendo a discussão grandes escritoras inglesas da época; seja as mulheres de etnias negras e indígenas, aqui no Brasil, nos Estados Unidos, no México, na Bolívia, antes e depois dos colonizadores escravocratas, nos séculos passados ou até o século XX, que com suas histórias orais, mantinham seu povo ao redor de si, unindo as mulheres, homens, crianças; seu povo ou comunidade numa lembrança e esperança de mudança de vida. A linguagem poética oral e/ou escrita das mulheres se constituindo instrumento para transformações possíveis, ainda que as possibilidades não sejam nem eternas nem instantâneas

Podemos nos condicionar a respeitar nossos sentimentos e transpô-los em linguagem para que sejam compartilhados. E o que ajuda a criar essa linguagem onde ela ainda não existe é a nossa poesia. A poesia não é apenas sonho e imaginação; ela é o esqueleto que estrutura nossa vida. Ela estabelece os alicerces para um futuro de mudanças, uma ponte que atravessa o medo que sentimos daquilo que nunca existiu. (Revista CULT, maio/2019, Edição 245, versão digital)

Como podemos ao menos dar um ponto de seguimento, terminar por um momento o interminável que se constitui as discussões sobre os Feminismos e os processos que as escritoras contemporâneas têm feito acerca das escritas de si, ou o trabalho com a *Escrevivência*, na busca de novas epistemologias para a literatura ou que dê conta dessa literatura que se insurge nas redes ou nas ruas por meio dos fanzines, literatura independente, das margens, que têm sido estudadas teoricamente por professoras como Regina Dalcastagnè e Heloisa Buarque de Hollanda, devido, principalmente, pelo seu potencial de transformação sociocultural? Como nos chama atenção Dalcastagnè em *Literatura Brasileira contemporânea: um território contestado*.

Essa preocupação com a diversidade de vozes não é um mero eco de modismos acadêmicos, mas algo com importância política. Pelo menos, duas justificativas para tal importância podem ser dadas. Em primeiro lugar, a representação artística repercute no debate público, pois onde permitir um acesso à perspectiva do outro mais rico e expressivo do que aquele proporcionado pelo discurso político estrito (Goodin, 2000, p. 106). Como isso pode ser alcançado e quais seus desdobramentos possíveis, tanto em

literários quanto sociais, é algo que permanece em aberto, mas esta parece ser uma das tarefas da arte, questionar seu tempo e a si mesma, nem que seja pelo questionamento do nosso próprio olhar. Em segundo lugar, como Nancy Fraser, a injustiça social possui duas facetas (ainda que estreitamente ligadas), uma é econômica e outra cultural. Isso significa que a luta contra a injustiça inclui tanto a reivindicação pela *redistribuição* da riqueza como pelo *reconhecimento* das múltiplas expressões culturais dos grupos subalternos (Fraser, 1997, cap. 1): o reconhecimento do valor da experiência e da manifestação dessa experiência por trabalhadores, mulheres, negros, índios, gays, deficientes. (DALCASTAGNÈ, 2012, p.47)

Regina ainda pontua que a literatura é um espaço privilegiado, pois para ter acesso a ela a pessoa tem que ter as “ferramentas do ofício, isto é, saber ler e escrever” (DALCASTAGNÈ, 2012). Contudo, podemos refletir um pouco aqui sobre as histórias orais e até onde vai a literatura escrita e performada? Até onde a linguagem literária pode chegar? Somente às pessoas letradas? E as não letradas não podem ouvir por meio dos saraus? Como ter acesso aos espaços onde a literatura está? De que literatura estamos falando? Como democratizar os espaços e o acesso a todas as pessoas, inclusive a democratização universal do letramento, como chama atenção a professora supracitada?

A escritora Daniela Galdino em entrevista fala sobre questões de democratização e acesso ao livro virtual *Profundanças* e a impossibilidade de dimensionar os lugares que o livro chegaria.

É importante dizer uma coisa aqui, que o livro, a ideia do livro não impresso é... foi uma outra, uma terceira provocação, né, que a provocação da democratização do acesso. Então colocar no ar um livro que se disponha a problematizar essa invisibilidade e esse silenciamento imposto a nós mulheres no campo literário, mas que ao mesmo tempo, mesmo sabendo que a internet é acessível mas não é democratizada, nem todas as famílias têm acesso à internet em casa, nem todas as pessoas têm computador pessoal, ou um telefone que permita baixar arquivos ou acessar, ou tablets e outros equipamentos, né? Mesmo sabendo de todas essas barreiras, a ideia de um livro virtual é uma provocação de que esse livro, ele mesmo com todas as exclusões, essas desigualdades socioeconômicas, ele não teria barreira do mercado editorial para chegar até os leitores, ele não estaria dentro dos circuitos convencionais de mediação literária, ou seja, depender de um projeto de incentivo à leitura, depender de uma exposição numa livraria, ou do sistema de compra e venda praticado pelas editoras, né, com vendas virtuais, etc. Então ele estaria fora do circuito porque qualquer pessoa que reunisse as mínimas condições de acesso à internet poderia, como tem acontecido, acessar esse livro. Então quando eu pensei na ideia de um livro virtual e conversei com a Voo Audiovisual na pessoa do cineasta Edson Bastos e do cineasta Henrique filho foi pensando no livro que pudesse ser baixado por educadora, um educador da escola pública e mesmo com todas as dificuldades que são enfrentadas

na escola pública a maioria delas têm laboratório de informática e alguns equipamentos, mesmo que esse livro não fosse lido no computador e individual no equipamento pessoal ele pode ser lido em sessões coletivas. Nos laboratórios de informática, nas salas multimídias que tem, não só nas escolas, mas nas universidades públicas também. Então eu pensei no acesso, é... Imedível. Desde o começo nós entendemos assim, que nós deveríamos lançar o livro na internet sem maiores barreiras para o acesso, um livro com download gratuito. Agora o alcance desse livro a gente nunca achou que pudesse... é...mensurar, medir, porque a partir do momento em que ele é lançado no espaço virtual amplia, vira... nós estamos no terreno do imprevisível ele pode ser muito acessado, ele pode não ser, não teremos mais controle sobre isso, né? A própria plataforma na qual ele está hospedado, que é o site da Voo Audiovisual, não tem esse dispositivo que nos permita quantificar quantas vezes o livro foi baixado, quantos downloads aconteceram. Então eu não vejo isso como uma dificuldade, eu vejo isso como um elemento a mais, né, fica novamente essa estética do mistério, não saberemos onde o livro vai chegar e nesses quatro anos o livro chegou em lugares que eu não consegui imaginar quando eu criei o projeto. (Informação verbal)

Ao trabalho poético que a escritora Daniela Galdino tem realizado estrategicamente com o projeto *Profundanças*, ao trabalho e conhecimento que foi produzido em *Profundanças 2* não somente por Galdino, como pelo fazer poético das escritoras e pessoas diversas, dentre elas Ana Mendes e Aidil Araújo, é que acreditamos num conhecimento produzido com fins libertadores e provocativos.

Fazemos das palavras de Conceição Nogueira as nossas ao constatar na pesquisa científica com o ciberespaço que às mulheres estão produzindo por meio dele e por sua influência, o conhecimento de novas literaturas, insistindo na necessidade de epistemologias que possam compreender temáticas necessárias de serem ouvidas, reconhecidas, aprendidas e respeitadas, assim como maneiras diferentes de dizer algo já repetido tantas vezes historicamente: a invisibilidade e a dificuldade das mulheres em escrever, produzir e difundir sua literatura, e essa literatura ser reconhecida como objeto e fonte de estudos e pesquisas acerca das sociedades e suas formações e transformações.

Faço minhas as palavras de Ibañez (1996), que se refere ser da nossa responsabilidade enquanto psicólogas(os) eleger o conhecimento que queremos produzir: um conhecimento de tipo autoritário, alienante, normalizador que passe a fazer parte dos múltiplos dispositivos de dominação ou pelo contrário um conhecimento de tipo libertador, emancipador que traga para a arena as lutas das pessoas contra a dominação. (NOGUEIRA, 2017, p.200)

2.5. Etnicidade e Pertença Étnica

Sou sem cultura porque, como uma feminista, desafio as crenças culturais/religiosas coletivas de origem masculina dos indo-hispânicos e anglos; entretanto, tenho cultura porque estou participando da criação de outra cultura, uma nova história para explicar o mundo e nossa participação nele, um novo sistema de valores com imagem e símbolos que nos conectam um/a ao/à outro/a e ao planeta.
Gloria Anzaldúa, *La consciencia de la mestiza*, 2019.

Mergulhamos em águas profundas para compreender a noção de etnicidade para as atuais mulheres escritoras que se encontram no ciberespaço e o seu sentimento de pertencimento a uma cultura, um povo, um lugar de origem ou construído a partir de experiências e relações afetivas. Pois há diferença entre o que nós, pesquisadoras, dizemos sobre as escritoras, sujeitas de pesquisa no ato e processo da etnografia virtual, e o que elas dizem sobre si mesmas em suas narrativas e vivências. As imagens performáticas das escritoras foram retiradas da *Antologia Literária e Fotográfica Profundanças 2*, onde há uma íntima ligação entre a imagem performática das escritoras e seus trabalhos literários.

Seguiremos o estudos teóricos encontrados sobre identidade, cultura, etnicidade e noção de pertença apoiadas em Stuart Hall e o seu livro *Identidade Cultural da Pós-modernidade* (2006), por Glória Anzaldúa em com seu texto *Rumo a uma nova consciência* (2019), como também *Pensamento Feminista negro: o poder da autodefinição* (2019) de Patricia Hill Collins; Toni Morrison com *A Origem dos Outros* (2019); *Etnicidade* (2014) em José Maurício de Arruti e por fim, por tratarmos neste trabalho de identidade e cultura no Cibespespaço, Pierre Lévy com o capítulo *O Universal sem Totalidade, Essência da Cibercultura* que encontramos em seu livro *Cibercultura* (1999); estudos que nos ajudarão a compreender a dinâmica sociocultural que apresentou-se no decorrer da pesquisa para conhecer e reconhecer as mulheres escritoras Daniela Galdino, Ana Mendes e Aidil Araújo.

Três mulheres, três realidades diferentes, origens, formação histórica e sociocultural, a mesma língua, mas falares diferentes. Mulheres brasileiras, nascidas na mesma região, em cidades e estados diferentes. Há como atribuir uma etnia para cada uma delas? E uma Etnicidade que abraçasse as três mulheres? O que faz com que essas mulheres distintas se sintam pertencentes a uma realidade em comum? Uma pertença que as una e as façam dialogar entre si e com o mundo a partir dessa pertença?

Daniela Galdino, nascida em Itabuna-Bahia, ela mesma se diz mulher cirandeira, que proporciona cirandas com/entre outras mulheres pelo Brasil. Muitas vezes nomeia o

trabalho das mulheres em divulgar a antologia literária e fotográfica *Profundanças* de “Gira de mulheres”, fazendo uma analogia a pombagira, entidade feminina do panteão religioso de matriz africana, do candomblé e umbanda. Entidade essa que tem a qualidade de ser destemida, dona dos caminhos e encruzilhadas, gira porque é livre, é feliz e leva festejo por onde passa com suas saias e vestidos esvoaçantes.

2. Daniela Galdino fotografada por Ana Lee



Fonte: Profundanças 2 (2017)

Graipiúna, oriunda da cidade de Itabuna, região sul baiana, numa imagem postada em seu perfil pessoal *@galdinopoeta* na rede Instagram em fevereiro de 2019, Daniela segura uma caneca de esmalte antigo, na imagem só aparece sua mão e a caneca com café dentro e a legenda “... caneca do tempo de minha vó... pra não esquecer de onde venho... sou de uma linhagem de parteiras, rezadeiras, cartomantes, costureiras... mulheres versadas em magias... faz tempo que mapeio em mim os ecos de todas elas...” Podemos, a partir desses elementos inferir numa etnia, ou etnicidade para a escritora? Uma Pertença?

Aidil Araújo é mulher negra, nascida em Cachoeira-Bahia, faz parte da Casa de Barro em Cachoeira, um espaço de fomento da cultura e educação na cidade, espaço de apoio e criação de projetos que resguardem às memórias da região, uma “organização criada a fim de contribuir com o desenvolvimento humano e cultural nas cidades do Recôncavo”. Aidil já ganhou prêmios literários, menções honrosas, participou de diversas feiras e eventos literários, sendo a última a Festa da Ostra - 11ª Edição – 2019, no Quilombo Kaonge, no Distrito de Iguape, Cachoeira-BA.

3. Aidil Araújo fotografada por Camila Camila e Letícia Ribeiro



Fonte: Profundações 2 (2017)

Cursou jornalismo e filosofia na Universidade Católica de Salvador. Costuma dizer que escreve porque precisa viver, se não escrevesse morreria. Podemos dizer que há em Aidil Araújo uma etnicidade nítida por ela ser uma mulher negra? Facilmente podemos ver os elementos de uma pertença étnica pelo lugar de nascimento e pelos lugares onde esteve e faz presença?

4. Ana Mendes fotografada por Josi Oliveira



Fonte: Profundações 2 (2017)

Ana Mendes, mulher lésbica, nascida em São Paulo do Potengi, interior do Rio Grande do Norte, no ano de 1994. Cursou Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publicou antologias *CidaDelas* (2017), participou de grupos de declamadores *Dirocha*, é dona da página na rede social Facebook *erro errante* e o blog *Pensamentos avulsos*. Ana também publicou fanzines: *Bigorna*, *diário de um Cego*; *Prazer Pega Mate* e *Come e Terno*. Participando com frequência de saraus e slams.

Fez participação num curta VIDA VAZA (Praieira Filmes, 2018). Ana já participou das vivências de *Tambores Ancestrais*, foi percussionista tocando tambor. Existe uma identidade étnica em Ana Mendes? Uma Pertença étnica? E as relações étnicas entre essas três mulheres, como acontece? O que estamos colocando aqui como étnico ou etnia? Hall diz:

Uma forma de unificá-las [a identidades nacionais] tem sido a de representá-las como expressão da cultura subjacente de um ‘único povo’. A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais-lingua, religião, costumes, tradições, sentimentos de ‘lugar’- são partilhadas por um povo. É tentador portanto usar a etnia dessa forma ‘fundacional’. Mas essa crença acaba, no mundo moderno por ser um mito. [...] As nações modernas são, todas, híbridas culturais. (HALL, 2006, p.62)

Assim como culturas híbridas também identidades híbridas, como Anzaldúa em seu texto tanto nos diz, sendo ela considerada a outra pelo seu povo ou não pertencente, não significa que não tenha cultura ou não pertença a algum lugar, antes está a construir a partir de um grande movimento que é o feminismo, uma nova cultura, onde não somente ela caiba, mas muitas outras pessoas e suas diferenças, suas heterogeneidades, o hibridismo cultural e identitário que nos indica Hall. Trabalharemos com a noção de etnicidade a partir de Arruti (2014) e de pertencimento segundo Anzaldúa (2019).

Contestamos a noção de lugar de origem ou pureza identitária, grupal, segundo Hall, sendo as comunidades e identidades imaginadas, pois “as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”. (HALL, 2006)

Assim como todo o simbolismo que vemos na fala de Daniela quando a escritora cita memórias a partir da caneca de esmalte onde toma seu café, gera um sentimento de pertencimento a uma historicidade, costumes de mulheres trabalhadoras que exerciam funções do espaço privado para manter o lar, a casa, filhos e filhas. Costureiras, parteiras, rezadeiras etc., mulheres possivelmente de zonas rurais, símbolos que na mulher escritora revela um sentimento de identidade e lealdade às suas antepassadas, ancestrais (HALL, 2006, p.49). Um imaginário que é alimentado com respeito e admiração. O que faz acreditar na pertença de um determinado grupo étnico formado por mulheres- costumes, religião, linguagem, comunidade, ancestralidade, características herdadas- que trabalhavam para manter o espaço do privado ordenado.

Assim, o adjetivo “imaginado” que acrescentam à comunidade (ou grupo étnico) justifica-se porque a atitude simbólica que marca a autopercepção e o sentimento nacionais não dependeriam de regras de interação entre grupos reais, mas antes da relação entre comunidades imateriais, formadas por dispositivos de compartilhamento de

experiências como a literatura, a imprensa periódica, os ritos, datas e heróis nacionais. [...] A etnicidade passa a descrever performances identitárias que incluem também os amplos contextos derivados da diáspora africana, assim como da reorganização em contexto urbano dos grupos étnicos e A etnicidade passa a descrever performances identitárias que incluem também os amplos contextos derivados da diáspora africana, assim como da reorganização em contexto urbano dos grupos étnicos e nacionais em processo de migração rural-urbana, assim como de imigração entre fronteiras nacionais. Em todos estes casos, a etnicidade continua servindo para classificar e, com base na classificação, organizar e regular a interação entre indivíduos, mas agora tendo por base um arco de formas sociológicas que vão do grupo étnico às comunidades imaginadas de diversos tipos. (ARRUTI, p. 208, 209, 210)

Já em Aidil Araújo, que se configura uma mulher negra e está rodeada por toda uma realidade que nos faz acreditar que sua identidade étnica é bem marcada, se formos pela via que diz ser fatores de etnicidade uma memória original, fatores religiosos, linguísticos, segundo Frederik Barth (1998) pois nos voltamos para as suas raízes em África, pela sua morada em Cachoeira-Ba, uma cidade com um simbolismo de criação e resistência de etnias africanas trazidas e lá escravizadas, lá também guerrearam e resistiram pela vida e por liberdade.

Pela sua atividade, também, em participar de eventos que valorizam a voz das escritoras negras, da religiosidade africana trazida para o Brasil e a luta contra a violência sofrida pelas mulheres negras. Consequentemente, uma vivência religiosa de matriz africana que se faz presente em seu corpo discurso, assim como o vemos em *Profundaças 2*, fotografada pelas profissionais Camila Camila e Letícia Ribeiro, em 8 imagens específicas, Aidil usa a narrativa fotográfica para mostrar elementos de sua cultura, como nos enseja no livro *Profundaças 2, O Contrapelo do binarismo impositivo*

De costas para o mar e olhando à frente, Aidil está vestida de azul, cor que, segundo a umbanda, representa o orixá Iemanjá: a deusa das águas. O fundo da imagem é desfocado, evidenciando a imagem da poeta em primeiro plano que utiliza um colar de miçangas azuis. Este conjunto de simbolismos- cor do vestido e dos acessórios, local escolhido como plano de fundo, constroem uma relação entre a imagem e dados identitário da cultura africana ficam em evidência. Pode notar que a referência feita à Iemanjá [...] estabelece relações de significado com a prosa de Aidil Lima *Árvore Sagrada*. (MATOS e SACRAMENTO, 2019, p.168)

Ana Mendes, uma mulher lésbica, feminista, participa de *slamns*, declama poesia desde a infância. Ativista política, usa sua escrita e performance para estar presente nos movimentos sociais que buscam assegurar direitos para a comunidade LGBTQI+,

sobretudo pela visibilidade das mulheres lésbicas, vítimas de estupros corretivos e da fetichização de uma realidade heteronormativa. Em entrevista à revista literária virtual “diversos afins” na sessão sabatina poética, Ana fala sobre um de seus poemas em *Profundanças 2* “Ah! Enquanto recorte, este poema é medo e violência, por esta mulher, LGBTGI+, baixa renda e fala sobre muitos dos meus, em outros recortes de situação de vulnerabilidade social.” (129ª Leva - 01/2019, Pequena Sabatina ao Artista)

Podemos então dizer que Ana faz parte de uma parcela marginalizada da população brasileira que encontra num grupo social, identificação, acolhimento, reconhecimento? Grupo social este que tem uma linguagem própria para se comunicar, o que a linguística vai chamar de dialeto, que a linguagem LGBTQI+, sendo que cada grupo dessa sigla tem seu próprio e vasto vocabulário, assim como também suas lutas sociais. Às pessoas bissexuais, os gays, as pessoas transexuais, travestis e transgênerose Queers, Intersexos, e as mulheres lésbicas com seu feminismo lésbico, forte e atuante no mundo. Anzaldúa nos diz

Como mestiza não tenho país, minha terra natal me despejou; no entanto. Todos os países são meus porque sou a irmã ou a amante em potencial de todas as mulheres. (Como uma lésbica, não tenho raça, meu próprio povo me rejeita...) [...] Soy un amasamiento, sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto de luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e lhe dá novos significados. (ANZALDÚA, 2019, p.327)

Chegamos num ponto que nos conectará às comunidades cibernéticas, ao ciberespaço e as relações étnicas e noções de pertencimento para uma “universal não totalizável”, como afirma Lévy (1999). Não antes sem falarmos nas etnias urbanas que Arruti (2014) reflete, os movimentos sociais influenciam muito na tomada e construção dos conceitos, grande parte do entendimento de um fenômeno se dá por ele estar buscando reconhecimento sócio político econômico e cultural, ou seja, nasce do desrespeito social que pessoas inseridas em determinados contextos de vida se encontram, como as mulheres lésbicas, ou homens gays, ou pessoas Trans. Ao passo que essa parte da população toma para si uma identidade, costumes, traços de pertencimento de grupo, se instauram as etnias urbanas.

Tendo em conta que boa parte do uso contemporâneo de etnicidade está relacionada à emergência de uma “política de reconhecimento” de alcance global, vale recuperar o modelo igualmente generativo de A. Honneth (2003), em Luta por reconhecimento, para o fenômeno. O autor sugere que na base dos conflitos que instauram lutas por reconhecimento está uma “experiência moral” de desrespeito que, sendo inicialmente experimentada de forma individual, é convertida em experiência

coletiva por meio da transformação das experiências privadas em “controvérsias” públicas. Compreendida desse modo, a noção de “conflito moral” é de grande importância para a recaptura da teoria da etnicidade, que passa a ter por base uma unidade social definida mais em termos morais que em termos estruturais. [...] No Brasil houve uma ampla incorporação da teoria dos grupos étnicos e do uso da categoria de etnicidade pelas diversas antropologias: desde a indígena até a urbana, passando pelas relações étnico-raciais e mesmo das relações de gênero, entre outras [...] expandindo-se também sobre outros campos de estudos, que vão das relações raciais — designadas, a partir da década de 1980, de “étnico-raciais” —, aos fenômenos da urbanização, passando pelos movimentos sociais entre outros. (ARRUTI, 2014, p. 208, 209 e 211)

Então se cada mulher escritora tem sua etnicidade e cada uma dá o sentido de pertença em suas vidas pessoais, como se dá o entrelace dessas três vidas? Ainda mais quando essas três mulheres se encontraram e se conheceram pelo ciberespaço, pelo virtual. Como atribuir um pertencimento étnico ou as fricções étnicas se no ciberespaço as comunidades independem da geografia, e junto com ela suas atribuições de etnicidade por grupo ou comunidade social; no ciberespaço as relações se dão por afinidade.

O segundo princípio da cibercultura obviamente prolonga o primeiro, já que o desenvolvimento das comunidades virtuais se apoia na interconexão. Uma comunidade virtual é construída sobre afinidades e de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. Para aqueles que não as praticam esclarecemos que, longe de serem frias, as relações on-line não excluem emoções fortes. Além disso, nem a responsabilidade individual nem a opinião pública e seu julgamento desaparecem no ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 127 e 128)

Collins (2019) escreve “Você tem de entender qual é o seu lugar como indivíduo e o lugar da pessoa que é próxima a você. Você tem de entender o espaço entre vocês antes que possa entender grupos mais complexos e maiores.” Palavras acerca da autodefinição, da “arte de contar-se”. As mulheres em *Profundações 2* é que estão dizendo quem são e como. É Aidil que chama sua ancestralidade africana em seus contos. Ana Mendes denuncia toda marginalidade das mulheres Lésbicas em seus poemas. Daniela Galdino que subverte lugares e tempo em seus poemas e performance.

É *Profundações* nas redes, no ciberespaço nos mostrando: mesmo que muitos não reconheçam tal trabalho e seus signos e significados, ele está lá, influenciando e mostrando as/aos que veem. Nós só investigamos e constatamos enquanto pesquisadoras. Nos acrescenta Anzaldúa

Nesse dia, digo “sim, todo o seu povo nos fere quando nos rejeita. A rejeição nos destituiu de valor próprio; nossa vulnerabilidade nos

expõem a humilhação. A falta que vocês percebem é de nossa

identidade inata. Ficamos envergonhadas/os de precisarmos de sua aprovação, de precisarmos de sua aceitação. Não podemos mais camuflar nossas necessidades, não podemos mais deixar que defesas e cercas cresçam ao nosso redor. Não podemos mais nos retirar. Sucumbir à fúria e olhar para vocês com desprezo é um ato de violência e desprezo contra nós mesmas/os. Não podemos mais pôr a culpa em vocês, tampouco rejeitar as partes brancas, as partes masculinas, as partes patológicas, as partes queers, as partes vulneráveis. Aqui estamos e sem armas e de braços abertos, trazendo apenas nossa mágica, vamos tentar da nossa maneira, da maneira mestiza, de maneira chicana, da maneira da mulher. (ANZALDÚA, 2019,p.335)

Assim também como nos auxilia Lévy (1999) sobre as comunidades virtuais, nascidas dos movimentos sociais no ciberespaço, do ciberativismo das décadas de 80 e 90 de jovens metropolitanos escolarizados que popularizou o uso da internet para fins de comunicabilidade.

As periferias das grandes cidades imaginadas sem acesso ao virtual, sem cultura, sem uma linguagem, receptoras de culturas várias, não somente a do colonizador, que lhe tira toda humanidade, o coloca na marginalidade, na pobreza. Essas comunidades periféricas têm sim o acesso às mídias, aos softwares, produzindo-os também. Existem comunidades e coletivos nas redes sociais, trabalham com tudo que é recebido, sem ser assimilado, mas modificado e transformado em algo seu: identidade, linguagem, expressividade, modos de comportamento, relacionamento, pertencimento.

Fato que ocorre principalmente entre as/os jovens, manifestações culturais e sociopolíticas, dentre elas podemos pontuar o *slam*, uma competição poética performática com temas que discutem raça/etnia, gênero, sexualidade, diferenças socioculturais e o abismo econômico em que o país está inserido, uma performance poética comprometida com a denúncia dos problemas vividos pelas comunidades à margem, onde a oralidade é destaque.

No Brasil existe o *Slam das Minas*, que começou no Distrito Federal e já se estende por diversas regiões do país. Tem páginas de seus coletivos nas redes, se comunicam pelas redes, vivenciam o virtual com suas relações afetivas, suas possibilidades comunicativas, seu alcance inimaginável e caráter instrumentalizador nas lutas das minorias por direitos.

O medo subvertido se transforma em força combativa que luta para destruir a estrutura opressora. Vive-se na sociedade em rede (CASTELLS, 1999). O caminho não poderia ser outro: valer-se da ocupação do ciberespaço. No entanto, o que ocorre quando mulheres se apropriam das mídias digitais transcende o que, pejorativamente, é definido como “ativismo de sofá”. É um instrumento de guerra sendo usado como contrapoder; é uma mídia contra-hegemônica sendo usada como espaço de fala por sujeitos historicamente silenciados pela mídia hegemônica; é uma nova face de um espaço público sendo

territorializado pelas mulheres. [...] O feminismo insurgente nas mídias sociais, irrompe

justamente por conta das condições de possibilidades que permitem esse tipo de conexão, que reflete diretamente nas relações sociais entre as mulheres. As possibilidades de militância dentro do ciberespaço vão desde o direito a produzir seus próprios discursos (BENKLER, 2006) até a possibilidade de criar milhares de espaços de acolhimento através das teias de interconexões. (FONSECA, 2017, p. 189 e 190)

A antologia literária e fotográfica *Profundações* é um projeto que nasceu na busca de Daniela Galdino por autonomia, acessibilidade e visibilidade das mulheres escritoras, e como movimentadora de *Profundações* e arquiteta de encontros entre mulheres que escrevem, podemos pensar *Profundações* como um projeto social amplo em que temos um movimento artístico, social, político, econômico, que segue rompendo e subvertendo a maneira como as mulheres e pessoas se conhecem e passam a se reconhecer, se conectar e reconectar-se umas às outras.

Os feminismos e a linguagem poética, a escrita é que unem as mulheres e pessoas em *Profundações*, mais especificamente, os feminismos, a literatura, a palavra enquanto instrumento de ação social, autoconhecimento, escrevivência, provocação, denúncia. Elementos que uniram Daniela Galdino, Ana Mendes e Aidil Araújo num sentimento de pertencimento a um grupo heterogêneo que se acolheu e se abraçou em suas diferenças a fim de construir algo por amor a literatura e o fizeram numa grande Ciranda de Mulheres, onde todas se sentem pertencentes e acolhidas, uma comunidade étnica imaginada, nascida dos afetos e das experiências com a poesia e o gênero.

Assim como Toni Morrison em seu recente lançamento no Brasil *A origem dos Outros* (2019), no capítulo *Narrar o outro* ela reconta a história real de uma mãe, mulher negra e escravizada, que fugira e quando encontrada tentou matar filhos e filhas, ao fim, somente uma veio a morrer. Margaret Garner disse preferir a filha morta do que vivendo a vida que ela vivera e voltaria a viver, já que fora encontrada. Morrison reconta a história de Garner no romance *Amada* (1987) buscando dar um desfecho mais humano para o acontecimento de horror numa realidade escravocrata nos Estados Unidos em 1856. Na narrativa literária a escritora conta que muito mais a empatia baseada no gênero uniu duas mulheres em situação difícil, escravizadas, do que a raça.

O que nos inquieta é pensar que um fator afetivo uniu duas mulheres muito mais do que fatores de ancestralidade e costumes. Então, há quem importa a noção cristalizada, delimitada, demarcada de Etnia, já que esta se dá a partir de contextos e interesses antropológicos, sociológicos e políticos? Quem pode dizer quem pertence ou não pertence, senão o próprio sujeito ou sujeita que vive uma realidade numa comunidade imaginada?

O colonizador nos tirou o que tínhamos antes e nos vestiu com uma roupa que nunca nos coube, antes foi e tem sido como uma camisa de força a nos sufocar. No entanto, quem nos deu o que havia antes? Uma origem, ou origens de povos diversos até chegar a um determinado povo que foi brutalmente humilhado, submetido a fome, a marginalidade, a desumanidade. Anzaldúa termina

A luta é interior: chicano, índio, amerídeo, mojado, mexicano, imigrante latino, os anglos no poder, classe trabalhadora de anglos, negros asiáticos- nossas psiques parecem-se com as cidades fronteiriças e são povoadas pelas mesmas pessoas. A luta sempre foi interior, e se dá em terrenos exteriores. Devemos adquirir consciência da nossa situação antes de podermos efetuar mudanças internas, que, por sua vez, devem proceder as mudanças na sociedade. Nada acontece no mundo “real” a menos que aconteça primeiro nas imagens em nossas mentes. (ANZALDÚA, 2019, p. 333)

Retomamos a noção que une as duas mulheres no conto de Toni Morrison (2019), a consciência ou o reconhecimento do gênero entre as duas mulheres exploradas, escravizadas, assim como acontece com a Ciranda em *Profundações 2* de mulheres e pessoas Trans e não binárias que se reúnem, conscientes de suas diferenças e diversidades, reconhecendo suas heterogeneidades, as narrativas de pertencimento se reconstroem para a aproximação, as escritas de si unindo e anunciando um paradigma identitário que se configura numa noção étnica.

3. Metodologia: Etnografia Virtual e Análise Crítica do Discurso

A pesquisa qualitativa denominada Etnografia Virtual tem características transdisciplinares, segundo a pesquisadora Adriana Braga em seu texto *Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica* (2006), retomada em *Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia? Implicações dos Termos em Pesquisas Qualitativas na Internet* (2013) por Beatriz Polivanov, onde cita a contribuição de Braga para a reflexão do tema Etnografia Virtual, texto importantíssimo que perpassa estudiosos e suas formulações de conceitos imprescindíveis sobre o virtual, comunidades, etnografia etc., somando, desta maneira, para que a Etnografia Virtual se estabelecesse enquanto método científico de pesquisa e análise. (POLIVANOV, 2013, p 3.).

Metodologia esta que foi concebida por meios das inter-relações das diversas áreas do conhecimento para o desenvolvimento da sua abordagem, segundo a pesquisadora Christine Hine, professora de sociologia da Universidade de Surrey, no Reino Unido, que agregou diversas áreas do conhecimento como Sociologia. Tecnologia da Informação, Mídia, Antropologia, Psicologia Social etc., como vemos em seu livro *Virtual Ethnography* (Etnografia Virtual), onde explica minuciosamente como inflexões de estudos de ciência e tecnologia, mídia, sociologia, psicologia social, estudos culturais e antropologia serviram para validar esse método de pesquisa científica.

Para chegar até a Etnografia Virtual, Hine fez uma grande viagem nos estudos da Etnografia Tradicional, nas necessidades que a tecnologia impunha às novas mídias e maneiras de fazer pesquisa. Já que a realidade virtual, ou Ciberespaço- termo utilizado também pela teórica- constitui-se numa ferramenta importante na realização de pesquisas diversas, seja no campo off-line e on-line, ou seja, em ambientes virtuais, Hine viu a necessidade de tornar esse processo científico, sendo que havia todos os requisitos de campo e interação para constituir-se como tal.

Hine, uma das primeiras pesquisadoras que se dedicaram a analisar as interações sociais em comunidades virtuais problematizando a utilização do método etnográfico nesses ambientes, opta por utilizar o termo ‘etnografia virtual’, publicando livro homônimo (*Virtual Ethnography*) em 2000. Já a segunda perspectiva – da internet entendida como artefato cultural, conceito que Hine apropria de Wolfgang (1996) – a vê como ‘um produto da cultura: uma tecnologia que foi produzida por pessoas particulares com objetivos e prioridades situadas contextualmente’ (HINE, 2000, p. 9). Tal ótica ‘favorece a percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte, em uma perspectiva que se diferencia da anterior (...) pela integração dos âmbitos *online* e *off-line*’ (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 42). Assim, coloca-se a ênfase

nos diversos usos e apropriações que os atores sociais fazem da internet, entendendo-a como um artefato com significados culturais diversos. (POLIVANOV, 2013, p. 4)

A partir da teoria formulada por Hine em seu *Virtual Ethnography* (2000), onde é explicado com destreza as possibilidades de pesquisadores/as em atuar no campo virtual e realizar o método etnográfico de pesquisa, explicaremos no próximo capítulo o tipo de pesquisa que optamos e como procedemos diante da nossa pesquisa e sujeitas de investigação. A Etnografia Virtual foi, então, nossa metodologia de pesquisa para estar em campo; nosso campo o Ciberespaço; e conseguir o máximo de informações acerca das nossas escritoras pesquisadas e suas interações e inter-relações.

3.1 Etnografia Virtual, conceito e aplicação.

Nos dias atuais ainda tem sido difícil falar de Etnografia Virtual, mesmo com tantos estudos que comprovam sua validade, contribuição e importância em termos científicos. Christine Hine (2000) conta detalhadamente sobre como foi difícil para a antropologia tradicional conceber a Internet como uma comunidade, mesmo que mediada por computadores, mas, ainda assim, comunidades que se interligavam por questões identitárias, por signos sociais como idade, raça/etnia, gênero, status social, por interesses em comum em sites de discussão e comunidades de jogadores ou *gamers*.

O terreno de estudo era desafiador por haver ainda muitos pré-conceitos relacionados à interação mediada por computadores ao invés do “cara a cara” (HINE, 2000) da antropologia tradicional. A discussão da confiabilidade na produção das narrativas produzidas na Internet, a defesa de que havia a necessidade de estar nas comunidades pessoalmente e extrair as narrativas locais, observar, ouvir, anotá-las para ser, efetivamente, etnografia. Hine cita Kuper (1983) “que descreve a ‘revolução Malinowskiana’” ao acentuar a necessidade de viagens para encontrar seus sujeitos de pesquisa e estar com eles/elas, ter o olhar do outro, sugerindo assim o método etnográfico como autoridade dessa prática analítica em comparação a outros métodos de pesquisa. (HINE, p.60, 2000)

Hine levanta o debate acerca da Internet ser e funcionar como cultura, o tornar-se tanto a produção da cultura contextualizada como artefato cultural. As interações mediadas pelo computador não invalidam as informações advindas da Internet, do não face a face como a antropologia tradicional muito criticou e questionou o método da etnografia virtual, pois existe todo um contexto do qual é preciso ser analisado, narrativas

que se constituem práticas discursivas e conseqüentemente se traduzem como práticas sociais das pessoas interagindo no ciberespaço, na Internet, com informações, troca de textos, sites de notícia, interatividade entre as pessoas que as acessam. Na época em que Hine escreveu *Etnografia Virtual* não havia tantas redes sociais que possibilitassem e oportunizassem a imagem em suas diversas realizações, como fotos, filmes e até transmissão em tempo real.

O crescimento das interações mediadas nos convida a reconsiderar a ideia de uma etnografia ligada a um determinado lugar ou mesmo a vários espaços ao mesmo tempo. Estudar a formação e reconfiguração do espaço, através de interações mediadas, representa em si uma grande oportunidade para a perspectiva etnográfica. Mais do que multi-colocados, poderíamos convenientemente pensar na etnografia da interação mediada como fluida, dinâmica e móvel. (HINE, 2000, p.81. Tradução nossa)⁴

Há muito a Internet é utilizada para trabalho, entretenimento, informação, compras, exploração de maneiras diversas de relacionamentos como a amizade, o namoro, para promoção à saúde, à educação etc. (2002, p.46), e ainda assim ser considerada como algo que não implica em relações sociais e culturais? Onde o on-line e o off-line encontram-se numa linha imaginária quase indivisível, como aponta Viviane Mosé em *O poder e as redes* (2019), ou Pierre Lévy em *Cibercultura* (1999) ou *A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço* (1997)?

O conceito de comunidade virtual, a *Matrix*, foi evocado para compreensão dos processos de interação e como se davam, assim como as discussões acerca da identidade nas redes, já que não se podia ter algo estático, como se no “plano do real” pudéssemos também admitir a existência de uma identidade fixa, o que nos leva a evocarmos Stuart Hall ao explicar as identidades descentralizadas na pós-modernidade, onde o indivíduo se encontra dentro de um hibridismo cultural, num encontro com às múltiplas identidades.

Hine teve todo um aparato logístico, investigativo, argumentativo, dialógico e reflexivo para comprovar sua teoria nos anos 2000, onde as redes não eram como hoje, no tempo de sua pesquisa para a publicação de *Etnografia Virtual*, na época da elaboração do livro contou com instrumentos de comprovação de pesquisa de grupos de pessoas em chats de conversa sobre notícias, e-mails e sites de informação.

⁴ El crecimiento de las interacciones mediadas nos invita a reconsiderar la idea de una etnografía ligada a algún lugar en concreto o, inclusive, a múltiples espacios a la vez. Estudiar La Conformación y reconfiguración Del espacio, a través de interacciones mediadas, representa en sí una gran oportunidad para la perspectiva etnográfica. Más que multi-situada, podríamos pensar convenientemente la etnografía de la interacción mediada como fluida, dinámica y móvil. (HINE, 2000, p. 81)

Inclusive a pesquisadora perpassa historicamente o caminho que a internet traçou, das bases militares às universidades e logo em seguida à sua popularização, sua utilização em massa no final dos anos 80 e início dos anos 90, com os movimentos sociais e identitário, principalmente na década de 80 com os hackers e os punks.

Interessante salientar que, na década de 80 é que nascem os movimentos de contracultura, e aqui enfatizamos o movimento cyberpunk, com sua literatura e suas ações por meio da internet, onde o ciberativismo ia tomando forma.

A ideia inicial desta pesquisa, o interesse pela literatura de escrita por Mulheres no Ciberespaço e toda sua movimentação, concebendo assim, a Matrix, o mundo virtual, partiu exatamente de um livro de literatura cyberpunk *Neuromancer* (1984), que compreende a *Trilogia Sprawl* de William Gibson, considerado um dos primeiros a utilizar o termo ciberespaço para traduzir a interação social, econômica, cultural e histórica na internet.

A história das origens e o desenvolvimento da Internet contém alguns temas chave, entre eles a apropriação da tecnologia militar para fins humanitários e libertários, o ajuste do desejo natural da comunicação entre humanos, e transformando uma arma de destruição em um bem para as pessoas. Há histórias semelhantes sobre o desenvolvimento da Minitel na França como fonte de informação, e sobre a apropriação de seus usuários como uma forma de comunicação (LEMOS, 1996). O fato é que a rede se expandiu de estabelecimentos militares para universidades, e de lá para o resto do mundo, permitindo a tecnologia adquirir novas formas ou, talvez, revelar sua verdadeira natureza. O tema seguinte, entre outros, influenciou muito o uso inicial da Internet: sua natureza proclamadamente anárquica, a atitude contracultural de hackers e ciberpunks, e a ênfase na responsabilidade compartilhada de uma tag eletrônica inicial (netiquette). Teorias iniciais na Internet enfatizam o jogo de identidade, o desenvolvimento de comunidades virtuais e a descoberta de novas formas de comunicação e compartilhamento. (HINE, 2000, p. 45. Tradução nossa.)⁵

⁵La historia de los orígenes y el desarrollo de Internet contiene algunos temas clave, entre ellos, la apropiación de la tecnología militar con propósitos humanitarios y libertarios, la afirmación del deseo natural de comunicarse los humanos, y la transformación de un arma de destrucción un bien para las personas. Existen Historias similares acerca del desarrollo de Minitel en Francia como fuente de información, y sobre la apropiación de sus usuarios como forma de comunicación (Lemos, 1996). El hecho es que la red se expandió de los establecimientos militares hacia universidades, y de ahí al resto del mundo, permitiendo a la tecnología adquirir nuevas formas o, quizás, revelar su verdadera naturaleza. El siguiente tema, entre otros, influyó en gran parte del uso inicial de Internet: su naturaleza proclamadamente anárquica, la actitud contra-cultural de los hackers y ciber-punks, y el énfasis la responsabilidad compartida de una inicial etiqueta electrónica (netiquette). Las Teorías Tempranas sobre Internet hacían hincapie eljuego de identidades, el desarrollo de comunidades virtuales y el descubrimiento de nuevas formas de comunicarse y de compartir. (HINE, 2000, p. 45).

A Etnografia virtual requer uma grande imersão da/do pesquisadora/pesquisador, requer ética, comportamentos que se assemelham numa Etnografia tradicional, sendo que o campo pode ser acessado de qualquer lugar, ou mesmo sem sair de casa, o que não facilita, antes requer muito mais cuidado ao adentrar o campo etnográfico de pesquisa, escolher seus modos de interação, seus sujeitos ou suas sujeitas de pesquisa dentro do cenário virtual ou ciberespaço e o seu contexto.

Quanto aos instrumentos, utilizamos a imersão no campo etnográfico, aqui vemos a necessidade de que eu me colocasse enquanto “pesquisadora insider”, com a construção de um perfil nas duas redes sociais pesquisadas e já mencionadas, sendo elas Instagram e Facebook, ambas anunciando sua função de perfil para etnografia virtual, ou seja, eram perfis voltados para a pesquisa, havia meu nome, minha imagem e descrição de “pesquisadora insider”.

O ciberespaço foi o ambiente em que a pesquisa se realizou, pois para pesquisar um projeto realizado no espaço virtual, as interações virtuais em comunidades virtuais, para nos aproximarmos das escritoras que interagem virtualmente, coube a Etnografia virtual nos oportunizar uma experiência mais adequada e ampla da literatura no Ciberespaço.

Agregamos as técnicas de pesquisa à observação da interação das escritoras nas redes sociais Instagram e Facebook. No entanto, também visitamos páginas de entrevistas, blogs pessoais e não pessoais das escritoras, sites que noticiaram o projeto *Profundanças* e falavam sobre o caráter da antologia literária virtual, livros publicados fisicamente com poemas das autoras e, por fim, a participação num evento onde foi possível conhecer pessoalmente as escritoras Daniela Galdino e Aidil Araújo. Um evento singular e divisor de águas na pesquisa.

Com a necessidade de obtermos entrevistas na escuta da narrativa do outro, aqui, na escuta das escritoras, realizamos uma entrevista focalizada, com a técnica proposta por Lakatos (2003), “Despadronizada e não estruturada” via WhatsApp em outubro de 2018 com a poeta Daniela Galdino, como assim combinamos no evento em que nos conhecemos pessoalmente, “Mulheres em Profundanças” mesa que aconteceu na Feira do Livro de Feira de Santana. As entrevistas com Aidil Araújo e Ana Mendes foram retiradas da internet, em sites abertos possíveis de serem acessados a qualquer tempo por qualquer pessoa leitora.

Adentrar o Ciberespaço foi o nosso método de pesquisa, observando, interagindo publicamente, eu, Allinne Silva, identificada enquanto pesquisadora de mestrado,

investigando a escrita literária das mulheres escritoras brasileiras e nordestinas no ciberespaço. O tempo que mergulhei no campo etnográfico virtual efetivamente como pesquisadora insider compreendeu o tempo de um ano e três meses, iniciado em março de 2018 até junho de 2019, percurso que se constituiu no acompanhamento das atividades virtuais das escritoras Daniela Galdino, Aidil Araújo e Ana Mendes, assistindo suas interações nas duas redes sociais. Também acompanhei os perfis nas duas redes sociais supracitadas do Projeto *Profundações* e a ciranda de mulheres que se formava todas as vezes para sua divulgação on-line.

Buscando ter uma postura reflexiva, crítica e ética em relação aos processos de produção e aquisição de conhecimento, fui uma pesquisadora insider, ou seja, participei ativamente enquanto ouvinte da realização das mesas on-line de *Profundações* através das lives, vídeos transmitidos em tempo real via rede social.

Uma pesquisadora insider, segundo as autoras Fragozo, Recuero e Amaral em *Métodos de pesquisa para internet* (2011) é aquela que faz parte da pesquisa, não somente observando, mas também interagindo nos espaços virtuais, mostrando seus interesses, as razões da sua presença e comportamentos no Ciberespaço, fazendo saber a seu/s sujeito/s ou sujeita/s de pesquisa os seus interesses e investigação científica.

5. Pesquisadora Insider pelo fotógrafo Edvan Barbosa



Fonte: FLIFS (2018)

Ser pesquisadora insider me proporcionou acompanhar diversos trabalhos da escritora Daniela Galdino, on-line e off-line, sua itinerância, alcançando uma maior abertura e intimidade com a escritora, ao passo que a exigência no exercício da ética na pesquisa foi enorme e seguida à risca, para conseguir delimitar até onde poderia ir enquanto pesquisadora.

Atuando e interagindo abertamente com as três escritoras, estudando e investigando cotidianamente o seu estar nas redes e interações diversas com outrxs escritorxs, leitorxs, amigxs etc. Tive um excelente relacionamento com as três escritoras, ofereceram-me a liberdade de escrever-lhes, ao que elas me respondiam de maneira descontraída e informal, como se estivessem a lidar com qualquer outra pessoa conhecida por elas.

Interagimos em publicações de imagens, textos e vídeos, assim como nos *stories*, que consistem em pequenos vídeos feitos pelas ou pelos donos dos perfis nas redes com duração de 24 horas publicamente visíveis, tanto no Instagram quanto no Facebook. Participei on-line e off-line, ou seja, presencialmente e ciberneticamente apenas do evento de *Profundações 2*, a mesa *Escritoras em Profundações*, na FLIFS, Feira do Livro de Feira de Santana-BA, ocorrida em 29 de setembro de 2018, onde pude interagir com as escritoras e ainda auxiliar na transmissão on-line do evento.

Carrel (1995) enfatiza que, além de seu trabalho online, ele conheceu alguns de seus informantes pessoalmente para verificar algumas das sintonias que fizeram sobre suas vidas ofensivas, enquanto essa prática é apresentada como uma triangulação que dá alguns personagens autenticidade, também pode ser visto como um passo para o holismo etnográfico. (HINE, 2000, p. 63. Tradução Livre)⁶

5. Mesa de escritoras na FLIFS 2018 fotografada por Edvan Barbosa



Fonte: FLIFS (2018)

⁶ Carrel (1995) enfatiza que, además de su trabajo online, ha conocido algunos de sus informantes personalmente para verificar algunas de las afirmaciones que hicieron sobre sus vidas offline, Si bien esta práctica se presenta como una triangulación que otorga cierto carácter de autenticidad, también puede ser visto como un paso hacia el holismo etnográfico. (HINE, 2000, p. 63)

7. Ciranda de *Profundações* na FLIFS 2018 fotografado por Edvan Barbosa



Fonte: FLIFS (2018)

Tivemos grandes dificuldades em mostrar que era possível trabalhar com relações étnicas por meio da literatura. Importante dizer que o trabalho com a Literatura constituiu o nosso grande impasse. Grandes dificuldades em mostrar que era possível trabalhar com relações étnicas por meio da literatura. Como veríamos as fricções étnicas, fatores de etnicidade, de pertença étnica em escritoras de poesia e contos?

Nosso trabalho demonstra que é possível ver fatores de etnicidade, de pertença étnica em escritoras de poesia e contos, em narrativas, por meio das comunidades virtuais, e não apenas nas pessoas fisicamente ou comunidades tradicionais. Pois a pesquisa etnográfica virtual já é reconhecida pela comunidade científica. Importa salientar as dificuldades que tivemos em realizar este trabalho científico, sobretudo porque trabalhamos as Relações Étnicas conceituadas por escritores/as teóricos/as atuais por contemplarem as noções de etnia que víamos e aprendíamos possíveis, pois a noção de etnia tradicional concebida por Weber ou etnografia e cultura por Geertz não conseguia contemplar nossas perspectivas.

Sabemos que o percurso da realização de uma pesquisa nunca é fácil, não inventamos aqui nenhum paradigma novo ou epistemologia de estudos, apenas fomos por um caminho que ainda é pouco trabalhado nas universidades do interior da Bahia. Não podemos negar a importância da internet em nossas vidas atuais. A força e influência que tem em e sobre nossas relações e nossas experiências.

Foi com afincio que buscamos mostrar que a Etnografia Virtual é um método reconhecido internacionalmente e que a Literatura nos ajuda a ver a história dos povos de outra maneira que os jornais não contam, o que muitas fontes não dizem, a Literatura

conta, reconta, inventa a partir do real, vai a lugares onde nenhuma outra ciência adentra, assim como afirmou Patrícia Hill Collins em passagem já citada.

Como as possibilidades da Etnografia Virtual são diversas, optei por não fazer um diário como no método tradicional, ou um blog como sugerem os/as estudiosos e estudiosas do método etnográfico, antes mantive uma pasta com imagens, prints- fotos da tela no computador ou celular - de postagens das escritoras, com datas, acontecimentos, passagem de tempo em suas vidas, mudanças, conquistas, imagens e vídeos que se constituem documentos de acesso público, embora enquanto pesquisadora, tive todo o cuidado e bom senso e documentos assinados e protocolados para o que pode ou não ser publicado neste trabalho.

Importante revelar que, como estava no campo, sabemos que podemos enfrentar problemas. Tive dois perfis na rede social Instagram onde no primeiro postava sobre o andamento da pesquisa de forma bastante discreta, todavia, como insider, também fui ciberativista, sendo feminista me inseri ativamente em alguns eventos como postagens das escritoras e repostagem com comentários feitos por mim, ou postagens sobre os temas e as hashtags #literaturaeresistência; #nenhumaamenos; #vidasnegrasimportam; #assedioécrime; #nãoénão e #nempresanemorta. No Ciberespaço a importância da hashtag tem a seguinte significação

pode-se dizer que hashtags são termos associados a assuntos ou discussões que se deseja indexar em redes sociais como Instagram, Facebook e o já mencionado Twitter. Quando a combinação é publicada, transforma-se em um hiperlink que leva para uma página com outras publicações relacionadas ao mesmo tema. (Mônica Custódio no Blog de Marketing Digital de Resultados, 2018)

Pelas interações no ciberespaço, na rede Instagram sofri represálias, no entanto houve um caso de importunação sexual em que estive envolvida enquanto testemunha, o que rendeu ameaças, assédio e violência simbólica por outros e outras internautas com quem eu interagia frequentemente. Fato este que afetou significativamente a minha saúde emocional, onde me vi obrigada não a sair do campo, mas deletar a conta em questão, sem tempo de salvar as postagens, sendo que se configuraram documento etnográfico virtual. Entretanto, como pesquisadora insider, havia a necessidade de continuar no campo, então fiz uma segunda conta, um segundo perfil, em tempo cronológico, já no final da pesquisa de campo.

Adotamos essa abordagem por ter um caráter político, onde o discurso é visto como ação política, seres sociais interagindo por meio da linguagem e das imagens sendo

que, ao passo que pesquisamos no campo com a metodologia já citada, não perdíamos de vista a nossa metodologia de análise do corpus, a Análise Crítica do Discurso.

Contamos com a Etnografia Virtual para a pesquisa de campo e a Análise Crítica do Discurso como base metodológica para a análise do corpus, ou seja, para análise das obras escolhidas da Daniela Galdino, Aidil Araújo e Ana Mendes na *Antologia Fotográfica e Literária Profundações 2*, no que concerne aos questionamentos levantados sobre qual ou quais mulheres estão sendo reescritas em seus trabalhos poéticos e performáticos, sobre a reinvenção do ser mulher ou sujeitos do feminino, dos discursos presentes das escritoras é a Análise Crítica do Discurso (ACD).

Aplicamos os estudos de dois autores essenciais nesta área: Norman Fairclough (2001) e Teun A. van Dijk (2010). Na ACD o discurso é matéria prima para análise do corpus, com seus devidos recortes e intencionalidades, contextos, interdiscursividade, intertextualidade, e as produções discursivas como instrumento de poder. A linguagem funciona como instrumento e exercício de poder.

3.2 Análise Crítica do Discurso como método de análise do corpus

A análise Crítica do Discurso estuda as interações sociais a partir da análise dos textos. Não abarca somente o prisma sob a ótica sociológica, como também não se atém somente ao estudo linguístico, a ACD busca analisar a relação entre os aspectos sociais, ou realidade social, e os aspectos linguísticos, ou realidade linguística. Para Fairclough (2001) o importante em sua análise e estudos científicos é a mudança social a partir da mudança do discurso, a influência mútua de um sobre o outro. Propondo, assim, o estudo da linguagem e da sociedade para o entendimento das diferenças e desigualdades sociais, estas sendo observadas e explicadas por meio do discurso.

Para a ACD discurso e poder são moldados na esfera social através da linguagem, nas relações sociais, não na esfera individual. Entendemos que Fairclough (2001) propõe usar o termo discurso para designar “o uso de linguagem como forma de prática social” assumindo, assim, sua relação com a estrutura social de maneira dialética. Ou seja, o social é concebido como discurso e por ele instituído e modificado. Somos sujeitos moldados pelo discurso de um tempo, nosso comportamento, nossas práticas sociais, nosso estar no mundo.

O discurso contribui para constituição de todas as dimensões da estrutura social, que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo que o significa. [...] Três aspectos dos efeitos construtivos do discurso. [...] primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como ‘identidades sociais’ e ‘posições de sujeito’ para os ‘sujeitos’ sociais e os tipos de ‘eu’. [...] Segundo, o discurso contribui para construir as relações sociais entre as pessoas. E, terceiro, o discurso, contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crenças. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 95)

Seguindo o que Fairclough nos apresenta quanto a perspectiva de investigação das relações entre poder e discurso, classificando os tipos da análise em si, destacamos três pontos: (1) análise das práticas discursivas[...] focalizando a intertextualidade e a interdiscursividade das amostras do discurso; (2) análise dos textos; (3) análise da prática social da qual o discurso é uma parte. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 282). Dentre as categorias apresentadas, utilizaremos o entrelace dos elementos da prática social e da prática discursiva das escritoras Daniela Galdino, Aidil Araújo e Ana Mendes tendo foco nos seguintes elementos:

. **Condições da Prática Discursiva:** O objetivo é especificar as práticas sociais de produção e consumo do texto, associada com o tipo de discursos que a amostra representa. O texto é produzido (consumido) individual ou coletivamente? (Há estágios distintos e produção?) As pessoas do animador (a) ou autor (a) e principal são iguais ou diferentes?;

. **Matriz Social do Discurso:** O objetivo é especificar as relações e as estruturas sociais hegemônicas que constituem a matriz dessa instância particular da prática social e discursiva, como essa instância aparece em relação a essa estruturas e relações (é convencional, oriunda e normativa, criativa e inovadora, orientada para reestruturá-las, opositivas, etc.,?) e que efeitos traz, em termos de sua reprodução ou transformações?

. **Efeitos Ideológicos e Políticos do Discursos:** É útil focalizar os seguintes efeitos ideológicos e hegemônicos particulares: sistema de conhecimento e crença; relações sociais, identidades sociais (eu). (FAIRCLOUGH, 2001, p. 283-291)

Juntamente com a contribuição da obra *Política: Nós também não sabemos Fazer* (2018), com o capítulo escrito pela filósofa e psicanalista Viviane Mosé *O poder das Redes*; também *A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade* da historiadora e filósofa Margareth Rago (2013) e textos outros que visitaremos onde encontramos a discussão sobre a necessidade das mulheres em

reescrever a história com suas vivências, suas subjetividades, construindo narrativas que perpassam suas histórias e vivências, oportunizando, por meio da linguagem, do discurso, uma atuação social, outras maneiras de existência e resistência. Rago alertamos:

Se entendermos que os feminismos abrem outras possibilidades de subjetivação e de existência para as mulheres, é necessário que levemos em conta a linguagem e o discurso, meios pelos quais se organizam a dominação cultural e a resistência.” (RAGO, p. 31, 2013)

É por meio do discurso que uma pessoa se apresenta socialmente, uma maneira de estar e se colocar no mundo, de agir socialmente, mostrando suas concepções, crenças, ideologias etc. Se discurso é poder, será necessário identificarmos como esse poder é construído e concebido. Para compreender sobre as análises dos estudos críticos do discurso que realizaremos, utilizaremos o texto *Discurso e Poder*, de Teun A. van Dijk (2017). Com relação ao procedimento da análise sobre as estruturas do discurso e das estruturas de poder, van Dijk afirma que a “[...] principal perspectiva encontra-se nas formas como esse poder é exercido, manifestado, descrito, disfarçado ou legitimado por textos e declarações orais dentro do contexto social”. (DIJK, 2017, p. 39)

As nossas sujeitas de pesquisa e análise juntamente com a *Antologia literária e fotográfica Profundanças 2* foram escolhidos pela sua representatividade no ciberespaço, pelas temáticas de suas obras, ou seja, pela importância e potência do projeto *Profundanças* e pela curiosidade de como seus trabalhos reverberam socialmente. Em entrevista, Daniela já realiza uma análise que é passível de reflexão acerca do nosso objeto de investigação, “que mulheres estão sendo construídas” fazendo uma ligação com seu poema *arada* em *Profundanças 2* com *Dilúvio*, que pode ser encontrado em *Profundanças 1*. Sobre o seu intertexto, o que na internet seria o hipertexto, link para textos vários, caso a autora preferisse assim. Pois no poema revela seu diálogo com os heterônimos de Fernando Pessoa e a multiplicidade da mulher ou mulheres, e entende sua diversidade enquanto ser e mulher.

[...] eu acho que é uma dificuldade de apontar que mulher é essa, porque são várias. E, aí eu me provoco a olhar para mim mesma, né? Eu não sou uma eu sou várias, não tenho heterônimas como Fernando Pessoa teve incontáveis heterônimos, mas eu faço uma brincadeira com isso no final do livro, né, que poema que fala minhas heterônimas estão em assembléia e nada foi deliberado invejo a organização de Pessoa mais ou menos assim que é uma brincadeira que eu fiz no último poema de Espaço Visceral mas que vai dialogar mais ou menos assim [...] Mas que vai dialogar com o primeiro poema de Inúmera, não é? É um poema que fala “sou intrusa, sou inúbia sou inúmera”. Sou intrusa porque nunca

vou porque ele nunca vou me contentar em ser uma coisa só caber num rótulo, caber numa caixa sempre vou escapar Por que não sou feita para casar no sentido de me submeter, me deixar dominar pela instituição do casamento a não ser que seja experiência rasurada, que nem seja chamada de instituição, sou Inúmera, é, porque a cada momento eu vou descobrir diferentes em mim mesma e essa descoberta que é algo inconcluso é o que vai ser o alimento da poesia que eu escrevo. Então são várias as mulheres, mas todas elas são desobedientes e submissas transgressoras inconformadas [...].
(Informação verbal)

Considerando o texto como prática discursiva, primeiro veremos a análise pela ótica de Fairclough, o poema e o conto se configuram como discurso poético, onde seu compromisso em exercer influência ou controle cognitivo não está presente de maneira clara e/ou objetiva. Não segue a lógica dos outros discursos institucionalizados, onde vemos com nitidez a elite intelectual que o produz, seu conteúdo e quem vai receber e/ou ser afetado/a por esse discurso. Um texto poético que dialoga com outros textos, estando presente a intertextualidade quando dialoga com o poeta lusitano Fernando Pessoa e seus heterônimos. Daniela utiliza o discurso poético como forma de resistência, não necessariamente com o compromisso de mudar algo, a poeta revê isso num dos momentos da entrevista, mas não se esquivava de provocar, de causar desconforto, lançar questionamentos por meio da sua poesia, com van Dijk veremos as modalidades do discurso.

Várias modalidades de narrativas por vezes comuns e, portanto, possivelmente influentes, tais como romances ou filmes, podem descrever a carga (in) desejável de ações futuras e podem recorrer a uma retórica com apelos dramáticos e emocionais, ou a várias formas de originalidade estilística ou temática. (DIJK, 2017, p. 53)

Então o processo da escrita poética não é ingênuo, quem escreve busca atingir algo, alguém, modificar, informar, transformar, influenciar. Porque existem as nomeadas “outras literaturas”? É uma literatura produzida pela minoria representativa socialmente, a forma, o *modus operandi* do compor poético se faz de maneira diversa da tradicional? Podendo ser pessoas que não alcançaram a suposta elite intelectual acadêmica, mas que descobriram e/ou aprenderam que a língua é um instrumento poderoso, saber ler não somente palavras, mas ler o mundo, como nos lembra Viviane Mosé (2018) fazendo uma referência a Paulo Freire. Aliado ao poder das redes, do ciberespaço, encontram maneiras de exercer esse poder.

[...] as redes sociais virtuais constituem-se, então, como um espaço de confronto a esses discursos hegemônicos. A popularização da internet contribuiu para fazer circular massivamente discursos de valorização do feminismo. Através de comunidades virtuais, blogs pessoais e páginas no Facebook, testemunhamos diversos tipos de intervenções on-line. Por ser um canal de comunicação em tempo real, o alcance das ações pode chegar a uma proporção global. Esta facilidade de interagir com internautas de diferentes lugares, crenças e interesses permite que o movimento aproveite o ciberespaço. (LIMA, 2013)

O fazer poético funciona como instrumento de poder, no caso das minorias marginalizadas, como um discurso denominado periférico dotado de poder, pois o discurso, a “ideia de dar voz a” tornou-se instrumento que empodera, dá autonomia aos sujeitos para que contem suas histórias a partir de suas subjetividades, suas “Escrevivências”. A linguagem funcionando como um poder exercido socialmente buscando transformações sociais.

A maior arma que temos no mundo hoje é saber ler, ensinar a ler, não apenas os livros, mas o mundo, como dizia o mestre Paulo Freire. Precisamos aprender a pensar, o que quer dizer ir além de interpretar, propor o mundo em que vivemos, o agora. Temos pressa; os abismos os impasses se somam em nossa cultura, em todos os lados do planeta. Estamos sempre a um passo do caos; não de uma ameaça de caos como foi a Guerra Fria, mas um caos que todos os dias desfaz algum tipo de chão sob nossos pés. Atuar politicamente se tornou uma imposição, mas é urgente pensar estrategicamente de que modo interferir no rumo das coisas [...] O objetivo aqui é pensar o poder, entender como se exerce e de que modo as novas interfaces, ampliando as possibilidades de conexão, de encontros, especialmente permitindo a democratização da informação, mas também promovendo a guerra pelo controle da informação e dos dados- podem ser uma possibilidade de transformação das relações de poder em nossa sociedade, cada vez menos uma linha a opor lados, cada vez mais uma correlação de forças, uma composição de acordos e trocas, uma rede de conexões entre campos de força. De que modo a sociedade em rede pode possibilitar a expansão das possibilidades humanas, sociais, econômicas, ambientais, ou aumentar o controle sobre os corpos, as ações, a vida. [...] As figuras mudam quando muda o discurso, a narrativa, o conceito, o poder se transforma. É preciso ler essas mudanças para encontrarmos os espaços efetivos de ação política. (MOSÉ, 2018, p. 48 e 49)

Partindo da análise das narrativas, poemas e contos das nossas sujeitas de pesquisas e entrevista, veremos quais são as mulheres que estão se refazendo e como o impacto do trabalho dessas escritoras têm alcançado por meio do ciberespaço, depois da publicação e divulgação de *Antologia Literária e Fotográfica Profundaças 2*.

4. Análise da Obra: Criadoras numa Ciranda Poética

Não tenho imaginação você diz
 Não. Não tenho língua.
 A língua para clarear
 minha resistência ao literato.
 Palavras são uma guerra para mim.
 Ameaçam minha família.
 Para conquistar a palavra para descrever a
 perda arrisco perder tudo.
 Posso criar um monstro
 as palavras se alongam e tomam
 corpo
 inchando e vibrando em cores pairando
 sobre minha mãe,
 caracterizada. Sua voz na distância
 ininteligível iletrada.
 Estas são as palavras do monstro.

Cherríe Moraga

Três mulheres em sua diversidade encontram-se para escrever, cada uma com a bagagem de seu mundo, informações de suas caminhadas, delineando em suas narrativas identidades possíveis para o que foram impostas, direcionadas, educadas com base no “mito da mulher” (WITTIG, 2019) e que estão sendo criadas e recriadas a partir das mulheres que são ou estão a tornar-se. Como nunca foi nos dado a autonomia para sermos, mulheres, sujeitos de si, estamos numa imensurável caminhada onde não ansiamos pelo fim, mulheres encerradas em um ou alguns significados, antes estamos buscando possibilidades de nos tornamos e nos fazermos, a nós mesmas, sujeitas de nós. Num devir que a cada momento questionamos, pois carregamos séculos de imposições e opressões, dicotomias, heteronormatividade de comportamento e sexualidade, infelizmente não será numa década que desconstruiremos, em nós e na história, noções e determinações que nos oprimem e nos catalogam enquanto sujeitas, indivíduos a partir do nosso “ser mulher”.

Não se nasce sendo e tendo características que socialmente e culturalmente nos determinam, antes, ao longo de nossas histórias vamos vestindo roupas que não nos cabem e máscaras que impedem que vejamos a nossa face primeira para sermos e entendermos que somos a/ou uma mulher, quando o que há são mulheres.

A idealização de um ser onde uma multiplicidade de seres deve imitar. Ainda temos que lidar com as múltiplas dentro de nós como nos dirá mais à frente Daniela

Galdino em entrevista. Somos educadas, por meio da linguagem, do comportamento, do dito e do não dito, discursos para sermos ou nos tornamos “Mulher”.

Além disso, temos que destruir o mito dentro e fora de casa uma de nós mesmas. “Mulher” não é cada uma de nós, mas sim a formação política e ideológica que nega “mulheres” (o produto de uma relação de exploração). “Mulher” existe para nos confundir, para ocultar a realidade de “mulheres”. Para nos conscientizarmos que somos uma classe e para nos tornarmos uma classe, primeiro temos de matar o mito “mulher”, inclusive seus aspectos mais sedutores. (Eu penso em Virginia Woolf, quando ela disse que a primeira tarefa de uma escritora é matar “o anjo da casa”.) Mas, para nos tornarmos classe, não temos de suprimir nossas individualidades, e como somos confrontadas com a necessidade histórica de nos constituir como sujeitos individuais de nossa história também. Eu acredito que essa é a razão pela qual todas as tentativas de “novas” definições de mulher estão florescendo agora. O que está em jogo (e é claro que não só para as mulheres) é uma definição individual, bem como uma definição de classe. Pois quando se reconhece a opressão, é preciso conhecer e experimentar o fato de que uma pessoa pode constituir a si mesma como sujeito (em oposição a objeto de opressão), que uma pessoa pode se tornar *alguém* apesar da opressão, que cada um possui sua própria identidade. Não existe luta possível para alguém privado de identidade, não existe motivação interna para lutar com outros, primeiro eu luto por mim mesma. (WITTIG, p. 89)

É partindo desse paradigma que analisaremos um pouco da trajetória, dos poemas e contos das escritoras que nos embalaram e nos motivaram até aqui. Sem esquecer de que a literatura para essas mulheres configura também um processo de autodefinição e empoderamento de si, de seus corpos e suas vivências (LORDE, 2019). Traremos mais uma vez suas realizações no espaço do público, estudos, caminhada, formação acadêmica, mulheres que tiveram que adentrar os espaços públicos de poder, ser parte para assim adentrar em um movimento de ruptura e transformação. Seus corpos marcando esses espaços do público, incomodando enquanto corpos femininos, corpos negros, um corpo lésbico com suas historicidades e identidade.

4.1. Percorso criador: Daniela Galdino, Aidil Araújo e Ana Mendes

sinto que somos um enredo
ainda sendo escrito
sobre um cuidado
que está sendo
há muitas existências
e o amor há de reinar
e saber pronunciar
nossos nomes
Ryane Leão, 2019, p. 80

Poeta, performer Insurgente, *Inúmera*, assim que Daniela Galdino se autodefine, uma mulher que se sente e se vê múltipla, com ideologias e pensamentos que vão de encontro ao modelo de mulher e feminilidade normativos. Sua poesia conta com poemas curtos, que já pelo seu formato incomoda, pois rompe com a escrita ou estilística tradicional do poema, com um tom provocativo, evoca o erótico como potência criadora, oportunizando o autoconhecimento e a autonomia de si.

Sua trajetória enquanto escritora traz um aspecto de grande relevância, pois Daniela foi a idealizadora do projeto virtual *Profundações*, da antologia literária e fotográfica. Fruto de suas andanças para a divulgação de seu livro impresso *Inúmera*, partindo de 2012, onde ao divulgar o livro também realizava performance cujo nome era o mesmo do livro juntamente com um grupo do Sul da Bahia, passou a ter contato com outras mulheres que se aproximavam dela em busca de conselhos sobre suas escritas ou seus desejos em escrever

Bem, o projeto *Profundações*, ele teve início no ano de 2014, é... Na época, uns dois anos anteriores, 2012, 2013 eu fiz uma grande circulação aqui pelo Brasil e também por algumas cidades da Alemanha, na época da divulgação do meu livro “*Inúmera*” porque além de fazer uma divulgação virtual eu fiz uma circulação por esses lugares, é... Apresentando uma performance com um grupo daqui do sul da Bahia, uma performance intitulada “*Inúmera*” também. E... nessa circulação eu pude sair da região sul da Bahia, né? Estive em congressos fora da Bahia, comecei a me aproximar de algumas regiões de Pernambuco, outras regiões da Bahia, então isso fez com que eu me deslocasse do meu lugar de origem, que até então tinha sido muito Sul da Bahia, em termos artísticos, e esse deslocamento me permitiu conhecer outras mulheres escritoras. (Pigarro) Desculpa. (Pausa) Então a primeira questão foi o deslocamento geográfico, o que se tornou um aspecto positivo ao me colocar em contato com outras mulheres escritoras e... Isso foi se acentuando sem nenhuma... hã... Sem nada deliberado, né? Aos poucos eu fui tendo contato com essas mulheres e como nós não morávamos nos mesmos lugares, no mesmo lugar, esse contato prosseguiu pelas redes sociais, sobretudo pelo Facebook e vez ou outra, isso já no ano de 2013, esses contatos foram se acentuando e já ao final de 2013, primeiro semestre de 2014, é... Espontaneamente começou uma troca de textos. Algumas dessas mulheres começaram a me procurar revelando que estavam escrevendo e que estavam acentuando o desejo de escrever e por vez ou outra me mostravam um poema, um conto, uma crônica, pediam que eu opinasse de forma despretensiosa, e na maioria das vezes elas não falavam em publicar os seus textos. Elas pediam, algumas, né, inclusive, pediam que eu avaliasse pra ver se era literário, se elas estavam no caminho certo, o que fazer com essa vontade de escrever. Então, desde o primeiro momento eu sempre estimei que elas continuassem escrevendo, então o primeiro livro de *Profundações* ele tem a participação dessas mulheres, né? Como Dona Celeste,

que é uma..., eu conheci em Brumado como uma baiana de acarajé que as pessoas achavam como uma pessoa excêntrica na cidade, eu fui descobrir que essa excêntrica dela é o olhar poético que as pessoas não compreendiam. É... então esses dois anos foram cruciais pra eu me aproximar dessas mulheres. Então a primeira constatação era a quantidade de mulheres dispersas, muitas delas sem nenhum contato pessoal, elas não se conheciam e que escreviam e engavetavam. Chegou um momento, no primeiro semestre de 2014 que eu vi que isso era uma repetição e essa repetição estava me envolvendo e foi aí que eu tive a ideia, no final do primeiro semestre de 2014 de criar um projeto em que a visibilidade de mulheres escritoras fosse a tônica, só que eu não estava disposta a concorrer a edital, não estava disposta a enviar originais para uma editora. Eu passei a amadurecer a ideia de um projeto, é... totalmente independente. (Informação verbal)

Na sua itinerância o contato com outras mulheres fez crescer em Daniela o desejo de reuni-las em um livro, não apenas seus escritos, como também a imagem dessas mulheres. Podemos dizer que o trabalho feito pela escritora teve e tem um caráter empoderador, fazendo com que mulheres tenham consciência do seu potencial criativo, do autoconhecimento de suas poéticas, podendo realizar-se de maneiras diversas, segundo Joice Berth em seu livro *O QUE É EMPODERAMENTO* (2018) nos diz que:

Vale dizer que há a importância de se *empoderar* no âmbito individual, porém é preciso que também haja um processo conjunto no âmbito coletivo. Quando falamos em empoderamento, estamos falando de um trabalho essencialmente político, ainda que perpassa todas as áreas da formação do indivíduo e todas as nuances que envolvem a coletividade. Do mesmo modo, quando questionamos o modelo de poder que envolve esses processos, entendemos que não é possível *empoderar* alguém. *Empoderamos* a nós mesmos e amparamos outros indivíduos em seus processos, conscientes de que a conclusão só se dará pela simbiose do processo individual com o coletivo. (BERTH, p.130, 2018)

No percurso de empoderar-se e auxiliar no empoderamento de outras mulheres que Galdino estreitou laços com Aidil Araújo, mulher negra escritora oriunda de Cachoeira-Bahia. Aidil Araújo cursou Filosofia e Jornalismo na Universidade Católica de Salvador. Aidil tem contos e poesias premiados: Menção Honrosa, conto Resistência, Cleber Onias Guimarães, Tatuapé SP em novembro 2007; Destaque prova/verso, Poetas Del Mundo, outubro 2009. Prêmio Passarinho de Literatura – Editora Kazuá, maio 2016. E a publicação do livro de contos *Mulheres Sagradas* em 2017. Sobre o ato de escrever responde o seguinte ao ser entrevistada por José Nunes em *Como Escreve Aidil Araújo* acerca do ato de escrever e seu significado:

Escrever para mim não é trabalho, é diversão, é libertação, necessário, como respirar. Escrevo desde menina. Diante dos encantos, desencantos da vida, a forma que encontrei de fugir de mim mesma e ser outra; outras. Lendo ou escrevendo eu me refúgio e tenho prazer. (NUNES, Como Eu Escrevo, 2020, revista virtual)

Por caminhos diferentes e ao mesmo tempo sinuosamente semelhantes, a escritora Ana Mendes, natural de Pernambuco, mulher lésbica e poeta, tendo feito parte desde a sua infância, a literatura continuou a ser parte de sua vida, seja na atividade de recitar poemas, ação que continuou na juventude, ou nos projetos e grupos de declamadores de poesia. Fez parte do projeto *Insurgências Poéticas*, do grupo de declamadores *Dirocha*, publicou a antologia *CidaDelas* (2017, Sebo Vermelho) e *Blackout* (no prelo) passou a escrever fanzines como *Bigorna, diário de um Cego; Prazer Pega Mate e Come e Terno* e publicá-los de forma independente. Atualmente alimenta o blog autoral *erro errante*. Ana cursou Filosofia na UFRN.

Daniela Galdino é poeta, professora universitária, performer, tem meios de atingir as pessoas um número significativo de pessoas por meio do seu discurso, tendo acesso a um determinado poder, que é o intelectual. Assim sendo, as três escritoras fazem parte de uma “elite intelectual” identificada por Van Dijk, lutando por causas e pautas específicas ou não, como Daniela uma poeta interseccional, Aidil uma poeta que traz em suas letras a ancestralidade e aspectos da espiritualidade dos povos negros; Ana Mendes imprimindo em seus poemas transgressores a voz das mulheres lésbicas e das minorias sinalizadas pela comunidade LGBTQI+.

Com posturas insurgentes as escritoras imprimem em suas escritas as angústias, sonhos, desejos, prazer, autoconhecimento, o devir das mulheres que existem nelas próprias, buscando romper com os modelos canônicos da escrita e dos discursos poéticos/literários. Dijk (2017) acrescenta, mais à frente no capítulo *Estruturas do Discurso, Estruturas do Poder*, no subtítulo *Discurso e Acesso* “precisamos explorar a seguinte questão complexa: *quem pode falar e escrever o que para quem, sobre o que, quando e em que contexto*”. (DIJK, 2017, p.89)

Daniela é uma mulher com raízes simples, vinda de uma linhagem de “parteiras, rezadeiras, cartomantes...” (informação on-line), todavia tornou-se uma mulher intelectual, uma acadêmica, letrada, que fez todo um percurso social, político e intelectual para alcançar o poder da “elite intelectual”, e esse poder uma vez alcançado e validado, pode agora ser rasurado. Seu discurso, o uso do poder por meio da linguagem, agora será utilizado para a transgressão, mesmo que em muitos de seus poemas lembra o cânone e o evoca, ato que não diminui a sua proposta de rasura.

Portanto, para cada domínio social, profissão, organização ou situação podemos esboçar um esquema discursivo e comunicativo de condições e estratégias de acesso para os vários grupos sociais envolvidos: de fato, quem pode dizer/escrever o que, como, para quem e em que circunstâncias? (DIJK, 2017, p. 91)

Não estamos afirmando aqui que poetisas transgressoras e insurgentes não possam ser acadêmicas e intelectuais, ou sendo-as, deixem de lado suas origens ou as comunidades iniciais antes de adentrar esses espaços de conhecimento. Se fazer presente nesses espaços onde as mulheres antes não poderiam sequer pisar no gramado (Woolf, 2014), hoje figuram como uma parcela considerável nas universidades, o que torna a presença das mulheres uma estratégia política, social e cultural para alcance de poder.

Acessar o conhecimento científico enquanto poder, o poder da linguagem científica, dos espaços onde esse poder emana, e, sobretudo, utilizar esse poder como um contrapoder, dando-lhe a forma que suas comunidades e seus interesses enquanto agentes transformadoras almejam.

Escolhemos duas obras de cada autora para o processo de análise crítica do discurso, onde veremos os seguintes fatores: condições de suas práticas discursivas; a matriz social do discurso produzido e os efeitos ideológicos e políticos do discurso. Apoiadas pela teoria da Análise Crítica do Discurso de Fairclough e van Dijk e interações intertextuais e contribuições reflexivas sobre o uso e prática da linguagem como instrumento de poder com teóricas trabalhadas ao longo da pesquisa e seus resultados.

Vejamos os textos em três blocos de análise onde aparecem enumerados, iniciamos nossa investigação com os textos contidos na *Antologia Literária e Fotográfica Profundanças 2*, o texto 1. *um pé de água*; texto 2. *Aradas* poemas de Daniela Galdino. Logo em seguida, dois contos de Aidil Araújo, texto 1. *Seres encantados*; texto 2. *Fio de silêncio*. E por fim, dois poemas de Ana Mendes, cujo título colocaremos a primeira frase de cada poema, pois não há títulos em seus escritos; sendo o texto 1. *Havia algo de mais escandaloso*; e o texto 2. *Sempre que resisto*, com suas respectivas análises.

Texto 1

um pé de água

não saberei do corpo celeste

que, devagar, nutre auroras

tocá-lo, percorrê-lo é
violentar o terreno
limítrofe das horas

oferecida em displicência envolta nas
dilatações semeadora de penumbra:
acinte vejo

macero vontades extraviadas

quem respira terremotos
inibe a calma de hesitações

deito-me na barçaça
do sonho ofereço-te
grandezas:
esta cachoeira que se oculta
em minhas pernas

(Profundaças 2, 2017, p.41)

O discurso se configura como poético, de início podemos observar a intertextualidade presente em expressões populares como “um pé de água” que significa uma chuva forte, torrencial. Como também a expressão “macero vontades extraviadas”, o ato de macerar retirar os princípios ativos de determinado elemento, aqui a poeta macera vontades extraviadas, está a friccionar com as mãos vontades que se perderam para retirar delas alguma resposta, ou algo que busca. Macerar também nos remete ao ato religioso de matrizes africanas em que para banhos as mulheres maceram folhas a fim de retirar-lhes o sumo.

Sendo é uma narrativa poética encontram-se figuras de linguagem e pensamento, a poeta em seus primeiros versos diz esquivar-se de percorrer o corpo celeste que nutre auroras, sendo uma semeadora de penumbras, de forma provocativa irá em busca do que deseja. O poema descreve um rito sexual, onde a noite está para os seus desejos assim como a água para um “pé de água”, ou “pé d’água” expressão popular que remete a uma chuva forte para sua grande expectativa e excitação e a cachoeira para o seu gozo, seu orgasmo.

O poema evoca a potência sexual evocando imagens de um autoconhecimento, a mulher que conhece os seus desejos, o caminho que almeja percorrer para realizá-lo, a oferta de si, estar aberta para o ato sexual, que não se configura apenas num ato, antes num rito de prazer e satisfação plena.

Para falar sobre a carga do erótico que os poemas e contos trazem faremos usos de passagens do texto de Audre Lorde (2020) *Usos do erótico: o erótico como poder*, texto em que a autora nos fala sobre o erótico ser uma potência criativa e libertadora para nós mulheres. No poema “um pé de água” a mulher reconhece o seu prazer, podemos identificar isso quando diz: deito-me na barçaça do sonho/ ofereço-te grandezas. Ela se deita para oferecer ao outro, ou a outra uma grandeza, que conseqüentemente será o seu gozo, ela se autoconhece ao ponto de saber que o seu prazer se constitui algo imenso.

Para as mulheres romper com o tabu do sexo ainda hoje é algo delicado, vemos tantas campanhas nas redes principalmente, cursos para mulheres conhecerem seus corpos e como sentem prazer, transformar a energia sexual numa energia criativa e emaná-la para outros sentidos, são mulheres que estão reconhecendo a própria autonomia, a consciência de dar-se prazer e oferecer esse prazer, conhecendo e reconhecendo seus corpos, tornando-se donas de si e tomando para si a responsabilidade de seu prazer e do seu potencial.

O erótico é um recurso intrínseco a cada um de nós, localizado num plano profundamente feminino e espiritual, e que tem firmes raízes no poder de nossos sentimentos reprimidos e desconsiderados. Para se perpetuar, toda opressão precisa corromper ou deturpar as várias fontes de poder da cultura do oprimido, que podem fornecer energia necessária à mudança. No caso das mulheres significou a supressão do erótico como fonte considerável de poder e de informação ao longo de nossas vidas. (LORDE, 2020, posição 905, edição virtual)

Partindo das condições da prática discursiva, o texto é uma narrativa poética, que se encontra publicada numa antologia fotográfica e literária virtualmente, podendo ser lida por qualquer pessoa que tenha conhecimento da antologia, ou pode ser escutada em uma de suas cirandas e/ou em seus recitais. Podemos mensurar realmente quem pode ter acesso a essa poesia? Só quem gosta de poesia, quem está em algum evento cultural, ou podemos lançar a provocação de que pode ser recitado, reproduzido em outros ambientes informais e íntimos? Podendo o texto ser consumido de forma individual ou coletiva.

A matriz social do discurso se constitui uma produção escrita, onde para ter acesso é preciso ser letrado, saber ler, ou ter quem leia para o /a ouvinte. Também alguém que entenda suas figuras de linguagem e interprete o poema. O poema só pode exercer seu vislumbre àqueles que têm certa bagagem de conhecimento para compreendê-lo?

Seguindo o curso dos elementos na análise crítica chegamos nos *efeitos ideológicos e políticos do discurso* poético. O poema é vinculado a um livro, só quem o entende ou tem acesso a ele são pessoas letradas, num primeiro momento. Aquelas pessoas que têm acesso a esse conhecimento poderão identificar a intertextualidade que o texto traz, a dimensão do erótico descrito de maneira tão “libertária”. Uma suposição ou afirmação que se baseia em quem escreve o poema no trecho “ofereço-te grandezas: esta cachoeira/ que se oculta/ em minhas pernas”? Partimos do pressuposto que toda ação é política e toda linguagem dotada de uma ideologia, a poeta escreve um poema sobre prazeres do corpo, um gozo feminino?

Prazer que pode ser entendido ou moldado segundo aquele ou aquela que lê. Embora seu entendimento seja do prazer de uma mulher. Terá, indiretamente ou diretamente, o valor reflexivo sobre orgasmo, desejo sexual, liberdade sexual. Importante também atentar para a ruptura com a forma normativa do poema, iniciais minúsculas, estrofes sem contagem, quebra da rima usual e anacrônica, um poema com a intencionalidade de romper ao passo que provoca.

Assim, partimos para a próxima análise poética.

Texto 2

arada

ostento cara de terra
espírito de poço
índole mar

remota felicidade
sempre tive
irrigada padeço

estranheza, pra
mim, é abre-te
sésamo

vagueio em cova funda
porque estou semente

gozo no sereno
inerte
numa pedra de amolar

corro as sete freguesias
e fastio não me alcança

levo fachos de gritos
aonde me querem muda

replantando-me
dou cestos fartos

(Profundanças 2, 2017, p.44)

O título do poema introduz uma preparação pois “arada” em sua significação usual condiz com a preparação do solo para o plantio. Inicialmente já observamos suas intertextualidades, seu diálogo com outros textos, falados principalmente. Na primeira

estrofe do poema a poeta fala sobre o seu ser ter espírito de poço ou espírito profundo, índole de mar, um caráter calmo e revoltoso, que se muda, tem seus momentos de maré alta e baixa, sua calma e sua revolta. Ostentando cara de terra, supomos que se satisfaz em poder ser possível ao imaginarmos que a terra pode ser fértil, seca, arenosa etc. Também nos vem à mente o diálogo com expressões populares como “Cara de pau, espírito de porco”, a última expressão remete aos termos da escravidão no Brasil. Segundo a página virtual Geledés, a expressão “espírito de porco” surgiu pelo medo que as pessoas escravizadas tinham de ter que matar o animal para alimentar os senhores escravocratas, e o espírito do animal vagar entre eles assombrando-os. (Geledés, página virtual, dia de visita: 22/02/20, às 17:58).

Vemos também o diálogo com o conto *Ali Babá e os Quarenta Ladrões*, o livro *As Mil e uma Noites*, reunião de contos de origem árabe: estranheza, pra mim, / é abre-te sésamo. Sendo estranho para a poeta que os acontecimentos se dessem de forma mágica. Assim também como a expressão correr sete freguesias, que no poema lemos: “corro as sete freguesias/ e fastio não me alcança”. A expressão nordestina diz sobre alguém que anda muito, que sai a passear por muitos lugares sem limite de tempo. O poema diz sobre seu estado de transformação a partir de um determinado ritual, assim como uma planta forte.

A estrofe levo “fachos de gritos/ aonde me querem muda”, diz exatamente sobre a insurgência poética, sobre o poema que anuncia opressão ou repressão, mesmo que queiram calar a voz das mulheres, da mulher poeta, ela leva muita notícia, ainda que pesada, ainda que de forma difícil. Sendo que “facho” se refere a lenha ou madeira para queima. Por fim “replantando-me/ dou cestos fartos”, é nos processos de se refazer, de mudança, o replantar-se, seus vários ciclos é o que a torna mais forte e próspera.

Na análise crítica do discurso a condição da prática discursiva e a sua matriz social assemelha-se ao texto 1, é uma produção escrita para um público leitor/letrado, pela proposta de *Profundanças*, seu público não se configura como algo hegemônico e dominante, antes transgressor, que acredita no potencial transformador da arte, da poesia, da cultura, ainda que necessite o intermédio de alguém que saiba ler para passar a informação para aquele que não tem acesso ao letramento, um exercício do poder ao acesso à leitura.

Os efeitos ideológicos de sua produção que mudam inteiramente, pois em arada o que é dito se traduz como um processo de aprendizado, de um trabalho com a linguagem, aqui vemos de forma nítida a linguagem funcionando como instrumento de poder, principalmente quando a poeta escreve “levo fachos de gritos onde me querem muda”.

Não importa se querem calar a voz das mulheres, ainda assim, falarão, gritarão sobre a situação em que vivem. Ideologicamente a luta pela voz das mulheres e pelas suas liberdades e direitos.

Dijk afirma que “apenas alguns grupos (por exemplo romancistas e alguns acadêmicos) dispõem da possibilidade de exercer um contrapoder, que ainda precisa ser manifestado dentro dos limites da publicação” (DIJK, 2017, p.46) é isso que queremos mostrar com as três poetisas e suas narrativas: são acadêmicas, escritoras que utilizam o lugar que ocupam para exercer um contrapoder diante do poder hegemônico, heteronormativo e dominante social, político e economicamente. Passemos agora para a análise dos contos de Aidil Araújo.

Texto 1

Seres encantados

Muita coisa já foi vista nesta terra. Como carecer de permissão da árvore para entrar no mato, senão fica perdido lá dentro, sem nunca encontrar saída. Certo sujeito, depois de muita reza foi encontrado, deram-lhe bebida de folhas e ele foi recuperando a vontade, dizendo que explicava depois o acontecido. Nunca achou coragem. Ficou o dito pelo não dito. Tudo parecia pouco nesse lugar que tinha uma lagoa encantada. Dizem os antigos existir uma passagem secreta no fundo que leva ao Convento do Carmo, por onde mulheres de importância desciam por dentro da terra, ajudadas pela escuridão de dar medo a quem tem coragem. Enxotava com uma “cruz credo” os medos no caminho e iam por dentro da terra na calada da noite aliviar na lagoa a quentura malvada das tentações da carne. Dizem que em noite de lua cheia elas entoavam cantigas de chamamento e seres encantados apareciam, penetravam em suas agonias, arrancando gritos de satisfação. Se Hosana soubesse dessa passagem secreta não teria atado fogo ao próprio corpo. Aconteceu de fato. Cansada de esperar mãos de homem que despertasse quentura em suas vontades, mortificou-se. Quis acabar depressamente com aquela prisão de anseios, procurou por combustível, ateou fogo no corpo. A dor foi lancinante, berrou como uma leoa. Foi socorrida por vários homens fortes que tocaram em seu corpo quente. Tanta espera por esse toque e agora a vida lhe dera uma chance. Sorriu. Antônio acaricia sua pele, põe ervas cicatrizantes na queimadura, o mato invade sua vida já mofada, já quase passada, reflorescendo. Sararam feridas de tantos anos de pudor de obediência ao pai, ele agora morto havia liberado a sua existência. Descansa os olhos. O cheiro de jasmim envolve o quarto, imagina-se com o vestido de bolas vermelhas que ganhou da madrinha, dançando no Jardim Faquir, em frente ao rio. Só a lua testemunha e compreende essa alegria. Acordou com um buquê de rosas vermelhas ao lado, um cartão cheirando a jasmim - Te esperei tanto. A felicidade não é mais esperas. Antônio.

(Profundanças 2, 2017, p. 11)

Seres encantados de Aidil está cheio de referências das histórias dos povos africanos, sobre sua religiosidade por meio dos orixás e do costume do povo em realizar ritos para celebrar a colheita, para atrair o amor, pedir licença aos espaços considerados sagrados por habitarem ali o encantado, domínios dos orixás, deuses e deusas africanos, para pedir chuva e clemência dos seres encantados para o povo na terra.

No conto não somente seu conteúdo nos chama a atenção, mas a linguagem como o conto é construído, algo que se assemelha muito a linguagem falada. Como em *Feminismos e Escritas de si*, explicado no subcapítulo 2.3, Aidil traz para seus contos muito de suas vivências e memórias. Embora suas condições de prática discursiva também sejam limitadas e restritas às pessoas letradas, pois o texto fora publicado num livro virtual, onde têm acesso pessoas que sabem ler e interpretar tais estruturas textuais, Aidil traz para o texto escrito os modos de falar dos povos que por aqui foram trazidos e escravizados, os povos africanos, que encontravam e inventavam modos e estratégias de sobrevivência, podendo viver um pouco de sua cultura por meio da memória dentro de uma realidade diferente e perversa, a do colonizador. Elementos e configurações da fala para a escrita, dessa forma fazendo com que pessoas leiam seus textos e conheçam tradições e histórias que possivelmente poderiam ter sido histórias orais ou mesmo experiências vividas por mulheres num tempo doloroso de sua ancestralidade.

A matriz discursiva se atrela ao mencionado anteriormente nas condições de produção, vai de encontro as narrativas hegemônicas brasileiras, pois é a fala de uma mulher negra, usando seu potencial erótico e suas histórias ancestrais africanas para dar sentido ao texto que fala sobre amor, espera, desespero, desilusão, um fato histórico que ainda hoje é pauta para o movimento feminista negro brasileiro, a afetividade das mulheres negras. O mais interessante no conto é que a personagem “Hosana” parece ser uma mulher com idade avançada, época entendida como ultrapassada para vivenciar o amor, época que, historicamente, é reservada à juventude apenas. Num ato de desespero por não ter experimentado o amor, atea fogo ao próprio corpo desejando sua consumição. E foi a partir de sua ação e desejo de acabar com sua vida sofrida de esperas que Hosana encontra Antônio; ou Antônio se liberta das amarras que o homem negro tinha para amar e finalmente, cansado de esperar por um sinal, tendo a oportunidade de vivenciar o amor, ou vivenciar, finalmente, o seu amor, cuida de Hosana e lhe deixa um recado “Acordou com um buquê de rosas vermelhas ao lado, um cartão cheirando a jasmim - Te esperei tanto tempo. A felicidade não é mais esperas. Antônio”.

Não podemos deixar de frisar o uso do erótico como potencial libertador para as mulheres negras que Aidil utiliza. Segundo Lorde

A própria palavra “erótico” vem do grego *eros* personificação do amor em todos os seus aspectos- nascido do Caos e representando o poder criativo e a harmonia. Quando falo do erótico, então, falo dele como uma afirmação vital das mulheres; daquela energia criativa fortalecida, cujo conhecimento e cuja aplicação agora reivindicamos em nossa linguagem, nossa história, nossa dança, nossos amores, nosso trabalho, nossas vidas. [...] A dicotomia entre o espiritual e o político também é falsa, já que resulta de uma atenção incompleta ao nosso conhecimento erótico. Pois a ponte que os conecta é formada pelo erótico – o sensual – àquelas expressões físicas, emocionais e psíquicas do que é mais profundo e mais forte e precioso dentro de cada uma de nós quando compartilhado: as paixões do amor em seus significados mais profundos. (LORDE, 2020, posição 945, edição virtual)

Em nossa cultura, baseada na noção de ciência eurocêntrica não se envolve com o espiritual para explicar coisa alguma, aliás, quanto mais distante estiver de “crendices” e do considerado “senso comum”, quanto mais científico, factual, compreendido “aos olhos da ciência, aceito pela academia anglo hegemônica e heteronormativo”, melhor. Por isso os efeitos ideológicos e políticos do discurso presente no conto *Seres encantados* transgride a norma, sendo um texto literário, tem toda liberdade para flertar com o espiritual ou qualquer outra dimensão do ser para explicar comportamentos sociais e políticos de um povo.

Refletidos em seus costumes, sua prática social e sua linguagem, estavam suas vivências, suas crenças, toda uma realidade que não pode ser ignorada ao estudar historicamente como se constituiu a vida das mulheres negras, ou mulheres afro-ameríndias aqui no Brasil e como se desenvolve ou se dá atualmente as lutas nos movimentos sociais e intelectuais acerca da afetividade das mulheres negras, sua formação, as modificações que sofreram, a carga histórica que até hoje estão a carregar e trabalham para o autoconsciência, autonomia de seus corpos, seus prazeres, noções de auto amor e autocuidado, valor humano, o que chamamos de empoderamento, segundo Paulo Freire, bell hooks, Patricia Hill Collins, Audre Lorde e tantas e tantos outros teóricos e teóricas que abordam o tema.

Seguimos então com a análise do segundo conto de Araújo.

Texto 2

Árvore sagrada

Num gesto sem vontade, ela passa a vassoura pela casa. Os movimentos se demoram cansados, se misturam nas lembranças de menina, da vó dizendo: varrer casa à noite chama coisa ruim. Desalentada da vida, encosta o corpo cansado na parede sem cor, com manchas do passado.

A mão continuou na vassoura, deslembada de ânimo, sente saudades da vó, dos passeios à casa com pé de cajá. Era pequena, ainda recorda como da primeira boneca que foi sua, ficaram na memória as árvores sagradas. Surpreende-se no encontro com a árvore de Iemanjá, se abraçam felizes em cumprir o destino, ela a embala com os galhos, afaga com as folhas seus cabelos. A vó gritava de longe: sai daí, menina! Essas árvores são sagradas; não pode brincar com elas. Avó nem imaginava a ligação entre as duas, a árvore lhe segredou tantas coisas... O vento soprava, era Iemanjá com sua espada na mão, que cortava o ar e lhe transmitia antigos saberes. Voltou das lembranças, já escurecia, terminou a limpeza da casa, lavou o corpo e o descansou na rede. O pensamento ganhou largueza, ouvia distante a voz da avó querendo culpado - pregar botão em roupa no corpo chama a morte abreviando a ida pro além. Lágrimas escorreram, eram salgadas, Iemanjá lhe disse que morava nas águas salgadas, ela iria entender que não agiu de caso pensado. Não sentia remorso, não foi de propósito, mas o marido esbravejou tanto da camisa com botão perdido, que ela pegou um e pregou na camisa já vestida no corpo. Ele fraquejou as pernas, perguntou - o que é isso mulher, que tá assucedendo? E foi escorregando a vida, quando chegou ao chão ela já tinha ido embora. Estava mortinho da silva. Chorava e não era de saudade do traste, era do afago da árvore.

(Profundanças 2, 2017, p. 11)

Um conto que traz elementos diversos da ancestralidade dos povos africanos, a imagem da árvore sagrada, sendo domínio sagrado do orixá iemanjá, uma yabà (Iyagbas) que em yoruba⁷ significa mãe rainha, a íntima ligação da menina e depois da mulher, com a árvore e o espírito contido nela. Também podemos falar das Yamins, das feiticeiras ancestrais que guardavam seus espíritos em árvores. Iemanjá ao passo que é uma yabà também se caracteriza numa yamìn, uma mãe feiticeira sagrada. O conto traz a história de um casamento com características abusivas, violência doméstica, psicológica, emocional, etc. Ao cuidar da casa em horário que não se devia, segundo as crenças ancestrais, simbolizada pela figura da avó, mulher que deveria ser respeitada em suas falas pelas demais mulheres da família pela sua sabedoria e vivência; trazia mal agouro.

⁷ Três grandes grupos foram trazidos para o Brasil no século XVI: Yoruba, culturas africanas islamizadas e tribos Bantu. Desde aquela época, a África era uma imensa babel de línguas e o Yorùbá era mais um idioma da família linguística nigero-congolesa. Mas a língua ganhou destaque no estado baiano por ser a língua adotada pela Nação Ketu. (Geledés, página virtual acessada em 23/02/2020, às 23:42)

Em todo conto pode ser visto o cansaço da mulher em estar naquela condição, tanto que por segundos se esquece e comete um ato que leva o marido a morte, costurar o botão da camisa no corpo, segundo ensinamentos ancestrais.

Ao passo que a personagem, exausta da vida em que vivia, comete o ato impensado “Não sentia remorso, ‘não foi de propósito’, mas o marido esbravejou tanto da camisa com botão perdido, que ela pegou um e pregou na camisa já vestida no corpo”; e conseqüentemente causa a morte do marido, ela também se sente livre, enfim, do pesadelo que era viver sem liberdade. Pensemos então nos casamentos que eram arranjados pelas famílias, casamentos das filhas de famílias muito pobres para que estas tivessem a chance ao menos de um lar com comida e abrigo, em troca de servir ao homem, seu marido.

As condições de produção discursiva continuam a seguir a linha de quem tem acesso a esse tipo de leitura seja alguém letrado, com acesso à internet, ou aos saraus, mesas onde as escritoras fazem as suas apresentações. Embora elas escrevam para que seus poemas e contos sejam lidos por qualquer pessoa no mundo. Aidil conta as histórias das mulheres negras, mulheres invisibilizada ainda hoje social, cultural e economicamente, sendo uma intelectual ela busca abrir caminho para outras mulheres negras, o encorajar, no processo de empoderamento, se constituindo essa prática ao mesmo tempo na matriz social do discurso como nos efeitos ideológicos da produção discursiva da poeta.

No conto *Árvore Sagrada* a escritora mostra uma mulher que via a alegria na infância, a tristeza e o desânimo no casamento e viu na viuvez um alívio, o conforto de que agora estaria livre. Uma reflexão sobre mulheres que acreditam ser felizes somente se estiverem casadas, com um parceiro ou parceira, com alguém, pois nunca serão plenas se sozinhas. Embora essa informação não esteja nítida no conto, a libertação de um relacionamento abusivo por meio da viuvez, da morte do marido é o fato que a faz se reencontrar com o sagrado que lhe afaga, o sagrado que é feminino, que traz a figura de uma deusa. Mulheres que acolhem mulheres.

Mulheres negras aqui no Brasil e principalmente nos Países onde o processo de escravidão dos povos negros foi algo de extrema violência e desumanidade, do absoluto terror e desigualdade, encontravam abrigo e amparo noutra mulher ou em grupo de mulheres, construindo, assim, comunidades de apoio e fortalecimento. As mulheres encontraram na literatura um lugar de expressão e abrigo, onde a questão racial/étnica foi e ainda é algo bastante marcado. Historicamente por meio da literatura e da música -do blues e do jazz-

encontraram modos de falar sobre a realidade que viviam, contar e cantar para outras mulheres, influenciar pessoas por meio da arte a se rebelarem contra o sistema que as oprimiam (COLLINS, p. 281), que as colocavam como inferior, as destituía de direitos básicos como saúde e educação, as encorajavam a não silenciar às injustiças sociais.

Audre Lorde descreve a importância que a expressão da voz individual pode ter para a autoafirmação no contexto coletivo das comunidades das mulheres negras: “É claro que tenho medo, porque a transformação do silêncio em linguagem e em ação é um auto relevância, e isso sempre parece muito perigoso”. Alguém pode escrever para um público sem nome e sem rosto, mas o ato de usar a própria voz requer um ouvinte, e assim se estabelece uma conexão. Para mulheres afro-americanas, o ouvinte mais capacitado a romper a invisibilidade criada pela objetificação da mulher negra é outra mulher negra. (COLLINS, 2019, p. 281)

Aidil traz na sua voz e na sua escuta de mulher negra as experiências de outras mulheres negras, ela faz o trabalho de dar voz, ela une vozes, a sua e de outras mulheres e se insurge na escrita criativa, nos contos envolventes que marcam uma etnicidade, sua ancestralidade africana, símbolos, religiosidade, ligação espiritual, o erótico como potencial do ser de realização total e partilha desse alcance, mulheres que historicamente aprenderam a viver escutando as histórias das mais velhas, que se reuniam para o fortalecimento de suas memórias e até mesmo de suas raízes.

Passemos agora para análise discursiva dos poemas de Ana Mendes, escritora lésbica pernambucana, que busca imprimir em seus poemas suas vivências, sua denúncia sobre a invisibilidade das mulheres lésbicas em todos os espaços, não somente na literatura e os estereótipos sociais a que são submetidas. Ana escreve a partir da sua realidade social, da sua etnicidade urbana, criada pela necessidade de pares que compreendessem sua vida a partir da sua sexualidade, mulheres lésbicas ou pessoas da comunidade LGBTQI+, fator interseccional preponderante para formação e questionamentos acerca das identidades socialmente construídas e desconstruídas pela necessidade de sobrevivência e reconhecimento. Assim como nos diz Érica Sarmet em *Feminismo Lésbico* (2018)

O feminismo lésbico não ressoa em uníssono. Assim como no movimento feminista de modo geral, somos atravessadas por divergências teóricas, discordâncias políticas, bem como práticas e discursos dos “outros feminismos”. Somos feministas lésbicas, negras, marxistas, interseccionais, radicais, socialistas, transfeministas, pró-sexo, anarquistas... Estamos, de diferentes modos, fazendo política, criando conhecimentos e produzindo cultura, de forma que muitas

poderiam figurar- e estão figurando- [...] estivemos presentes nos momentos cruciais de formação do movimento feminista no Brasil e seguimos hoje nas ruas, nas redes, nas quebradas, nos partidos, nas boates, nas praças, nas universidades, por toda parte. (SARMET, IN: HOLLANDA, 2018, p. 380)

E neste caminho Ana Mendes segue na busca de empoderamento, individual e coletivo, por meio da sua poesia e sua autodefinição enquanto mulher e escritora lésbica em meio a um movimento de feminismos que, no Brasil, por muito tempo resistia a alcançar com suas pautas as vozes das mulheres lésbicas. Havia a discriminação advinda de um pensamento heteronormativo opressor de que as mulheres que eram feministas só podiam ser mulheres lésbicas. Consequentemente gerando uma tensão dentro do movimento feminista, negando sua produção teórica e agenda política. Foi depois dos anos 2000 que as feministas se abriram para a diversidade dos feminismos e passaram a dar atenção a todas as mulheres de forma interseccional. (SARMET, 2018)

Vejamos o texto 1 de Mendes.

Texto 1

havia algo de mais escandaloso que sua voz:
o peso dos próprios ombros
a força a fé e fúria
de seu silêncio

(Profundanças, 2017, p. 20)

Ana Mendes usa a linguagem poética para extravasar a sua fúria, o escandaloso em sua voz era o que dizia? O peso do silêncio, de sofrer em silêncio, de se omitir e não expressar a sua voz, sentimentos, angústias, raiva, tudo isso acontecia em um falar espalhafatoso? Ou o escândalo era o que sua voz revelava num tom considerado moderado assim como o expressar de suas emoções? E se a voz fosse quase inaudível? Como nos descreve Sarmet (2018):

[...] é precisamente também pelo fato de que nós, lésbicas, somos sistematicamente apagadas em uma cultura dominante formada por símbolos, códigos e linguagem feitos por e para homens. Em 1973, quando Monique Wittig publica *Le Corps lesbien*, ele escreve: “A literatura homossexual masculina tem um passado, tem um presente. As lésbicas, por sua vez, são mudas- como também todas as mulheres, enquanto mulheres, em todos os níveis. Quando se leem poemas de Safo; *o poço da solidão*, de Radclyffe Hall; os poemas de Sylvia Plath e Anaïs Nin; *La Bâtarde*, De Violette Ledue, já se leu tudo”. Wittig se

referia ao fato de a história feminina e lésbica (neste caso especificamente da literatura) ter sido sistematicamente apagada. (SARMET, 2018, p. 384)

Com o poema curto, de estrutura que rompe com os padrões do poema tradicional, Ana procura escrever e recitar para quem tiver acesso à leitura ou a escuta, a oralidade. As condições da prática discursiva se configuram na produção do texto que é veiculado a uma produção e publicação virtual, voltado no primeiro momento para um público letrado. Sua matriz social discursiva é um poema denúncia, desabafo, em sua narrativa poética a escritora coloca as angústias e as dificuldades que têm para estar num mundo de discriminações, violência e obediência ao sistema opressor heteronormativo que ainda a invisibilidade por meio das próprias mulheres não lésbicas.

O uso da linguagem como instrumento de poder, de acesso à mudança, vemos, então, o ato de usar a voz como ação política, como memória ou o acesso desta, a linguagem poética como ação de interferência na realidade, denunciando o silenciamento e apagamento histórico das mulheres lésbicas escritoras, artistas, ativistas etc., elementos que se configuram como os efeitos ideológicos e políticos do discurso poético. É preciso exprimir, expressar oralmente, falar sobre seus fantasmas que não estão mortos, contudo, necessitando que seja puxado o pano arquetípico que assusta e esconde a história das mulheres lésbicas.

Mendes, enquanto mulher lésbica, se vê como uma *Outsider*, assim como Anzaldúa ou Lorde, ambas poetisas e lésbicas, onde, de certa forma, sinalizam que o conforto de outra mulher lésbica possibilita uma melhor compreensão do que por parte de uma mulher não lésbica, a ideia de que a semelhante lhe compreenderá melhor. Contudo o distanciamento se configura uma armadilha, pois o distanciamento pela diferença impede que mulheres se compreendam em suas diversidades e se unam para transformação, por uma sociedade antirracista, anticapitalista, antipatriarcal. É exatamente sobre essa questão que Lorde reflete no capítulo *Carta aberta para Mary Daly*, de seu livro *Irmã Outsider*.

A opressão de mulheres não conhece limites étnicos ou raciais, é verdade, mas isso não significa que ela seja idêntica diante dessas diferenças. As fontes de nossos poderes ancestrais também não conhecem esses limites. Lidar com umas sem sequer mencionar as outras é deturpar tanto o que temos em comum quanto o que temos de diferente. (LORDE, 2019, posição 1318, edição virtual)

De certa forma, todas as três escritoras aqui, Daniela Galdino, Aidil Araújo e Ana Mendes são *outsiders*, cada uma advinda de uma realidade que as fizeram lutar por espaço e por voz, utilizam a linguagem falada e escrita, acadêmica e artística para suas ações no mundo, transformando seus silêncios em linguagem. (LORDE, 2019). Passemos ao próximo poema.

Texto 2

-o que você fez, criança?

à noite tudo se contrai
 mas meu coração permanece inchado de sopros:
 existir é escolher as palavras que seremos
 aperfeiçoando o que deus não foi capaz:
 a si mesmo
 e não sei quais são as minhas...
 herdeiros do orgulho de Lúcifer que somos
 nos é intrínseca a queda e assim sendo
 nos é própria a ferida materna:
 eu também quis saber como é destruir algo belo
 e talvez tenha sido isso o que deus desejou
 quando empurrou a luz do céu
 e afogou o mundo

(Profundações 2, 2017, p. 21)

O poema traz alusões à religião judaico-cristã, a católica e a dantes denominada protestante, atualmente evangélica cristã, e sua lógica de céu e inferno, santidade e pecado. Quando é dito no poema “herdeiros do orgulho de Lúcifer que somos nos é intrínseca a queda”, Mendes sendo mulher lésbica não é aceita pela divindade cristã que criou o mundo em sua perfeição heteronormativo e hegemônica: homem e mulher, uma para o outro. Só assim é possível. Tudo que foge a essa regra é pecado, faz parte do legado de Lúcifer por contestar a suprema sabedoria divina. Então pessoas homossexuais são herdeiras do pecado e é justo que tenha a queda e a ferida.

Dito que o próprio deus não foi capaz de aperfeiçoar-se e permitiu que um de seus anjos mais amados o enfrentasse, e nesse enfrentamento ele o expulsou. Nos parece a história e experiência de vida de muitas pessoas homossexuais, gays, lésbicas, travestis, trans que ao falar sobre sua sexualidade para a família, ser posto para fora, “a queda”. Ao passo que a poeta revela as construções que a linguagem é capaz de realizar: existir é escolher as palavras que seremos. A afirmação traz consigo a potência da linguagem, das construções sociais que acontecem por meio da linguagem, uma tecnologia humana, a

linguagem e seus signos, seus significantes e significado e sua arbitrariedade. Em entrevista, Ana responde da seguinte maneira a entrevistadora Elis Matos quando a pergunta sobre seu *locus* de mulher lésbica influência na sua produção poética:

Sobre ser mulher lésbica, creio que sim, reverbera, só não sei descrever como na poesia ou em processos criativos isso se dê. Mas faço questão de declamar um poema que tenha algum conteúdo explícito sobre minha sexualidade, o amor por uma mulher, entre outros. [...] O que ainda posso comentar sobre ser lésbica e a poesia é que fico puta em ver que quando nós temos espaço na literatura, ou quando somos reconhecidas em certos espaços, é sempre através da poesia erótica, que, para mim, só escancara o quanto há de fetichismo e hipersexualização. (Página Virtual Diversos Afins, 129ª Leva - 01/2019, Pequena Sabatina ao Artista, por Elis Matos)

Diferente de Daniela Galdino e Aidil Araújo, Ana Mendes não vê a dimensão erótica como potencial de realização, antes o erótico para as mulheres lésbicas tem historicamente sido mascarado pela fetichização e a aproximação com a pornografia. Lorde fala sobre o erótico ser confundido como tal.

O erótico também é frequentemente deturpado pelos homens e usado contra as mulheres. Foi transformado uma sensação confusão trivial, psicótica, plastificada. Por essa razão, é comum nos recusarmos a explorar o erótico e a considerá-lo como uma fonte de poder e informação, confundindo-o com o seu oposto, o pornográfico. Mas a pornografia é a negação direta do poder erótico, pois representa a supressão do verdadeiro sentimento. A pornografia enfatiza sensações sem sentimento. (LORDE, 2020, posição 922, edição virtual)

Podemos supor que atualmente Mendes tenha outra perspectiva acerca de uma produção erótica, ou seu posicionamento seja uma estratégia de ação poética e política. Dando seguimento à análise, o poema diz que deus não conseguiu tal ato, aperfeiçoar-se a si mesmo por meio da linguagem lhe atribuindo significados que o tornassem perfeito e não fosse necessário destruir o que havia de mais belo. A poeta também diz que ainda não encontrou as suas palavras, ainda não encontrou a linguagem que possa aperfeiçoar o que ela seja, ou retirar o peso da discriminação social existente contra as mulheres lésbicas, contra a comunidade LGBTQI+. A primeira estrofe se apresenta como uma pergunta: - O que você fez, criança? Como se fosse uma pergunta assustada de alguém que vê uma criança fazer algo que não deveria. Se experimentar o que deus fez quando afogou o mundo na escuridão e acabou com algo belo, talvez a beleza aqui seja a vida e o experimento seja acabar com ela.

O poema tem sua intertextualidade manifesta ao tratar de forma nítida sobre deus, Lúcifer, a queda, orgulho e a destruição de algo por deus, a história bíblica cristã. A produção condicionada ao livro e sua leitura é direcionada de forma individual e coletiva, de acesso irrestrito às pessoas letradas e as que não são letradas em recitais, o contínuo de todos os textos analisados, pois estão numa mesma antologia literária e fotográfica de acesso a pessoas com letramento, ou pessoas que participem das rodas de mulheres proporcionadas pela itinerância do projeto *Profundanças* ou que participem de algum recital onde as poetisas estejam e declamar seus escritos. A matriz social do discurso busca acessibilidade, uma poesia que possa chegar a lugares inimagináveis. Ideologicamente, a poeta Ana Mendes escrever sobre às injustiças sociais sofridas pela minoria da qual faz parte, mulher e lésbica.

Portanto, constata-se o vínculo recorrente imposto por esta obra de objetos de análise, a saber as criações literárias: [...] o texto em prosa *Árvore Sagrada*, da autora Aidil Lima; e o poema sem título de Ana Mendes. Além das temáticas expostas estarem relacionadas ao contexto de minorias, tendo as mulheres como o foco das significações no âmbito das problemáticas, envolvendo as alteridades, os textos analisados possuem em comum a predisposição a serem textos de resistência. Justamente por empreenderem o movimento de provocarem rasuras, no sentido de desestabilizar a lógica estrutural do *modus operandi* da sociedade, os textos se posicionam enquanto resistências às violências epistemológicas, psicológicas, físicas, entre outras, sofridas pelas mulheres negras, lésbicas, transexuais e demais minorias. (MATOS; SACRAMENTO, 2019, p.139-140)

O que podemos dizer acerca da análise feita das narrativas é que todos buscam rasurar a forma do poema, do conto, a escrita normativa, com temáticas de ruptura e resistência exercido pelo lugar das escritoras, estar onde estão, seja na academia ou nos espaços urbanos diversos: nas escolas, promovendo saraus, em eventos público; a presença e a voz fazendo o exercício de contrapoder aos modelos hegemônicos de escrita, comportamento, de ciência e linguagem a que ainda são submetidas a enfrentar, lidar e trabalhar para que sejam desconstruídos.

A pesquisa foi realizada em torno do questionamento de como as mulheres estavam se refazendo por meio de suas escritas e discursos poéticos na internet, as possíveis reescrituras do ser mulher, das diversas faces do feminino. Encontramos resultados que nos levaram muito além. Os feminismos, a Interseccionalidade, o feminismo da diferença. Vimos que as mulheres em suas diversidades estão buscando visibilidade, autodefinição, suas experiências do “ser mulher sendo mulheres” estão no

processo de um devir que se relaciona intimamente com autoconhecimento e autonomia para ser como e quando quiser ser, um trabalho de desconstrução do “mito mulher”, de uma única mulher impossível de representar à imensa diversidade de mulheres existentes e possíveis; a desconstrução do que fora organizado discursivamente ao longo da história anglo hegemônica sobre as mulheres e suas representações sociais.

O ciberespaço funciona para as escritoras como um instrumento de visibilidade, um canal, um espaço de difusão de informação, de interação, de autonomia criativa e de produção poética, onde as mulheres podem publicar virtualmente, não somente livros, como poemas avulsos, terem seus discursos emancipatórios e transgressores lidos, postados, repostados por meio de estratégias de estilo de linguagem, uma interconexão rasurando o normativo e hétero hegemônico, a linguagem que se molda para acessar as diversas camadas sociais e acordar em cada pessoa que tenha acesso sua consciência de estar no mundo

Consciência de opressão não é só uma reação (uma luta) contra a opressão. É também toda a reavaliação conceitual do mundo social, sua completa reorganização com novos conceitos, do ponto de vista da opressão: cada um de nós deve realizar a operação de compreender a realidade: podemos chamar isso de prática subjetiva, cognitiva. O movimento para frente e para trás entre níveis de realidade (a realidade conceitual e a realidade material da opressão, ambas realidades sociais) feitas por meio da linguagem. (WITTIG, 2019, p. 90)

No entrelaçamento das três poetisas que conhecemos a ciranda das escritoras em *Profundanças*, nas redes e fora delas, a gira de mulheres com seus escritos autônomos no ciberespaço. Mulheres que se conheciam apenas virtualmente se encontram pela primeira vez em eventos, comungando de ideias, experiências, afetos, usando as palavras da poeta e tradutora Stephanie Borges ao falar de Audre Lorde “vendo essas mulheres ensinando sobre a poesia como investigação, destilação da experiência, o erótico como um poder e a raiva e a diferença como forças criativas” nos deu uma contribuição imensa, que vai para além da academia, títulos ou do currículo lattes, uma contribuição para a vida. (Stephanie Borges via Twitter em 15/02/20 às 01:39).

5. Uma Ciranda de Mulheres: redes poéticas de Re-existência

A ficção narrativa proporciona uma selva controlada, uma oportunidade de ser e de se tornar o Outro. O estrangeiro. Com empatia e clareza e o risco de uma autoinvestigação.
(Toni Morrison em *A origem dos outros*, p. 121.)

O que aprendemos e observamos com bastante delicadeza e cuidado foi a potência que está sendo a conscientização por parte das mulheres e pessoas na união, num pertencimento a um lugar comum por meio dos afetos e das discussões de gênero, da desconstrução do ser mulher, do silenciamento e da invisibilidade que sofreram por anos e anos e ainda atualmente às mulheres em sua diversidade. O Ciberespaço parece materializar um contexto propício, dado suas especificidades, para essa pertença no formato de ciranda cibernética.

A antologia poética e literária *Profundanças* propõe e consegue alcançar uma transformação desse silêncio em linguagem, em arte poética, em ação de resistência, no *modus operandi* de construção de outras maneiras de viver, buscada pelas mulheres nos feminismos e a literatura funcionando não somente como instrumento de poder para as mulheres escritoras, como também uma via de autoconhecimento, meios de recontar a história ocultada das mulheres negras, índias, das pessoas cis e trans estupradas, assediadas, assassinadas, de modificar também os rumos de vida e existência para as violências contra às mulheres de maneira interseccional.

Gloria Anzaldúa chama suas irmãs para resistir por meio da escrita, Audre Lorde potencializa a linguagem e as mulheres, pede que tenham consciência umas das outras e das diferenças que as cercam, no intuito de unirem-se mesmo e ainda com toda a diferença, enfrentarem juntas a realidade da qual fazem e são parte “Quando nos, quando defino a mim mesma, o lugar em que sou como você e o lugar em que não sou como você, eu não estou impedindo de unir-se a mim – estou ampliando suas possibilidades de união” (LORDE, 2019). É exatamente o que acontece por meio da poesia de Daniela Galdino, pelos contos e narrativas de Aidil Araújo, pelas performances poéticas e produção literária de Ana Mendes, em *Profundanças 2*. Modos de união dos feminismos, das mulheres em sua diversidade e diferenças para a resistência a tudo que ameaça o silenciamento e o apagamento de suas presenças e lutas.

Como Audre Lorde conseguiu transformar seu silêncio e o seu medo da morte em linguagem, em linguagem para a transformação; como Anzaldúa fez da sua condição do

não lugar, de *mestiza*, ao passo que não pertencia ao seu povo, não pertencia a povo nenhum, então faria do feminismo um lugar de pertencimento e construiria para si e para outras mulheres um espaço onde pudessem ser parte e assim serem inteiras e totais.

O que Daniela Galdino chama Ciranda de Mulheres, quando reúne mulheres diversas por meio da escrita, da linguagem escrita e falada, performada, mulheres que se insurgem contra a realidade em que vivem, e, conseqüentemente, fazem o exercício de reexistirem e continuar sobrevivendo. Um movimento que se inicia na linguagem oral quando Daniela se reúne com outras mulheres e pessoas para pensar as narrativas, quanto tem contato com fotógrafas que produzirão as imagens que aparecem nas antologias. Quando xs escritorxs se sentem preparadxs para lançar suas vozes ao mundo, denunciando suas angústias, usando de seus potenciais, seja o erótico, o de pensar a dimensão espiritual que precisa ser vivida e compreendida num conjunto total do ser, numa perspectiva holística; mulheres que estão mudando o curso da história por meio dos seus discursos e práticas sociais; por meio da linguagem e da ação poética.

É possível afirmar que o mais precioso que aprendemos nessa caminhada investigativa que resultou neste estudo foi/é o poder transformador da linguagem; foi e é o entendimento de quando mulheres se reúnem, se organizam, reside nesse movimento um potencial revolucionário, transformador, para onde direcionar sua força fará toda a diferença. Acrescentamos a informação de Daniela sobre como *Profundanças 2* foi pensado, produzido e difundido. Numa ciranda de mulheres em Re-existência, pois a vida de todxs de alguma forma foi transformada e modificada de uma maneira que também não podemos mensurar.

Naquele momento eu entendi e continuo com esse entendimento que nós teríamos muito mais independência e liberdade para criar e para dizer aquilo que nos é fundamental, necessário se nós estivéssemos fora de qualquer instituição. Se nós não tivéssemos um prazo determinado para trazer o livro à tona, então eu tinha uma... já no final do segundo... do primeiro semestre de 2014 o meu sentimento era de urgência e a urgência naquele momento era incompatível com pesquisar editais, escrever um projeto, ter a carta de aceite das mulheres que participariam, é... [...] Quando entra em *Profundanças* entra como escritora, não importa se é inédita ou se já tem obra autoral publicada, todas estarão na mesma condição de mulheres que lutam contra essa invisibilidade. [...] me ocorreu que é importante dizer uma coisa aqui, que o livro, a ideia do livro não impresso, é... foi uma outra, uma terceira provocação, né, que a provocação da democratização do acesso. Então colocar no ar um livro que se disponha a problematizar essa invisibilidade e esse silenciamento imposto a nós mulheres no campo literário, mas que ao mesmo tempo, mesmo sabendo que a internet é acessível mas não é democratiza-

da, nem todas as famílias têm acesso à internet em casa, nem todas as pessoas têm computador pessoal, ou um telefone que permita baixar arquivos ou acessar, ou tablets e outros equipamentos, né, mesmo sabendo de todas essas barreiras, a ideia de um livro virtual é uma provocação de que esse livro, ele mesmo com todas as exclusões, essas desigualdades socioeconômicas, ele não teria barreira do mercado editorial para chegar até os leitores, ele não estaria dentro dos circuitos convencionais de mediação literária, ou seja, depender de um projeto de incentivo à leitura, depender de uma exposição numa livraria, ou do sistema de compra e venda praticado pelas editoras, né, com vendas virtuais, etc. [...] Desde o começo nós entendemos assim, que nós deveríamos lançar o livro na internet sem maiores barreiras para o acesso, um livro com download gratuito. Agora o alcance desse livro a gente nunca achou que pudesse, é...mensurar, medir, porque a partir do momento em que ele é lançado no espaço virtual amplia, vira... nós estamos no terreno do imprevisível ele pode ser muito acessado, ele pode não ser, não teremos mais controle sobre isso, né? A própria plataforma na qual ele está hospedado, que é o site da Voo Audiovisual, não tem esse dispositivo que nos permita quantificar quantas vezes o livro foi baixado, quantos downloads aconteceram. Então eu não vejo isso como uma dificuldade, eu vejo isso como um elemento a mais, né, fica novamente essa estética do mistério, não saberemos onde o livro vai chegar e nesses quatro anos o livro chegou em lugares que eu não consegui imaginar quando eu criei o projeto. (Informação verbal)

Assim como o surgimento do movimento feminista, segundo Hall, foi um dos transformadores de grande potência do período pós-moderno e questionador sobre identidades e papéis, espaços, privados e públicos, sociais e políticos, acreditamos que os feminismos podem sim realizar um outro modo de produzir ciência, uma nova epistemologia que consiga humanizar e agregar todas as áreas do conhecimento para a produção científica de maneira holística, transdisciplinar. Como nos faz crer Nancy Bereano na introdução de *Irmã Outsider* (2019):

Mas o que dizer do “conflito” entre poesia e teoria, entre suas esferas aparentemente separadas e incompatíveis? Disseram-nos que a poesia expressa o que sentimos, e a teoria afirma o que sabemos; e que o poeta cria a partir do calor do momento, enquanto o teórico é,

inevitavelmente, frio e racional; que a poesia é arte e, por isso, experimentada “de forma subjetiva”, enquanto a teoria é erudição considerada confiável no mundo “objetivo das ideias”. Disseram-nos que a poesia tem alma e a teoria tem mente, e que precisamos escolher entre elas. A estrutura do patriarcado branco ocidental exige que acreditemos na existência de um conflito entre o que sentimos e o que pesamos - entre poesia e a teoria. É mais fácil que nos controlem quando uma parte do nosso eu é separada da outra, fragmentada e sem equilíbrio. [...] A escrita de Audre Lorde é um impulso em direção à integridade. O que ela diz e com diz nos envolve intelectual e emocionalmente. Ela escreve a partir das particularidades de quem é mulher negra, lésbica, feminista, mãe de duas crianças, filha de imigrantes de Granada, educadora, paciente de câncer, ativista. Ela cria material a partir de sua vida cotidiana, o qual podemos usar para moldar a nossa. De seu desejo de inteireza, de sua necessidade de abranger e abordar todas as partes de si, ela nos ensina sobre o significado de diferença – “a bruta e poderosa conexão da qual o nosso poder pessoal é forjado”. (LORDE, 2019, posição 91, edição virtual)

Partindo do movimento de mulheres e dos feminismos, das escritas de si, do sentimento de pertença se configurando enquanto étnica, de um grupo específico, que perpassa poetas e teóricas por todo o mundo, a ligação com o corpo e a mente, emoções e razão. Mulheres que trazem em seus corpos histórias de resistência, por serem lésbicas e buscarem visibilidade, por serem mulheres negras e lutarem por visibilidade, por espaços que possam atuar, por espaços onde não sejam discriminadas e subjugadas. Por serem mulheres e não ter sua produção poética e científica diminuída pela ciência canonizada, cristalizada, produzida pelos homens brancos, anglo, que ditam o que é e o que não é ciência, ou científico. Alcançamos muito mais do que pretendíamos, pois conhecemos espaços de atuação e desejos almejados pela tecnologia narrativa que a rede formada por escritoras têm sido tecida.

E ainda a pergunta ecoa em nós: há a necessidade em provar a importância da Literatura e do espaço onde ela se encontra? Ou justificarmos como é possível produzir ciência a partir da arte, ou melhor, como mulheres estão produzindo ciência de forma a rasurar a ciência ortodoxo e cristalizada? O que quer a Literatura escrita por mulheres no virtual senão ser acessível, adentrar a tecnologia da informação, a linguagem modificando a interação no espaço em que se encontra?

Como dar acessibilidade a quem quer que possa acessar esse texto, essa tecnologia narrativa específica e entender o tema de pesquisa “Mulheres e Literatura no Ciberespaço” e sua relevância se não construirmos um terreno semântico fluído e por vezes, provocativo, chamando a reflexão sem determinar barreiras teóricas? Do mesmo

modo que o tema de pesquisa nos oportuniza liberdade e reflexão, também quisermos dotar o texto de tal liberdade linguística e literária, utilizando a nossa maior tecnologia, a linguagem, nosso instrumento de poder, pois aqui nos encontramos numa metalinguagem, a linguagem acadêmica explicando a linguagem literária por meio de uma linguagem tecnológica, onde essas três esferas linguísticas se complementam.

Não adentramos ingenuamente neste processo, o modo como trabalhamos Etnicidade, discussões acerca do Gênero de modo Interseccional, dos Feminismos e Escrituras de si, a provocação do Ciberespaço como campo de pesquisa, como realidade vivenciada e experienciada, ainda que simulada, pois é no Ciberespaço que temos vivido e investido o maior tempo de nossas vidas e alimentado nossas relações íntimas, coletivas, econômicas, sociais, culturais, etc.

E vieram nos perguntar o que queríamos com essa pesquisa. Queríamos investigar os processos atuais que as mulheres escritoras estão realizando no Ciberespaço, como a Literatura tem encontrado caminhos para modificar e ser modificada segundo arte e teoria. Nos colocamos abertas e atentas durante a contemplação reflexiva da atuação das escritoras nas redes, seus trabalhos e esforços para continuar produzindo e alcançando mais e mais pessoas com suas letras vivas.

Entrelaçamos teorias e teóricas, dialogamos com vertentes diversas das ciências, pois que a literatura tem a liberdade e a utiliza perpassando todas as áreas do conhecimento a fim de dar sentido e significado às experiências, podendo ser fatos históricos fictícios ou não, a verossimilhança, a imitação da vida. Tampouco nossa abordagem linguística alinhavando o texto, com tons ensaísticos, nos esquivando da dureza acadêmica que afirma não poder unir a linguagem poética com a linguagem científica.

A narrativa verbal de Daniela Galdino foi de extrema importância pois que nela reside respostas e informações preciosas para as nossas questões suscitadas no início da pesquisa, a linguagem figurando como fonte, caminho e fins diversos para exercer o poder da voz, o poder ideológico das mulheres, o poder da presença atemporal, o poder de modificar a história através de suas narrativas e discursos. Tal qual o trabalho que realizou Daniela Galdino, Aidil Araújo e Ana Mendes que vimos partindo do recorte que fizemos em *Profundanças 2*, mulheres escritoras que estão ativas, pesquisando, itinerantes pelo mundo, participando de eventos culturais e produzindo seus textos de forma transgressora, experimental e insurgente. Ensaíamos aqui dissertar de modo semelhante, ainda que não tão lírico e poético ou subversivo quanto desejaríamos que este texto fosse.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANZALDÚA, Glória. *La conciencia de la mestiza / rumbo a una nova consciência*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque, *Pensamento Feminista. Conceitos Fundamentais. Audre Lorde...* [et al.]; Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. Sessão Primeiras Intepelações, p.323

ARRUTI, José Maurício. *Reconsiderando Etnia*. In: Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa. Org., Livio Sansone e Cláudio Alves Furtado. Salvador: EDUFBA, 2014.

BARBOSA, Adriana Maria de Abreu. *Ficções do feminino*. Vitória da Conquista. Edições UESB, 2011.

BARBOSA, Adriana Maria de Abreu. *O Casamento Sob a Mira da Autoria Feminina*. Dossiê Expressões Artísticas e Mulheres Arquivos do CMD, Volume 2, N. 2. jul./Dez 2014.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 2001.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. V. 1 e 2.

BERTH, Joice. *O que é empoderamento*. Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.

BRITTO, Milena. Afetar a cena literária: política, afinidade e estratégias e autogestão entre autores contemporâneos. [Org.] AZEVEDO, Luciene; PEREIRA, Marcos. Palavras da crítica contemporânea. 1ª ed., Salvador, Boto-cor-de-rosa livros e café/ paralelo 13, 2017.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o novo milênio*. Tradução Ivo Barroso. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 13ª Ed. Rio de Janeiro; Ouro sobre azul, 2014.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista negro: o poder da autodefinição*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque, *Pensamento Feminista. Conceitos Fundamentais. Audre Lorde...* [et al.] Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. Sessão “Primeiras Intepelações”, p.271.

DALCASTAGNE, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo, Editora Horizonte, 2012.

DUARTE, Constância Lima Duarte; CORTÊS, Cristiane e PEREIRA, Maria do Rosário A. (Org.) *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Malê edições, 2016.

DIJK, Teun A. van. *Discurso e Poder*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2017.

- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: UnB, 2001.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Editora Meridional/Sulina, 2011.
- GALDINO, Daniele. *Profundações: antologia literária e fotográfica* / Daniela Galdino (org.). 1ª edição. Ipiaú, BA: Voo Audiovisual, 2014.
- GALDINO, Daniele. *Profundações 2*. Ipiaú: Voo Audiovisual, 2017.
- GIBSON, Willian. *Neuromancer*. Tradução Fábio Fernandes. Editora Aleph, 1984.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria política-cultural da *Amefricanidade*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque, *Pensamento Feminista*. Conceitos Fundamentais. Audre Lorde... [et al.]; Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. Sessão Primeiras Interpelações, p. 313.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Editora Lamparina, 2014.
- HARAWAY, Donna. *Saberes localizados. A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos Pagu (5) 1995: pp. 07-41.
- HARAWAY, Donna, in: KUNZRU, Hari. [Org.] *Antropologia do ciborgue As vertigens do pós- humano*. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte, 2ª edição, Autêntica Editora, 2000.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org). *Tendências e impasses*. Feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org). *Explosão Feminista: Arte, Cultura, Política e Universidade*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org). *Pensamento Feminista*. Conceitos Fundamentais. Audre Lorde... [et al.]; Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- HINE, C. *Virtual Ethnography*. London: SAGE Publications, 1998. *Virtual methods: issues in social research on the internet*. New York: Berg Publishers, 2005.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo, Editora Atlas, 2003.
- LAURETIS, Teresa de. *A tecnologia de gênero*. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo, Editora 34, 1999.
- LEÃO, Ryane. *Jamais peço desculpas por me derramar*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- LIMA, Quezia dos Santos. *BLOGUEIRAS FEMINISTAS E O DISCURSO DE DIVULGAÇÃO DO FEMINISMO NO CIBERESPAÇO*. VI Seminário de Estudos em Análise do Discurso, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Tradução Stephanie Borges. 1o. edição, Belo Horizonte; Autêntica Editora, 2019.

MILAN, Betty. *A Força da Palavra*. Editora Record, 2012.

Millett, K. *sexual politics*. New York: Doubleday, 1970

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORRISON, Toni. *A origem dos outros*. Seis ensaios sobre racismo e literatura. Tradução Fernanda Abreu. 1º edição, São Paulo, Companhia das letras, 2019.

MOSÉ, Viviane. *O poder e as redes*. In: Política: Nós também sabemos fazer/ Clóvis de Barros Filho... [et. al.]. Petrópolis, R.J. Editora Vozes, 2018.

NEGRÃO, Telia. *Ciberespaço, via de empoderamento de gênero e formação de capital social*. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8320>

NEVES, André de Jesus. *Cibercultura e Literatura, Identidades e Autoria em Produções Culturais e Participatórias e na Literatura de Fã (fanfiction)*. Jundiaí, Paco Editorial: 2014.

NOGUEIRA, Conceição. *Interseccionalidade e psicologia feminista*. Salvador, Ba: Editora Devires, 2017.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença: o feminismo emergente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1983.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da Diferença: O feminismo emergente*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2012. Versão Digital.

PIMENTEL, Mariana. *A ARTE DE RESISTIR OU A RE-EXISTÊNCIA DA ARTE*. Monteiro, r. H. e ROCHA, c. (org.). *Anais do V Seminário nacional de Pesquisa em arte e cultura Visual Goiânia-Go: UFG, 2012*.

POLIVANOV, Beatriz. *Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia? Implicações dos Termos em Pesquisas Qualitativas na Internet*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013

POUTIGNAT, Philippe Poutignat; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. Tradução de Élcio Fernandes. 2ª ed. Editora Unesp, 2011.

RAGO, Margareth. *A Aventura de Contar-Se: Feminismos, Escrita de si e Invenções da Subjetividade*. Editora da Unicamp; Edição: 1, 2013.

SAMET, Érica. *Feminismo Lésbico*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade*. 1ª edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2019. Parte 3: Os Feminismos da Diferença, p 379.

SPIVAK, Gayatri. *Quem reivindica alteridade?* In: SHOWALTER, Elaine. *O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

WITTIG, Monique. *Não se nasce mulher*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque, *Pensamento Feminista. Conceitos Fundamentais. Audre Lorde... [et al.]*; Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. Sessão “Primeiras Interpelações”, p. 83.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Tradução Bia Nunes de Souza e Glauco Mattoso; 1. ed. – São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOOLF, Virgínia. *Profissões para mulheres e outros ensaios feministas*. Tradução Denise Bottmann. - Porto Alegre, RS: L&PM, 2018.

Anexos

Entrevista focalizada, onde foi utilizada a técnica proposta por Lakatos (2003) “Despadronizada e não estruturada” com a Escritora Daniela Galdino. A entrevista foi realizada da seguinte maneira: as perguntas enviadas por e-mail à escritora e as respostas enviadas via WhatsApp à pesquisadora no final do mês de outubro de 2018.

1) Como você chegou à ideia de organizar dois livros virtuais, como foi construído o projeto literário e fotográfico que é Profundações?

(Resposta 1. Daniela Galdino)

Pergunta número um, como eu cheguei à ideia de organizar dois livros virtuais, de onde partiu isso. Bem, o projeto Profundações, ele teve início no ano de 2014, é... Na época, uns dois anos anteriores, 2012, 2013 eu fiz uma grande circulação aqui pelo Brasil e também por algumas cidades da Alemanha, na época da divulgação do meu livro “Inúmera” porque além de fazer uma divulgação virtual eu fiz uma circulação por esses lugares, é... Apresentando uma performance com um grupo daqui do sul da Bahia, uma performance intitulada “Inúmera” também. E... nessa circulação eu pude sair da região sul da Bahia, né? Estive em congressos fora da Bahia, comecei a me aproximar de algumas regiões de Pernambuco, outras regiões da Bahia, então isso fez com que eu me deslocasse do meu lugar de origem, que até então tinha sido muito Sul da Bahia, em termos artísticos, e esse deslocamento me permitiu conhecer outras mulheres escritoras. (Pigarro) Desculpa. (Pausa) Então a primeira questão foi o deslocamento geográfico, o que se tornou um aspecto positivo ao me colocar em contato com outras mulheres escritoras e... Isso foi se acentuando sem nenhuma... hã... Sem nada deliberado, né? Aos poucos eu fui tendo contato com essas mulheres e como nós não morávamos nos mesmos lugares, no mesmo lugar, esse contato prosseguiu pelas redes sociais, sobretudo pelo Facebook e vez ou outra, isso já no ano de 2013, esses contatos foram se acentuando e já ao final de 2013, primeiro semestre de 2014, é... Espontaneamente começou uma troca de textos. Algumas dessas mulheres começaram a me procurar revelando que estavam escrevendo e que estavam acentuando o desejo de escrever e por vez ou outra me mostravam um poema, um conto, uma crônica, pediam que eu opinasse de forma despretensiosa, e na maioria das vezes elas não falavam em publicar os seus textos. Elas pediam, algumas, né? Inclusive,

pediam que eu avaliasse pra ver se era literário, se elas estavam no caminho certo, o que fazer com essa vontade de escrever. Então, desde o primeiro momento eu sempre estimei que elas continuassem escrevendo, então o primeiro livro de Profundanças ele tem a participação dessas mulheres, né? Como Dona Celeste, que é uma..., eu conheci em Brumado como uma baiana de acarajé que as pessoas achavam como uma pessoa excêntrica na cidade, eu fui descobrir que essa excentricidade dela é o olhar poético que as pessoas não compreendiam. É... então esses dois anos foram cruciais pra eu me aproximar dessas mulheres. Então a primeira constatação era a quantidade de mulheres dispersas, muitas delas sem nenhum contato pessoal, elas não se conheciam e que escreviam e engavetavam. Chegou um momento, no primeiro semestre de 2014 que eu vi que isso era uma repetição e essa repetição estava me envolvendo e foi aí que eu tive a ideia, no final do primeiro semestre de 2014, de criar um projeto em que a visibilidade de mulheres escritoras fosse a tônica, só que eu não estava disposta a concorrer a edital, não estava disposta a enviar originais para uma editora. Eu passei a amadurecer a ideia de um projeto, é... totalmente independente. Eu vou continuar a resposta no segundo áudio.

(....)

Naquele momento eu entendi e continuo com esse entendimento que nós teríamos muito mais independência e liberdade para criar e para dizer aquilo que nos é fundamental, necessário se nós estivéssemos fora de qualquer instituição. Se nós não tivéssemos um prazo determinado para trazer o livro à tona, então eu tinha uma... já no final do segundo... do primeiro semestre de 2014, o meu sentimento era de urgência e a urgência naquele momento era incompatível com pesquisar editais, escrever um projeto, ter a carta de aceite das mulheres que participariam, é... Depois buscar uma editora para publicar o livro. Então a primeira questão que reforçou esse sentimento de independência foi a urgência de que esse livro é... Nascesse. A segunda questão é que já que a gente discutia tanto naquele momento, né? E eu como professora universitária, na época coordenando um comitê do Prolê na Uneb, nós fazíamos muitas sessões de leitura pública, né, num projeto que era denominado “Mói de Letras” e a gente sempre priorizava à leitura de obras escritas por mulheres e a cada leitura que a gente promovia, a resposta do público ia crescendo e se tornando mais positiva ainda, mas permanecia a surpresa desse público, do Prolê, ao dizer, repetidas vezes, que não conheciam essas mulheres escritoras, né? Estou falando de Mírian Alves, Carolina Maria de Jesus, algumas escritoras baianas, mulheres que já tinham 2, 3 ou mais livros publicados e que não eram é... conhecidas por esse pú-

blico. Aí eu comecei a pensar numa segunda questão, além da independência editorial. A questão da invisibilidade a nós mulheres no campo literário. E essa outra questão me gerou um incômodo e esse incômodo é...me motivou a ter a ideia de que a nossa antologia não deveria ser só...é...uma antologia literária em que a palavra fosse o foco principal. Eu comecei a pensar em associar a palavra literária a outras visualidades provocativas a essa... esse silenciamento, essa invisibilidade, nós mulheres no campo literário. Então aí nesse momento eu já construí o entendimento de que essa, esse projeto ele deveria ser é... em dois planos, plano verbal e o plano visual e isso foi resolvido com a ideia de ser uma antologia literária e fotográfica. Quando eu amadureci essa ideia, 2014, eu fiz a proposta à produtora baiana “Voou audiovisual”, que imediatamente aceitou ser parceira do projeto, hospedar o livro no seu site, mas, mais do que isso, é...Iniciar uma atuação na literatura, sendo que essa produtora, o carro chefe dela é o cinema e outras produções audiovisuais, então Profundaças passou a ser, no final de 2014, a primeira experiência editorial da “Voou audiovisual”. A partir de Profundaças a produtora foi registrada na biblioteca nacional e habilitada a atuar no campo editorial. Então depois de que tudo isso foi feito eu iniciei o contato com essas mulheres e nós de uma forma secreta, né, resguardando o segredo como um ritual de Profundaças, construímos esse livro... é... aproximadamente do mês de agosto até o mês de dezembro. Toda nossa articulação foi feita pelo Facebook, sem divulgar para as pessoas que não faziam parte e aí eu comecei. Primeiro, eu chamei as escritoras, depois que eu convidei as escritoras e sabendo que é um projeto independente sem orçamento e que nós não poderíamos gastar do nosso próprio bolso eu comecei a mapear fotógrafes que morassem ou nas mesmas cidades das escritoras ou em cidades próximas E aí que foi o mais interessante, as duplas de fotógrafo e escritora foram formadas, e na maioria dos casos com pessoas que nunca tinham se visto, nunca tinha tido qualquer tipo de contato e isso foi crescendo e desaguou no lançamento do primeiro livro, que em 2014 no dia 4 de dezembro, dia de Iansã, e no segundo livro que eu não fiz assim maiores referências ao processo dele que foi lançado em 2017 no dia do aniversário da pintora mexicana Frida Kahlo. Então entre o livro de 2014 o livro de 2017 permaneceu e permanece até hoje a ideia de sermos um projeto independente, permaneceu a parceria com editora, produtora *Audiovisual*, Profundaças 2 passou a ser a segunda experiência editorial da Voo, é... a partir dessa experiência de associar à palavra imagem a Vou Audiovisual criou uma web programa chamado vídeo verso e convidou nomes daqui da Bahia que são artistas que escreve e performa, aí nós já ampliamos, tivemos a participação

de mulheres, de homens, de representantes da comunidade LGBT. É... outra questão que eu acrescento entre o livro e o outro é que no segundo livro essa noção de mulher foi ampliada e nós tivemos a participação de duas artistas trans, mulheres trans, a JeisiÊke e a Lame, que na verdade eu falei aqui que mulheres Trans, mas elas se identificam como pessoas TRANS não-binárias, e essa noção, essa ideia do ser mulher foi ampliada com a participação delas duas e numa terceira experiência em Profundanças, que eu já começa a pensar, o desejo que tenha uma participação maior de pessoas Trans, de mulheres Trans num terceiro volume. Então, em resumo foi isso, o projeto nasceu desse desejo, e o projeto nasceu de uma provocação, né, é...que trouxesse à tona essa questão da invisibilidade a nós mulheres, a maior parte das escritoras, eu tô me referindo a mulheres que até então eram inéditas, aí eu cito outra transformação do segundo... do primeiro para o segundo livro. No segundo livro eu ampliei, não trouxe só escritoras inéditas eu convidei três escritoras que já tinham publicação individual, três não, quatro escritoras que já tinham publicação individual e elas aceitaram participar do progra... do projeto numa ideia de horizontalidade, né, implodindo qualquer hierarquia, né? Quando entra em Profundanças entra como escritora, não importa se é inédita ou se já tem obra autoral publicada, todas estarão na mesma condição de mulheres que lutam contra essa invisibilidade.

Allinne, ainda respondendo à pergunta um, me ocorreu que é importante dizer uma coisa aqui, que o livro, a ideia do livro não impresso, é... foi uma outra, uma terceira provocação, né, que a provocação da democratização do acesso. Então colocar no ar um livro que se disponha a problematizar essa invisibilidade e esse silenciamento imposto a nós mulheres no campo literário, mas que ao mesmo tempo, mesmo sabendo que a internet é acessível mas não é democratizada, nem todas as famílias têm acesso à internet em casa, nem todas as pessoas têm computador pessoal, ou um telefone que permita baixar arquivos ou acessar, ou tablets e outros equipamentos, né, mesmo sabendo de todas essas barreiras, a ideia de um livro virtual é uma provocação de que esse livro, ele mesmo com todas as exclusões, essas desigualdades socioeconômicas, ele não teria barreira do mercado editorial para chegar até os leitores, ele não estaria dentro dos circuitos convencionais de mediação literária, ou seja, depender de um projeto de incentivo à leitura, depender de uma exposição numa livraria, ou do sistema de compra e venda praticado pelas editoras, né, com vendas virtuais, etc. Então ele estaria fora do circuito porque qualquer pessoa que reunisse as mínimas condições de acesso à internet

poderia, como tem acontecido, acessar esse livro. Então quando eu pensei na ideia de um livro virtual e conversei com a Voo Audiovisual na pessoa do cineasta Edson Bastos e do cineasta Henrique filho foi pensando no livro que pudesse ser baixado por uma educadora um educador da escola pública e mesmo com todas as dificuldades que são enfrentadas na escola pública a maioria delas têm laboratório de informática e alguns equipamentos mesmo que esse livro não fosse lido no computador e individual no equipamento pessoal ele pode ser lido em sessões coletivas. Nos laboratórios de informática, nas salas multimídias que tem, não só nas escolas, mas nas universidades públicas também. Então eu pensei no acesso, é... imedível. Desde o começo nós entendemos assim, que nós deveríamos lançar o livro na internet sem maiores barreiras para o acesso, um livro com download gratuito. Agora o alcance desse livro a gente nunca achou que pudesse, é... mensurar, medir, porque a partir do momento em que ele é lançado no espaço virtual amplia, vira... nós estamos no terreno do imprevisível ele pode ser muito acessado, ele pode não ser, não teremos mais controle sobre isso, né? A própria plataforma na qual ele está hospedado, que é o site da Voo Audiovisual, não tem esse dispositivo que nos permita quantificar quantas vezes o livro foi baixado, quantos downloads aconteceram. Então eu não vejo isso como uma dificuldade, eu vejo isso como um elemento a mais, né, fica novamente essa estética do mistério, não saberemos onde o livro vai chegar e nesses quatro anos o livro chegou em lugares que eu não consegui imaginar quando eu criei o projeto.

2) Você acredita que o seu discurso poético, literário pode funcionar como instrumento de mudança social?

(Resposta 2. Daniela Galdino)

Bem, com relação à pergunta dois, se eu acredito que o meu discurso poético pode funcionar como instrumento de mudança social, para responder essa pergunta eu venho... Eu quero dizer primeiro “Qual é a concepção de literatura que eu tenho”. Eu entendo literatura como produção cultural, como produção social, como discurso e... como tal, né? Sendo discurso sendo produção social, produção cultural, mesmo sendo governada por outras regras diferentes das regras de outros discursos, né? Não temos o compromisso de explicar de é... argumentar a partir de uma verdade, nossos preceitos são outros quando nós escrevemos. Pelo menos isso é o que eu penso e o que eu levo para minha experiência criativa, mesmo não tendo esse compromisso com a informação,

com a verdade, com o convencimento em torno de uma verdade, é... A literatura ela é discurso, ela é linguagem, nossa matéria é a palavra, nosso trabalho é com a linguagem, então a literatura ela se dá a partir da transformação que nós fazemos à linguagem... À linguagem cotidiana, conhecida, como diria Drummond que a gente usa pra abrir a porta, pedir para ir lá fora, então o primeiro trabalho transformar essa linguagem já conhecida cotidiana e ir em busca das potencialidades outras dessa linguagem, né? E aí entra a questão do trabalho estético, né? Só que nós somos seres feitos de linguagem feitos de palavras, quando nós transformamos a linguagem, nós também nos transformamos porque nós somos seres de linguagem, seres de palavras, e nem a linguagem nem as palavras... Eu tô separando, mas lógico, estou falando de algo imbricado, não é? Relacional. É... a linguagem, ela não é acessada, transformada... é... de forma descontextualizada. Todo ato criador é situado historicamente e socialmente então ao transformar a linguagem, aí agora vou falar da minha experiência, ao fazer o poema ou arquitetar o poema eu tenho consciência que eu estou fazendo trabalho de transformação, de provocação à linguagem. Só que eu como uma mulher, um ser feito de linguagem ao transformar a linguagem eu me transformo. Eu me deparo com novos sentidos, aquilo que escrevo e que eu que eu releio dispara sensações em mim, e que talvez aquelas mesmas palavras usadas num discurso persuasivo, explicativo, informativo, não me provoca as mesmas sensações quando eu leio um poema, sendo seja o que eu escrevo ou que outras mulheres escrevem. Então é nesse sentido que eu digo que nós transformamos a linguagem nos transformamos e como a linguagem ela é acessada, transformada, de forma contextualizada, né? Tudo isso se dá. A gente está historicamente e socialmente situadas e situados ao fazer essa transformação, então esse contexto ele também pode ser provocado, também pode ser transformado a partir do que eu leio, que é o poema, que é o conto, que é o romance. É nesse sentido que eu acredito que o que eu escrevo possa provocar algum tipo de transformação social, não porque eu já vá assumir esse compromisso no ato da escrita, no ato criativo, mas é porque essa transformação pode acontecer por causa dessa tríade que eu falei, né? O sujeito transforma linguagem, mas o sujeito é linguagem, então se transforma, essa transformação se dá de uma forma historicamente e socialmente situada. A leitura, fruição, contato com esse poema, com essa linguagem transformada vai se dar também no momento histórico e no lugar social, então acessar o poético, ler o poético, mergulhar no poético, pode disparar o desejo de provocar alterações, transformações no cotidiano, né? Então nesse sentido eu entendo que o que eu escrevo pode, colocando como uma possibilidade... É... colocar essas transformações sociais. E aí eu quero repetir

para ficar assim, bem delineado: Não é que eu já escrevo querendo, eu vou escrever para transformar a condição da mulher. Não. Eu não posso assumir esse fardo social, essa dimensão social. Eu gosto muito quando o Édouard Glissant... Ele fala que existem deveres que são unicamente da Literatura, né? E esses deveres unicamente na literatura eles podem disparar, ou seja, sempre uma possibilidade...é, transformações na sociedade, né? O Homi Bhabha Fala isso também, quando ele fala do campo enunciativo, né? Nós transformamos, deslocamos, alteramos os processos enunciativos como um campo de possibilidades, um vir a ser, mas ninguém vai nos dar garantia quando nós estamos no processo criador de que isso vai acontecer, sempre será uma transformação no campo da possibilidade e eu mesma como leitora já fui provocada, desafiado e transformada depois que eu li vários livros, né? É, depois que eu li Carolina Maria de Jesus, O diário de bitita e...é... Quarto de despejo, por exemplo. Ou Cem anos de solidão ou o conto O Alienista, ou A Hora da Estrela, ou Olhos-d'água de Conceição Evaristo. Eu não saio da leitura da mesma forma como eu entrei, eu sempre digo que eu saio da leitura sendo outra, e essa outra já é um ser transformado que foi desafiado a partir do contato com a linguagem transformada. Eu não volto mais para o dia a dia numa condição normal, eu volto desconfiando de tudo o que é tido como normalidade. Pelo menos é esse o mergulho que eu faço na literatura. Então quando eu escrevo eu procuro fazer essa alquimia com as palavras para que elas despertam na pessoa que vai ler essas perturbações que podem se converter em transformações no cotidiano

3) Que mulher é essa que está se construindo nas suas poesias?

(Resposta 3. Daniela Galdino)

Bem, a pergunta 3, né? Que mulher é essa que está se construindo nas minhas poesias. Eu diria que não é uma mulher, são várias mulheres, a começar por mim mesma, que não posso me colocar à parte desse processo. Já começo a dialogar com a sua última pergunta, né, sobre a autoficção, mas eu vou procurar responder isso separadamente. Então a pergunta que você me faz, a terceira, “de que mulher é essa que está se construindo as minhas poesias”, eu digo que não é uma mulher, são várias mulheres, várias possibilidades de mulheres, né? Já que eu falei na resposta anterior da literatura como um campo de possibilidades, né, um mergulho que não nos vai dar uma garantia de resultados, principalmente resultados dos efeitos sociais das transformações.

É... sendo esse campo de possibilidades eu tenho dificuldade de apontar, de dizer, de determinar que é uma mulher A, B ou C que está se fazendo nesses poemas porque eu não escrevo vislumbrando, é... um modelo de mulher que eu quero se concretize, não só nos meus poemas como na vida cotidiana. Acho que há um movimento contrário, né, é uma contra maré. Eu escrevo porque são várias as possibilidades de ser mulher, são várias as mulheres, são várias as dores, são várias as transgressões e limitações também, sociais são várias as interdições e isso me incomoda todos os dias porque eu sou mulher também. Eu sou uma mulher se fazendo, uma mulher que não está pronta, que não atingiu o grau máximo de feminismo ou de transgressão. Acho que isso é impossível. Então como são várias as formas de ser mulher eu estou sendo atravessada todos os dias por essas várias formas, várias possibilidades, inclusive aquelas que não fazem parte da minha experiência direta, isso me desperta um desejo duplo, né, de aproximação com essas mulheres várias e de diálogo. Então claro que tudo isso se manifesta no que eu escrevo, e como eu disse anteriormente, há esse campo de possibilidade que faz com aquilo que... faz com que o que eu escrevo, que no caso é poesia, possa perturbar, transformar, deslocar outras mulheres. Mas como eu disse, esse é um campo de possibilidades sem garantias, então por essa resposta você já está me vendo numa grande dificuldade de dizer quem é essa mulher. Não existe essa mulher porque não existe um modelo, não existe uma representação, existem representações, né, transgredidas de ser mulheres, sermos mulheres, né? Isso vai pra minha Literatura e nessa impossibilidade apontar que seja uma vertente de mulher, acho que está no próprio título dos meus livros, né? O primeiro que está esgotado, não tem edição prevista, que é o *Vinte poemas caleidoscópicos*, essa voz essas vozes de mulheres estão ali falando os desencontros amorosos e cada poema, são 20 poemas, né, e cada poema vai tentar captar uma forma desse desencontro, dessa dor, desses corpos dilacerados e fala partir de um lugar... É, de mulheres, vamos dizer essa transmutação. *Inúmera* que é essa impossibilidade de ser uma só, vai ser várias ao mesmo tempo, e eu lembro que quando eu criei o título desse livro eu falei inúmera aí o editor corrigiu, oh, desculpa! O revisor tentou corrigir pensando que era Inúmeras e até hoje tem gente que chama o livro de Inúmeras, mas eu falei “não, eu quero que seja Inúmera.” Ah, mas essa palavra existe? Eu já vi a palavra inúmeras, inúmeras vezes, por exemplo.” Falei, olha se ela não existe ela vai passar existe agora porque eu quero uma palavra que esteja no singular, mas que ao mesmo tempo desafie o entendimento por representar uma pluralidade. E isso está no livro, né? Tem... O livro dividido, senão me engano, em cinco partes, aí tem poemas falando da

infância, do erótico, do próprio... da própria reflexão sobre a escrita poética. É... essa, esse diálogo com outras mulheres, né, na parte do livro que eu tento dialogar com personagens de obras literárias, como no poema Cabaré Sideral como no poema Diário de Macabéa, que eu entrei numa viagem e fui escrever como se fosse uma página do diário de Macabéa. Então... E Espaço Visceral também, né, que você vai encontrar lá poemas homoafetivos, homoeróticos e poemas também que tenha um diálogo, uma representação desse encontro de corpos, sendo o corpo do homem, o corpo da mulher cis, vamos dizer assim. Então eu acho que é uma dificuldade de apontar que mulher é essa porque não é uma só, são várias, e aí eu volto a olhar para mim mesma, né, Eu não sou uma só, eu sou várias, não tenho heterônimas como Fernando Pessoa teve incontáveis heterônimos, mas eu faço uma brincadeira com isso no final do livro, né, que tem o poema que fala “ Minha heterônimas estão em assembleia e nada foi deliberado, invejo a organização de Pessoa”, mais ou menos assim, que é uma brincadeira que eu fiz, né, o último poema de Espaço Visceral, mas que vai dialogar com primeiro poema de Inúmera, não é? Que é um poema que fala “Sou intrusa, sou inúbio, sou inúmera”, entendeu? Sou Intrusa porque nunca vou me contentar em ser uma coisa só, caber num rótulo, caber numa caixa, sempre vou escapar. Sou inúbio porque não sou feita para casar-se no sentido de me submeter, me deixar dominar, né, pela instituição do casamento. A não ser que seja uma experiência rasurada que nem seja chamada de instituição. E sou inúmera porque a cada momento eu vou descobrir uma mulher diferente em mim mesma e essa descoberta, que é algo inconcluso, é o que vai ser o alimento da poesia que eu escrevo. Então são várias as mulheres, mas todas elas são desobedientes, insubmissas, transgressoras, inconformadas, é... Com sede de diálogo querendo encontrar outras mulheres, querendo dialogar, querendo que suas palavras chegam nos lugares e nas outras mulheres que ela sequer consegue determinar, apontar. Então são várias, mas várias nas suas propriedades transgressoras também.

4) Você acredita na “autoficção”? O que é escrito sempre perpassa experiências vividas, escrituras de si ou, como bem conceituou Conceição Evaristo, as Escrevivências?

(Resposta 4. Daniela Galdino)

Bem, sobre a última pergunta que você me encaminhou por e-mail, Allinne, se eu acredito que a escrita literária passa pela autoficção, pela escrita de si ou usando o termo

Conceição Evaristo pelas Escrevivências, acredito. Acredito na impossibilidade de distanciamento entre o vivido e o escrito. Claro que tudo é uma questão de equilíbrio, não podemos nos afastar completamente, assim..- Isso é o meu posicionamento- que eu acredito e o que eu pratico ao escrever, né, e o que eu busco construir enquanto entendimento quando eu leio que outras mulheres escrevem. Eu acho que tudo faz parte de um equilíbrio, de uma balança em que cada uma de nós, falando das mulheres, irá encontrar a medida, o caminho, que é possível para cada uma, porque eu desconfio do total distanciamento entre o escrito e o vivido. Desconfio e avanço dizendo que eu verdadeiramente não acredito, eu não acredito numa escrita literária, portanto, eu não pratico uma escrita literária que possa anular minha experiência pessoal enquanto mulher no mundo daquilo que eu escrevo. É..., o que eu escrevo parte das minhas experiências diretas, parte do que me incomoda, parte daquilo que o mundo... é... me envia e que se converte em incômodo. Então entendo a minha escrita como um contragolpe aos golpes do cotidiano e essa questão da escrita como contragolpe é um conceito trabalhado por um filósofo romeno que eu gosto muito, que eu não sei a pronúncia exata mas eu leio como Cioran, e... ele diz isso, a escrita é a desforra da criatura com relação ao criador. Toda escrita é um contragolpe a algo que o cotidiano, que a realidade social, é... direcionou a mim e que ofendeu a minha sensibilidade, despertou a minha atenção para desconfiar da normalidade. Eu desconfio de tudo. E eu desconfio, primeiramente, do que se considera normal, assentado, bem definido, então enquanto mulher eu não posso deixar de dizer que a minha escrita parte das minhas desconfianças com relação a minha própria condição enquanto mulher no mundo, a minha própria condição de mulher no mundo- desculpa, corrigindo. E como dizer até onde vai o vivido por mim, a que escreve o poema e o que é incômodo de outras, vivenciado por outras. Eu gosto de Manoel de Barros quando ele disse que “90% do que eu escrevo é ficção só 10% é mentira”, e, esse jogo, que é mais ou menos isso que ele fala, esse jogo que o Mestre Manoel de Barros faz é algo que deve ser pensado sim! Já ultrapassamos é...enquanto estudiosas e estudiosos da literatura, enquanto sujeitos que atuam na crítica literária desse entendimento que o ficcional é o inventado e que a gente tem que se isentar de se colocar na escrita porque a ficção é uma reelaboração..., mas uma reelaboração feita por um sujeito, no meu caso por uma mulher historicamente situada numa sociedade que ainda tenta me silenciar assim como tenta silenciar outras mulheres, tornar nossa presença como algo descartável, só que eu acredito na impossibilidade disso, não será possível nos banir, nos silenciar, nos descartar, porque como diz Raul Seixas “cê mata uma e vem outra em meu lugar”. Então eu penso em quantas mulheres resistiram antes de mim no campo das Artes e especificamente na literatura e que não se encontram mais nesse plano da materialidade em que eu me

encontro e não sei quando daqui algum tempo eu serei lembrada como essa mulher que habitou a terra de uma forma descontente, de uma forma desobediente, e uma das minhas desobediências é não acreditar na separação entre o vivido e o escrito. Lógico que eu não posso fazer dos meus livros páginas de diários da minha vida porque isso, sintá, interessaria as pessoas do meu convívio, mas eu tento sempre fazer uma alquimia com a linguagem que o que eu escrevo, poema que brota das minhas mãos sejam uma encruzilhada entre o que é incômodo a mim, o que é incômodo a outras, o que é silenciamento imposto a mim, o que é silenciamento imposto a outras, e essa equação vai se resolver no espaço do poema, na materialidade do poema. Até onde vai essa autoficção ou essa escrevivência? Qual é o limite disso eu não sei dizer. Tenho essa dificuldade e quero continuar tendo por que isso será um dos componentes da minha transgressão. Então o que Conceição Evaristo escreve, o que eu escrevo, não anula a experiência que eu vivi, que ela viveu, o que cada uma de nós viveu. Agora, a mágica, a alquimia, a feitiçaria com a linguagem que a gente exercita quando a gente escreve literatura e poesia, especificamente, é encontrar na linguagem essa encruzilhada, essa transmutação que vai tornar, é... Impossível de determinar o que é meu, o que é pessoal, que é da minha experiência direta, eu, Daniela, poeta, e o que é de outras. Penso assim.



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia –
UESB
Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP / UESB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Olá, Daniela,

Sou Allinne Silva Santos, professora e mestranda no programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, PPGREC-UESB, *Campus* de Jequié. Estou escrevendo para você a fim de convidá-la para uma pequena entrevista, onde nossa conversa será gravada e fotos serão tiradas no decorrer dela, de caráter informal e despadronizada.

Essa conversa será parte da minha dissertação de mestrado, cujo nome é “Literatura Feminina no Ciberespaço: Via de empoderamento, Subjetividades, Relações Étnicas e Resistência”, que propõe investigar que mulher ou mulheres são essas que estão se insurgindo, estão reescrevendo suas histórias e identidades por meio da escrita no espaço considerado de poder, como é o espaço virtual ou ciberespaço. Tendo como objeto de análise as suas obras publicadas no espaço virtual e o impacto que eles têm socialmente.

Você, criadora, poeta, performer, mulher e feminista e sua obra, que reflete não somente você como a figura de tantas outras mulheres, serão de extrema importância para mim e para o trabalho que estou a realizar, com o intuito e a esperança de que o resultado vá ajudar, auxiliar, de alguma forma, a transformar socialmente às nossas vidas e as vidas de muitas mulheres, homens e pessoas.

Acreditando nisto é que venho por meio desta carta pedir seu consentimento para que a sua imagem, sua voz, sejam publicadas, não sem que antes você reveja o conteúdo e esteja de acordo, sem gerar nenhum desconforto para você. A entrevista não será remunerada e tem o objetivo único de ouvi-la enquanto produtora das obras que serão pesquisadas e pessoa que vê sua obra no lugar de objeto de pesquisa, como

também ver o resultado dessa pesquisa. Caso aceite é só assinar este termo em forma de carta, escrita de maneira gentil, educada e respeitosa.

Com muita expectativa, estima e grande respeito é que almejo ver este convite sendo aceito. Desde já agradeço por toda atenção dispensada ao meu pedido.

Allinne Silva Santos.

Mestranda em Relações Étnicas e

Contemporaneidade-UESB E-mail:

allinnesilva@protonmail.com

Cel.: (73) 98827-4948

Jequié, 31 de julho de 2018

Daniela Galdino Nascimento

Daniela Galdino Nascimento

Prof.^a Ma. Escritora e Poeta

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, DANIELA GALDINO NASCIMENTO, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, as pesquisadoras Allinne Silva Santos (Orientanda e Pesquisadora responsável) e a Prof.^a Dr.^a Adriana Maria de Abreu Barbosa (Orientadora da Pesquisa) do projeto de pesquisa intitulado “Literatura Feminina no Ciberespaço: Via de empoderamento, Subjetividades, Relações Étnicas e Resistência” a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Jequié – BA, 02 de agosto de 2018

Daniela Galvão Nascimento

Participante da pesquisa

Allinne Silva Santos

Pesquisador responsável pelo projeto